

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA COMUNICAÇÃO
DE INTERESSE PÚBLICO**

DANILO GOMES DE OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA NA UNIVERSIDADE: Comunicação de
Interesse Público no Formato de Vídeo Documentário.**

São Caetano do Sul

2020

DANILO GOMES DE OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA NA UNIVERSIDADE: Comunicação de
Interesse Público no Formato de Vídeo Documentário**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Inovação na gestão e produção da comunicação de interesse público
Linha de Pesquisa: Produção e Recepção da Informação Pública

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rebeca Nunes Guedes de Oliveira

SÃO CAETANO DO SUL

2020

Oliveira, Danilo Gomes de

Violência e Homofobia na universidade: comunicação de interesse público no formato de vídeo documentário / Danilo Gomes de Oliveira – São Caetano do Sul – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2020. 126 p.

Orientador: Profª Drª Rebeca Nunes Guedes de Oliveira

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Homofobia. 2. LGBT. 3. Violência. 4. Jovens. 5. Universitários. I. OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Prof. Dr. Leandro Campi Prearo

Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa

Prof.^a Dra. Maria do Carmo Romeiro

Gestão do Programa de Pós-graduação em Comunicação

Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rebeca Nunes Guedes de Oliveira
USCS (orientadora)

Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso
USCS

Prof. Dr. Roberto Elísio dos Santos
USCS

Data da realização da Defesa: 18 de dezembro de 2020

*Dedico essa dissertação a todas as pessoas
que acreditaram no meu sucesso e me ajudaram a
chegar até aqui, também dedico esse trabalho a
todas as vítimas LGBTQ+.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores,

Transmitir conhecimento é fácil para aqueles que têm segurança e gostam do que fazem, amam a profissão e a ela dedicam grande parte de suas vidas, Ensinar é uma arte e, como tal uma tarefa reservada para poucos, porém privilegiada. Aos que foram verdadeiros mestres, só nos resta dizer que lhes é devido muito mais do que lhes é pago.

Ser mestre não é apenas lecionar. Ensinar não é apenas transmitir matéria. Ser mestre é ser instrutor, amigo, guia e companheiro, é caminhar com o aluno, passo a passo, e transmitir a este os segredos que souberam, além de transmitir seus conhecimentos, transmitir-nos suas experiências e apoiar-nos em nossas dificuldades.

Aos colegas e funcionários,

Agradeço por tudo que fizeram durante essa caminhada, que possamos nos encontrar de novo algum dia e relembrar tudo isso com alegria no coração e paz na alma de dever realizado.

Aos ausentes,

Podemos não estar fisicamente juntos, mas vocês fizeram parte dessa caminhada, por isso agradeço muito pelo tempo que passamos juntos, foi com vocês e por vocês que cheguei até aqui, gratidão por tudo e quando nos encontrarmos um dia, vamos comemorar todas as conquistas, vocês terão orgulho de mim.

Aos participantes do estudo,

Agradeço por terem aberto o coração para esta pesquisa e terem contado as suas histórias. Vocês são guerreiros/as e tem minha total admiração e respeito. Gostaria de poder abraçar cada um, mas infelizmente isso não é possível. Muita gratidão e que juntos possamos continuar fazendo desse mundo um lugar melhor.

Aos pais,

Agradeço por todo esforço que vocês dois tiveram em me criar, cada gota de suor que derramaram pra eu chegar até aqui. Mãe você é uma guerreira, pois criar sozinha uma criança dos doze anos até aqui, não é pra qualquer uma, você sabe disso melhor que ninguém. Hoje eu só estou aqui vivo pela sua persistência, muito obrigado por tudo.

RESUMO

A comunicação de interesse público constitui um importante instrumento para a disseminação de informações e conteúdos que promovem a cidadania e o bem comum. A violência e o preconceito sofridos pelos jovens universitários LGBT+, hoje, mesmo diante da contemporaneidade e da abertura para discussão sobre temas como homofobia e diversidade de gênero torna-se objeto do presente estudo, que buscou compreender como as experiências narradas por jovens universitários/as LGBT+ em um vídeo documentário podem contribuir para o enfrentamento da violência por homofobia nas instituições de ensino superior. Trata-se de um estudo exploratório e de abordagem qualitativa. O referencial teórico ancora-se na perspectiva de gênero para a compreensão da violência fundamentada na imposição de padrões heteronormativos; e no estado da arte da criação e aplicação de políticas públicas e ações sociais que buscam inserir e ensinar o respeito social à diversidade, angariando dados, conceitos e informações que nortearam a análise dos dados empíricos, provenientes de entrevistas realizadas com jovens inseridos no contexto LGBT+. Os resultados que emergiram da análise de relatos orais de quatro participantes sobre suas trajetórias universitárias revelaram a homofobia expressa pela intolerância, preconceito, discriminação e violência, nas suas diversas formas de manifestação. A violência motivada pela homofobia está fortemente presente no cotidiano dos jovens universitários, velada, naturalizada e banalizada, a despeito dos avanços que resultaram da luta desses agentes sociais nas últimas décadas. Os relatos ainda apontaram a inexistência de estratégias de enfrentamento do problema por parte das instituições de ensino, de modo que, quando houve algum enfrentamento, este aconteceu limitado à dimensão singular e subjetiva da iniciativa dos sujeitos. O processo de investigação para a produção da informação de interesse público permitiu, para além da observação e do levantamento de fatos, a interpretação da realidade teoricamente fundamentada, apontando para uma possibilidade inovadora, que agrega pesquisa e intervenção social por meio da linguagem audiovisual.

Palavras-Chave: Homofobia; Violência; Universitários; Comunicação; Interesse Público.

ABSTRACT

Public interest communication is an important tool for the dissemination of information and content that promotes citizenship and the common good. The violence and prejudice suffered by young LGBT + university students today, even in the face of contemporaneity and openness for discussion on topics such as homophobia and gender diversity, becomes the object of the present study, which sought to understand how the experiences narrated by young university students / LGBT + in a documentary video can contribute to tackling homophobia violence in higher education institutions. This is an exploratory study with a qualitative approach. The theoretical framework is anchored in a gender perspective to understand violence based on the imposition of heteronormative patterns; and the state of the art of creating and applying public policies and social actions that seek to insert and teach social respect for diversity, collecting data, concepts and information that guided the analysis of empirical data, from interviews with young people inserted in the LGBT + context . The results that emerged from the analysis of oral reports by four participants about their university trajectories revealed the homophobia expressed by intolerance, prejudice, discrimination and violence, in its various forms of manifestation. The violence motivated by homophobia is strongly present in the daily lives of young university students, veiled, naturalized and trivialized, despite the advances that have resulted from the struggle of these social agents in recent decades. The reports also pointed to the lack of strategies for coping with the problem on the part of educational institutions, so that, when there was some confrontation, it happened limited to the singular and subjective dimension of the initiative of the persons. The investigation process for the production of information of public interest allowed, in addition to observation and the gathering of facts, the interpretation of theoretically grounded reality, pointing to an innovative possibility, which aggregates research and social intervention through audiovisual language.

Key words: Homophobia; Violence; College students; Communication; Public Interest.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Captura de tela da página do Instagram	77
Figura 02 - Captura de Tela dos Vídeos	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Denúncias de violência contra LGBTI+ no Brasil (2011–2017) pelo Disque 100	35
Gráfico 02 - Denúncias de lesão corporal contra LGBTI+ no Brasil (2011–2017) pelo Disque 100	35
Gráfico 03 - Número de denúncias de homicídios e de tentativa de homicídios no Brasil contra pessoas LGBTI+ (2011–2017), pelo Disque 100	36
Gráfico 04 - Distribuição dos participantes segundo orientação sexual	50
Gráfico 05 - Prevalência de violência	51
Gráfico 06 - Tipos de violência sofrida	51
Gráfico 07 - Locais onde a violência acontece	52
Gráfico 08 - Quem perpetuou a violência	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Listagem dos Filmes Brasileiros Lançados Comercialmente em Salas de Exibição 1995 a 2018	79
Tabela 02 - Listagem de Documentários Youtube	80

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	26
1.1.	Origem do estudo.....	26
1.2.	Problematização e Pergunta-Problema	26
1.3.	Objetivo Geral.....	30
1.4.	Objetivos específicos	30
1.5.	Justificativa da Pesquisa	30
1.6.	Delimitação do Tema.....	32
1.7.	Vínculos com a área de Concentração e Linha de Pesquisa	32
2.	REVISÃO DA LITERATURA	34
2.1.	A violência contra a população LGBTQ+	34
2.2.	Contextualização do cenário nacional em relação à homofobia, legislação e políticas públicas	37
2.2.1.	Legislação relacionada à população LGBTQ+	38
2.2.2.	Políticas Públicas LGBTQ+.....	39
2.3.	Homofobia em Instituições de Ensino	40
2.4.	Referencial conceitual: a homofobia como construção social.....	45
3.	MÉTODO DA PESQUISA	49
3.1.	Procedimentos para o desenvolvimento da proposta de intervenção.....	50
4.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	54
4.1.	A homofobia entre caixas e bolhas: cerceamento, violência e preconceito no processo de socialização de universitários	64
4.2.	Quando o problema (não) é apenas deles/as: silenciamento e dimensão singular dos sujeitos no enfrentamento da homofobia	70
5.	ESPECIFICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO OU APLICAÇÃO	76
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
7.	REFERÊNCIAS	98
8.	APÊNDICES	103

8.1. Etapa 1	103
8.2. Etapa 2	108
8.3. Termo de cessão de direitos de uso de áudio e imagem	113
8.4. Transcrição dos Depoimentos.....	114
8.4.1. Depoimento Taiane	114
8.4.2. Depoimento Jardel	117
8.4.3. Depoimento Allyson	123
8.4.4. Depoimento Billy	126

1. INTRODUÇÃO

1.1. Origem do estudo

O interesse na luta LGBT+, dentro do âmbito acadêmico, parte da vivência diária com pessoas integrantes da comunidade e que, diariamente, lutam para obterem formação acadêmica e, por conseguinte, um diploma e uma inserção social livre de preconceitos e opressão. Para muitas pessoas, essa luta não é percebida ou compreendida. As dificuldades enfrentadas cotidianamente permeiam diversas escalas sociais antes de chegar ao ambiente universitário, as quais sejam: a heteronormatividade compulsória, o preconceito dentro do lar, a violência na rua e outros diversos fatores que tornam a vida do estudante LGBT+ um desafio diário e constante.

Através da etno-história, resgatamos as pistas relativas à gênese e significado da intolerância anti-homossexual em nossa sociedade, evidenciando o quanto a homofobia tem suas raízes fincadas na tradição judaico-cristã, que desde cedo percebeu o caráter ameaçador, político e revolucionário do amor e sexo entre dois machos ou duas fêmeas, castigando a homossexualidade como crime abominável e o mais detestável de todos os pecados (MOTT, 2015, p. 15).

O presente estudo discutirá as vivências de estudantes universitários dentro do movimento LGBT+ e as implicações em assumir socialmente sexualidades contrárias às regras heteronormativas, além da busca por um espaço que, constitucionalmente, deveria ser garantido a todos os indivíduos, mas que hoje é negado através da segregação de direitos e preconceitos já velados na cultura patriarcal e heteronormativa. A análise do presente tema envolverá a relação entre a homofobia e a inserção na educação formal de nível superior.

1.2. Problemática e Pergunta-Problema

O termo homofobia é um neologismo criado pelo psicólogo George Weinberg (1971), combinando a palavra grega *phobos* (medo) com o prefixo homo (igual) (JESUS, J. 2015, p.25). Neste sentido, o significado de homofobia seria medo do igual, de acordo com esse neologismo. Ademais, hostilidades verbais não são a única forma de violência contra a população LGBT+. Em dados obtidos pela Secretaria dos Direitos Humanos, em 2012, foram registradas mais de três mil violações de caráter homofóbico no Brasil, asseverados apenas por dados estatísticos, visto que muitas vítimas ainda reverterem a agressão em medo e vergonha de se expor numa situação de violência (VALENTE, 2018).

Em um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia, foram apontadas 445 mortes de LGBTQ+ motivadas por homofobia no ano de 2017 em todo Brasil. O levantamento refere que uma pessoa LGBTQ+ é vítima a cada vinte (20) horas. São os maiores índices desde o início do monitoramento elaborado pela entidade, há trinta e nove anos (MICHELS; MOTT; PAULINHO, 2019, p. 01).

Um projeto de lei datado de 2006 (PL 122/06), que buscava a criminalização da homofobia, esteve em tramitação por oito anos até seu arquivamento, por falta de apoio legislativo. O texto referia-se a preconceitos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero e equiparava-os a outros tipos de preconceitos descritos em leis, como a xenofobia e o racismo, e foi arquivado após tramitar por mais de duas legislaturas de quatro anos (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018).

Em relação ao envolvimento dos três poderes do Estado com criminalização da Homofobia, Borges acrescenta que

O poder judiciário apresenta uma certa sintonia com os avanços na área dos direitos fundamentais e coletivos dessa população; o poder executivo desenvolve ações de baixa efetividade para a população LGBTQ; e o poder legislativo tem se recusado a aprovar uma legislação que promova os direitos dessa população. Essa análise, assim, chama a atenção para a cumplicidade do Estado na discriminação de pessoas LGBTQ (BORGES, 2017, p. 239).

A inexistência de leis punitivas para a homofobia serviu, durante toda a história, como pano de fundo para a legitimação de crimes de ódio contra LGBTQ+. As justificativas atribuídas a estes crimes são banalizadas pelo pensamento patriarcal, que se apoia no pensamento religioso, concebendo a heteronormatividade como regra e qualquer comportamento alheio a isso é interpretado como pecaminoso. Por ser um pensamento teocêntrico e emocional, sua desconstrução, assim como o enfrentamento, torna-se ainda mais difícil. A construção desse discurso ancora-se no preconceito, que, para Bobbio (2002), trata-se de

[...] uma opinião ou um conjunto de opiniões, às vezes até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida acrítica e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: “acriticamente” e “passivamente”, na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional, vale dizer, a qualquer refutação feita com base em argumentos racionais (BOBBIO, 2002, p. 103).

Segundo Jesus, J. (2015, p. 30), frases como “prefiro ter um filho ladrão do que homossexual”, “bichinha só tem três opções: inferno, cadeia ou hospício”, ou até “veado tem mais é que morrer” são expressões proferidas, ouvidas e reiteradas sem questionamento, manifestando um discurso homofóbico e ouvidas por muitas vezes dentro da própria casa e locais de convívio de LGBTQ+. A autora ainda diz que o cerceamento da cidadania básica é experimentado pela população LGBTQ+, de tal forma, que nem mesmo consegue exercer seus direitos básicos e fundamentais, como frequentar a igreja ou entrar em um estabelecimento sem qualquer tipo de agressão física e verbal.

Pode-se destacar que o direito à igualdade, conforme determina a Constituição Federal, não é aplicado e garantido para a população LGBTQ+. A começar pelo direito a vida, visto que a expectativa de vida de um transexual é, em média, de 35 anos. Vale lembrar que a LGBTQfobia é a terceira maior causa de *bullying*, como apontou a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016 (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018). Dos dados colhidos, é alarmante que 73% dos estudantes LGBTQ+ já relataram terem sido agredidos verbalmente e 36% fisicamente. A intolerância sobre a sexualidade levou 58,9% dos alunos que sofrem agressões físicas e verbais a faltarem às aulas, no mínimo, uma vez ao mês. A evasão escolar é agravada pela falta de preparo dos professores, que não sabem lidar com situações de preconceito por gênero e sexualidade nas salas de aula, como apontou a representante do Fórum Nacional de Educação, Olgamir Amância (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018).

Em contrapartida ao Projeto de Lei que criminaliza a homofobia e não obteve apoio e atenção suficiente para que fosse aprovado, ficando oito anos em espera, o deputado federal João Campos (PSDB/GO) apresentou, em 2011, um Projeto de Decreto Legislativo (PDL), que suprimia uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), ao ano de 1991, e proibia psicólogos de realizarem terapias para alterar a orientação sexual de seus pacientes (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018). Tal resolução baseava-se no entendimento da Organização Mundial da Saúde (OMS) que, em 1991, definiu que homossexualidade não deve ser considerada doença, por não haver relação patológica (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018). O projeto, apesar muito criticado por ativistas LGBTQ+, foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, em 2013, formada em sua maioria por cristãos conservadores. Mas apenas alguns dias depois, o projeto foi arquivado a pedido do próprio requerente, já que o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) foi contrário à sua aprovação (FIGUEIREDO; MORAIS, 2018).

Na pesquisa sobre “As Experiências de Adolescentes e Jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais em Nossos Ambientes Educacionais”, realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), em 2016 foi perguntado para os participantes se em algum momento do ultimo ano letivo, eles se sentiram inseguros na instituição educacional por conta de alguma característica pessoal (orientação sexual, gênero, identidade/expressão de gênero, altura ou peso), 60,2% afirmaram se sentir inseguro por causa de sua orientação sexual e 42,8% por causa da maneira como expressam o gênero (ABGLT, 2016, p.27).

Quando verificamos que o ambiente educacional se torna inseguro e de risco, podemos compreender o quão mais difícil se torna a inserção e a aceitação da diversidade nesses ambientes. Um ambiente que deveria ser propício a novas ideias, concepções, espaço de discussões e desenvolvimento da cultura, acaba se tornando um ambiente de repressão e ignorância em suas mais diversas maneiras de expressão. Como exemplo, podemos citar os comentários pejorativos ouvidos pelos estudantes, como evidenciado na mesma pesquisa, quando foi perguntado sobre a frequência com que ouviam comentários LGBTfóbicos.

O resultado da pesquisa demonstra que 47,5% dos estudantes LGBT+ já ouviram colegas fazendo comentários homofóbicos, tais como: “bicha”, “sapatão” ou “viado”, de forma frequente ou quase frequente dentro da escola (ABGLT, 2016, p. 31).

Assim, podemos observar que o desrespeito à diversidade de gênero vai muito além de somente simples aceitação e inserção. Está também na mudança de pensamento, no ensino que o diferente deve ser aceito, não somente pelo respeito, mas pela compreensão de que um pensamento não necessita seguir uma regra concisa, imutável e absoluta.

A intenção da utilização dos recursos audiovisuais neste trabalho é dar visibilidade a este problema social, trazendo depoimentos e exemplos que demonstrem a dificuldade do enfrentamento da abertura do tema ao público que se insere em universidades e instituições de ensino, evidenciando, principalmente, como o público LGBT+ lida com as situações, diária e constantemente, nesse ambiente, e as maneiras de expor soluções de conciliação e melhoria do relacionamento com a sociedade estudantil no geral.

E quando falamos deste ambiente, não abordamos somente aqueles que se configuram como alunos, mas também o corpo docente como um todo, levando para além da sala de aula a necessidade de enfrentar o preconceito e a violência. Neste caso, os recursos de comunicação audiovisual irão colher tais relatos, reflexos e necessidades, trazendo a visibilidade citada, de maneira detalhada, expressiva e aberta, visto que dos documentários já existentes, foi possível realizar vários estudos e pesquisas sociais, levando o problema à

discussão aberta. A ideia de utilizar esse mesmo padrão de desenvolvimento de material comunicativo foca em obter mais informações acerca das questões relacionadas ao público LGBT+.

Embasados nessa problemática, foi idealizado um estudo, que busca respostas ao questionamento: **Como um produto comunicacional no formato de vídeo documentário pode contribuir para o enfrentamento da homofobia em contextos universitários?**

1.3. Objetivo Geral

Compreender como as experiências narradas por jovens universitários/as LGBT+ em um vídeo documentário podem contribuir para o enfrentamento da violência por homofobia nas instituições de ensino superior.

1.4. Objetivos específicos

- Levantar narrativas de violência e homofobia a partir dos relatos de jovens LGBT+ em suas trajetórias universitárias;
- Analisar as expressões de homofobia que se revelam nos relatos orais de jovens LGBT+ sobre sua trajetória universitária;
- Entender as formas de enfrentamento mobilizadas frente ao problema;
- Desenvolver um produto comunicacional, no formato de vídeo documentário, que tenha como foco a problemática da homofobia na universidade.

1.5. Justificativa da Pesquisa

Investigar e documentar em formato de vídeo documentário a relação entre violência e homofobia, no âmbito universitário, visa promover a visibilidade e o debate sobre violência e a homofobia contra jovens estudantes LGBT+ na esfera pública, produzindo material que cumpra papel informativo à sociedade. A comunicação de interesse público pode possibilitar o avanço das políticas públicas, voltadas para a segurança física e emocional dos jovens inseridos neste contexto, em forma de material de conscientização e elucidação do respeito à diversidade. Sabendo que a comunicação tem um papel fundamental no processo de investigação, informação e exposição de fatos e eventos, o vídeo documentário auxilia na visibilidade social dos problemas constantemente vivenciados pelos jovens universitários LGBT+, sendo um importante elemento para a produção da opinião pública em torno de temas de relevância social.

As diversas formas de violência sofridas por pessoas LGBT+ vão além de agressões físicas e verbais. Uma das formas de mutilação mais profunda é a que acontece psicologicamente em um jovem em situação de vulnerabilidade em relação a sua sexualidade, muitas vezes em negação e reprimindo seus desejos em forma de ódio contra si mesmo.

Para termos uma ideia mais precisa do quanto é complicado viver uma vida dupla, de mentiras e com grande desperdício de energia psíquica, vamos a um caso bem interessante de um rapaz. Noivo e com uma vida bastante conturbada, ele começou a criar – para sua esposa, amigos e familiares – desculpas para sair à noite, conhecer rapazes e ter seus encontros puramente sexuais [...] Ele criou tantos personagens e tantas histórias em sua mente, para dar desculpas, que foi parar em um tratamento psicológico em estado grave (de quase psicose), pois ele não sabia ‘quem era quem’ (VIANA, 2016, *online*).

Partindo do pressuposto de que a comunicação de interesse público constitui um importante instrumento para a disseminação de informações e conteúdos que promovam a cidadania e o bem comum, cabe citar a “*Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015*”, organizada por Reis e Harrad (2016, p.55), onde se afirma que os profissionais das instituições de ensino que tenham uma postura acolhedora é um recurso importante para os estudantes LGBT, uma vez que a possibilidade de conversar com alguém mais experiente pode impactar positivamente nas experiências obtidas em âmbito acadêmico, especialmente aqueles que se sentem marginalizados ou que foram vítimas de violência (REIS; HARRAD, 2016, p.55).

Isso é, quando se aborda este assunto, de forma a utilizar a comunicação, é com a intenção de levar abertura ao tema, levando às pessoas que se relacionam e têm contato com esse público a noção de que pessoas pensam de maneira diferente, sentem de maneira diferente, querem coisas diferentes e estão dispostas a escolhas diferentes daquelas hegemonicamente prescritas enquanto normas.

Sendo assim, podemos ver que é essencial, também, as instituições, como maneira de apoio, oferecerem suporte psicológico e apresentarem o tema, abertamente, assim como a discriminação de raça e etnia é discutida, hoje, abertamente.

O presente estudo objetiva promover a visibilidade do problema no contexto universitário, a partir das experiências vividas e narradas por jovens nesse âmbito. Essas narrativas, analisadas, editadas e comunicadas no formato audiovisual poderão contribuir para ampliar o debate acerca do tema nas universidades e instituições educacionais, constituindo uma possibilidade de elucidação da problemática na esfera pública.

1.6. Delimitação do Tema

Serão abordados os desafios de estudantes universitários LGBTQ+, suas aspirações pessoais, acadêmicas e profissionais. Captar e interpretar a realidade concreta vivenciada por pessoas que assumem vivências contraditórias ao padrão heteronormativo gera impacto na vida e na formação acadêmica.

Com o desenvolvimento da estratégia comunicacional em formato de vídeo documentário, buscamos promover o debate acerca da homofobia, dando, ênfase os problemas enfrentados pela comunidade LGBTQ em sua rotina. Entretanto, a presente dissertação tem como foco o âmbito acadêmico paulista, através do questionamento e a crítica à reprodução de estereótipos sexuais e de gênero que perpassam todas as esferas sociais da vida dessas pessoas que sofrem a homofobia durante a sua vida acadêmica. Para Jesus, J. (2015, p.90):

Reconhecendo a interseccionalidade de opressões também avançamos num entendimento integral acerca do ser humano, e conseguimos enfrentar, de maneira mais proativa, violações que afetam as pessoas.

1.7. Vínculos com a área de Concentração e Linha de Pesquisa

A comunicação de interesse público não é realizada apenas por órgãos públicos e com ligações governamentais. O interesse público define a priorização dos anseios e das necessidades de uma sociedade, a partir de critérios temporais e espaciais de sua população. Costa (2016, p.20) a define da seguinte maneira:

É toda ação de comunicação que tem como objetivo primordial levar uma informação à população que traga resultados concretos para se viver e entender o mundo melhor. Sua missão traduz-se no esforço de difundir, influenciar, criar ou mudar comportamentos individuais e coletivos em prol do interesse geral.

Tendo por base a definição de Costa (2016, p. 20), o objetivo primordial da comunicação é levar informações que resultem na melhora na vida da população, buscando uma nova forma de enxergar e entender as questões de gênero e sexualidade, colocando-as como ponto necessário para a compreensão do mundo. É importante que a discussão seja

pautada em dados e informações consistentes, visto que o Brasil é o país que mais mata e o que mais consome conteúdo adulto LGBT+.

Igualmente, é de utilidade e importância pública que o tema seja discutido a fim de mudar comportamentos:

[...] se articula de forma mais relevante ao se apresentar, não como interesse público (a população), mas como utilidade pública, interesse comum ou social e benefícios individuais ou coletivos (SALDANHA; ALVES, 2017, p.13).

Sendo assim, a linha de pesquisa e o objetivo deste trabalho intencionam, através da pesquisa científica, irá expor números e estudos que embasam e descrevem a violência sofrida e vivida pelo público em questão, o que também será discutido e comprovado pelos relatos documentados por meio da gravação e produção de um vídeo documentário, cujo objetivo é a produção de conteúdo informativo e estrutural para uso público-social, tornando-se uma ferramenta de combate a homofobia.

A produção de informação pública consistirá na coleta de depoimentos de quem vivencia a realidade LGBT+, a partir de questionamentos relacionados ao tema, buscando a expressão das dificuldades e obter sugestões de mudanças necessárias para um convívio harmonioso entre diferentes grupos. A ideia é contribuir para a inserção de grupos e respeito à diversidade de gêneros, servindo, até mesmo, como informação de interesse para a criação de políticas públicas e sociais, e trazendo ao trabalho científico a característica comunicativa para geração de informações de interesse público.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A violência contra a população LGBT+

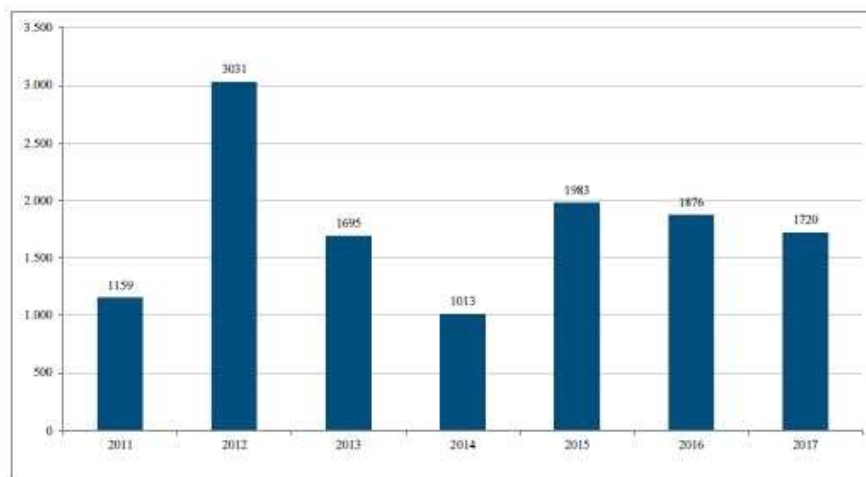
Dados recentes da realidade brasileira revelam que um LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) morre a cada vinte horas, como vítima de assassinato ou suicídio. O Brasil é o país que mais registra crimes contra essa minoria sexual, de acordo com o Grupo Gays da Bahia (MICHELS, MOTT, PAULINHO, 2019, p. 01). Ainda de acordo com esse levantamento, em 2018, foram mortos 191 gays, 164 transexuais, 52 lésbicas, 8 bissexuais e 5 héteros, totalizando 420 vítimas, sendo que 70% dessas mortes incidem na faixa etária entre 18-40 anos.

O Atlas da violência 2019, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), esboça em uma seção inédita a situação da violência contra a população LGBTI+. Nessa pesquisa, foram abordados temas centrais, que enfatizam sobre a gravidade da temática e como aparentemente a questão vem se agravando nos últimos anos Instituto. Tais questões estão relacionadas à subnotificação do problema, que leva à invisibilidade de sua magnitude, conforme demonstram os dados oficiais (IPEA; FBSB, 2019). Um exemplo, de acordo com a publicação, é a ausência de números que apontem o tamanho da população LGBTI+, aspecto que dificulta ou, até mesmo, torna inviável um levantamento fidedigno de dados sobre a violência perpetrada contra essa população, uma vez que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por sua vez não direciona perguntas às questões sobre a orientação sexual.

As informações que compõem o Atlas da violência 2019 foram levantadas a partir de duas bases distintas: o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), fonte das denúncias registradas no Disque 100; e o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, que detém os registros administrativos do (IPEA; FBSP, 2019, p.56).

O Disque 100 é um canal de denúncias sobre violação dos direitos humanos, cujo público-alvo são os grupos sociais mais vulneráveis, a exemplo de LGBT+, idosos e mulheres. Dados publicados pelo IPEA e FBSP (2019) apontam que o número total de denúncias acerca de violência contra LGBT+ nesse canal apresentou maior incidência no período entre 2012-2017 (3.031 denúncias). Desde 2013, esse número tem variado, não ultrapassando duas mil (2.000) denúncias, conforme observa-se no Gráfico 01, publicado no Atlas da violência 2019.

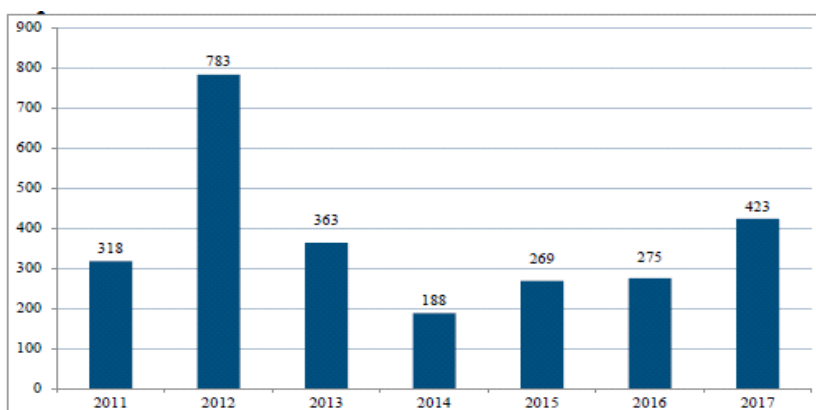
Gráfico 01 - Denúncias de violência contra LGBTI+ no Brasil (2011–2017) pelo Disque 100.



Fonte: Disque 100/MMFDH (Diest/IPEA; FBSP 2019).

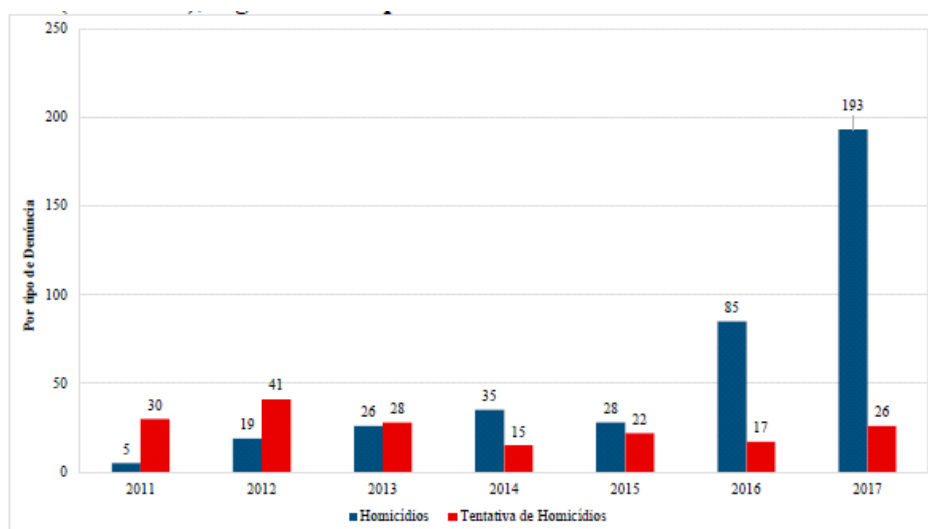
O mesmo processo seguiu o número de denúncias por lesão corporal e tentativas de homicídio contra pessoas LGBT+. Em 2012, o registro total de denúncias foi o mais elevado, conforme apresentado nos Gráficos 02 e 03, publicados por IPEA e FBSP (2019) e apresentados a seguir.

Gráfico 02 - Denúncias de lesão corporal contra LGBTI+ no Brasil (2011–2017) pelo Disque 100.



Fonte: Disque 100/MMFDH. Elaboração (Diest/IPEA; FBSP, 2019).

Gráfico 03 - Número de denúncias de homicídios e de tentativa de homicídios no Brasil contra pessoas LGBTI+ (2011–2017), pelo Disque 100.



Fonte: Disque 100/MMFDH. Elaboração (Diest/IPEA; FBSP, 2019).

De acordo com os gráficos, houve uma dinâmica contrária em relação às denúncias de homicídio, cuja incidência tem aumentado consideravelmente nos últimos sete anos. Pode-se observar um crescimento de 5 casos em 2011 para 193 casos, em 2017. Tal aspecto pode ser justificado por uma possível redução da subnotificação dos homicídios diante da crescente atuação do movimento LGBT+ nesse mesmo período, o que é um achado contraditório em relação às agressões, violências e tentativas de homicídio, visto que o Atlas chama a atenção para o fato de a incidência de homicídios superar a de tentativas de homicídio (IPEA; FBSP, 2019). De acordo com as referidas instituições, uma explicação para essa discrepância no número de homicídios em relação ao número de tentativas seria uma maior divulgação e difusão do Disque 100. Todavia, tal observação abrange a outras formas de violência.

A violência por homofobia é influenciada, segundo Cazeiro *et al.* (2019, p.07), pelas múltiplas intimidações e cerceamentos nos espaços cotidianos de circulação, interação e consumo, que, por muitas vezes interdita sexualidades e gêneros dissidentes.

A abordagem constituída de diversidades permite detectar a relação entre os distintos movimentos sociais, sejam eles ligados à atividade laboral, como o movimento sindicalista, ou a outras identidades e focos, de forma a esmiuçar especificidades e similitudes e vínculos entre diversos movimentos e maneiras de mobilização. Esse ponto inicial estimula a visão para além das singularidades de um movimento eventual de protestação ou campanha (TATAGIBA; GALVÃO, 2019).

A interseccionalidade da abordagem possibilita a interação da diversidade, proporcionando a aceitação das distintas culturas e identidades existentes na população. No espaço das sexualidades e embasados na revisão de literatura sobre cisgeneridade, potencializa-se a importância do uso do termo para uma revisão mais ampla da sapiência humana (CAZEIRO, *et al.*, 2019, p. 03).

Na maneira em que essas diferenças vão se tornando invisíveis e, muitas vezes, desabonadas pela racionalidade automática técnica que constitui e legitima as desconformidades fragmentadas das demandas da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pessoas Trans, *Queers*, Intersexuais, Assexuais e outras identidades mais (LGBTQIA+), é necessário que essas acepções, tornem-se definitivas, obtendo seu lugar legítimo para identificar iniciativas que proporcionem a viabilização e promoção da formação de uma perspectiva de desenvolvimento equitativa, crítica e multicultural (CAZEIRO *et al.*, 2019, p. 02).

2.2. Contextualização do cenário nacional em relação à homofobia, legislação e políticas públicas

A homofobia se manifesta pela angústia do desaparecimento do limite e hierarquia da disposição heterossexual, como também representa aversão à valorização e reconhecimento dessa identidade, estando presente no cotidiano, visualizado pelas práticas de injúrias e insultos. É consensual, familiar e continua sendo causa de sofrimento para muitos núcleos familiares, sendo a razão do direcionamento a consultas psiquiátricas, como também da inquietude dos pais durante a descoberta da violência homofóbica praticada aos seus filhos (BORRILO, 2010, p. 17).

No cenário da violência homofóbica nacional é possível verificar duas expressões que parecem distintas, mas que possuem o mesmo valor equivalente, o preconceito e a discriminação. O preconceito aponta as percepções intelectuais contraditórias, em face de indivíduos de grupos de aspectos culturais e socialmente reduzidos. A discriminação é a concretização de ações opressoras inteiramente relacionadas ao preconceito, provocando abuso dos direitos individuais e coletivos minoritários (BORRILO, 2010, p. 112).

O apontamento das percepções distintas em meio aos indivíduos e grupos é considerado como preconceito, em que são expressadas opiniões divergentes diante de outros indivíduos e grupos, tendo como pertencimento ou assimilação destes a um círculo tido como abjeto (BORRILO, 2010, p.53).

2.2.1. Legislação relacionada à população LGBT+

No âmbito legislativo, na luta e combate a qualquer forma de violência à classe LGBT+, o Comitê de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados facultou, em 2014, o plano de criminalização à transfobia e à homofobia com o Projeto de Lei nº 7.582/2014. Neste documento, julga-se como crime hediondo o assassinato de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, intersexo e demais pessoas trans (BRASIL, 2014). O projeto de lei vem instituir a criminalização de ataques com maior potencial ofensivo como estupro, latrocínio, extorsão mediante sequestro e feminicídio - incluído recentemente no rol dos homicídios qualificados (XAVIER, 2019), devido ao Código Penal brasileiro não prever este crime em suas alíneas.

Quando falamos do tratamento legislativo, podemos verificar alguns decretos normativos, que estão relacionadas à igualdade de gênero e orientação sexual e garantem direitos, como a possibilidade do “uso de nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (Decreto nº 8.727/2016)¹, portarias como a nº 2.836/2011, que garante no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT+ (Decreto nº 5.397/2005) e a Portaria nº 2.803/2013 do Ministério da Saúde, que amplia e redefine as regras do Processo Transsexualizador realizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) passando a garantir este direito bem como a Resolução nº 1.955/2010 do Conselho Federal de Medicina que estabelece os procedimentos para a realização de cirurgias de transgenitalização (BRASIL, 2017, p. 63).

Temos também resoluções, como a Resolução nº 4/2011 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, que vem estabelecer alguns parâmetros e recomendações aos Departamentos Penitenciários Estaduais, para que seja garantido o direito à visita íntima para casais homossexuais; a Portaria nº 513/2010, que funciona no âmbito do Ministério da Previdência Social e reconhece união estável entre pessoas do mesmo sexo, para que tenham assegurado o direito de igual tratamento a seus dependentes para fins previdenciários, e também a Resolução Conjunta nº 1/2014, que vem estabelecer parâmetros de acolhimento de indivíduos denominados LGBT+ em privação de liberdade no Brasil.

Além destes, podemos verificar também algumas outras iniciativas legais, que criaram dias de conscientização e meios de informar a sociedade como um todo. Um exemplo disto é

¹ Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em <https://bit.ly/2V8B3FH>. Acesso em 24 Nov. 2020.

o Decreto nº 7.388/010, que criou e estruturou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD) que teve o poder de criar o Conselho Nacional LGBT+, determinar e definir suas competências e funcionamento. Temos, ainda, o Decreto de 4 de junho de 2010, que reconheceu a data de 17 de maio como o “Dia Nacional do Combate à Homofobia”, promovendo informação e conscientização sobre o assunto a fim de salvaguardar o direito de expressão deste público; e a aprovação do “Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 3” (Decreto nº 7.037/2009).

Além das resoluções, decretos e portarias relacionadas à igualdade de gênero e orientação sexual, mencionadas anteriormente, também podemos citar a lei civil que estabelece e torna viável a “adoção por casais e solteiros homossexuais”, respaldada pelo art. 42 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Outro direito é a reprodução assistida, reconhecido pelo Conselho Nacional de Justiça, no Provimento nº 52/2016, a casais héteros e homoafetivos. Como em uma relação heterossexual, também na relação homoafetiva passou a existir o direito a herança da pessoa falecida, de acordo com norma estabelecida no art. nº 1.829 do Código Civil.

O Decreto Presidencial nº 8.727, de 28 de abril de 2016, assegura o direito do uso do nome social, assim como a Portaria nº 1.820/2009, que também assegura o “uso do nome social e a identidade de gênero do usuário do serviço no Sistema Único de Saúde”.

A Instrução Normativa nº 1.718, de 18 de julho de 2017, da Receita Federal, que trata do mesmo assunto, autorizando a inclusão do nome social no Cadastro Pessoa Física (CPF) do (a) contribuinte transexual ou travesti.

Há também um debate em volta do uso do banheiro público que ainda está pendente de julgamento, de acordo com o parecer da Procuradoria-Geral da República no Recurso Extraordinário nº 845.779. E a discussão sobre o direito à educação e à igualdade de condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 2017, p. 63).

Além de todos esses direitos, normativas e leis, o Código Penal passou a prever também o aumento da pena de um a dois terços em casos de crime cometido em razão de homofobia ou transfobia em lesão praticada contra agente público e ou alguma autoridade, membros do sistema prisional e seus respectivos cônjuges e familiares até terceiro grau (BRASIL, 2017, p. 63).

2.2.2. Políticas Públicas LGBT+

Falar de políticas públicas da população LGBT+ é refletir acerca das situações cotidianas que esse público está inserido e pensar sobre a evolução do ser humano e em seus direitos humanos.

No panorama dos direitos sexuais no Brasil, a Constituição de 1988, possui sua importância que deve ser considerada, tendo em vista seus limites característicos e categóricos do período em que foi elaborada, atualmente configurada como um mecanismo importante para modificações progressistas na visão pública e enquanto ferramenta de luta pela cidadania LGBT+ as políticas públicas são uma estratégia que busca contemplar estas demandas (SOUZA, 2015, p.07).

Na formulação das políticas públicas no Brasil o Programa Nacional de Direitos Humanos e o Programa Nacional de Direitos Humanos 2 (PNDH 2) é o marco histórico relativo à construção de políticas públicas no Brasil, no ano de 2002, na gestão do Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que discorria dentre suas 518 ações, das quais cinco contemplam a orientação sexual como dimensão do cumprimento dos direitos a liberdade, expressão, opinião e direito à liberdade de Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais (SOUZA, 2015, p.8).

Durante os anos 2000, de acordo com os estudos relacionados ao tema, foi possível identificar o marco determinante e principal na esfera das iniciativas do Poder Executivo direcionado para a população LGBT+, como a construção do programa Brasil Sem Homofobia (BSH) – com o plano de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT+ e de Promoção da Cidadania Homossexual (SOUZA, 2015, p.8).

A partir desse marco, as estratégias relacionadas a políticas públicas no combate à homofobia foram surgindo de forma tímida, mas em processo de fortalecimento, o qual podemos observar na realização da “*I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais*”, em 2008, com a temática Direitos Humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT+) (SOUZA, 2015, p. 9).

E em 2009 a projeção do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNDCDH-LGBT), os princípios do documento, que propõe a criação do Plano é a similitude e respeito à diversidade, equidade do Estado, universalidade das políticas, justiça social, transparência dos atos (XAVIER, 2019).

2.3. Homofobia em Instituições de Ensino

O ambiente escolar, historicamente, constitui um espaço de socialização permeado pelas dificuldades relacionadas à livre expressão de orientações sexuais dissonantes. O despreparo do aparelho escolar para lidar com a maior visibilidade da questão de gênero é

evidente (ERNST, 2014, p.291), uma das justificativas é que a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, dessa forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, em relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30), tornando comuns cenas de discriminação e imposição de estereótipos.

Ao abordarem as situações que ocorrem no ambiente escolar/universitário na pesquisa formulada por Reis e Harrad (2016, p.32) os alunos LGBT+ foram questionados sobre a frequência com que ouviram comentários sobre alguém que não agia de forma suficientemente “masculina” ou “feminina”. As respostas obtidas ~~demonstram~~ completo despreparo das instituições em oferecer um ambiente menos hostil para essas minorias. Vemos que 24,3% dos (as) estudantes LGBT relataram ouvir “frequentemente” ou “quase sempre” esse tipo de comentário ser feito por professores/as e outros/as funcionários/as da instituição educacional (REIS; HARRAD, 2016, p.34).

Porém, na mesma pesquisa, pode-se identificar um caso atípico, em que a própria população estudantil demonstrou-se mais aberta à ideia da diferença de gênero e sexualidade. Uma aluna lésbica de 16 anos, de São Paulo, relatou que, em sua opinião, os próprios colegas estão mais preparados para lidar com os estudantes LGBT do que os funcionários e o corpo docente da instituição.

Ela cita que sofreu preconceito por parte da diretoria da escola e levaram essa situação até uma amiga da entrevistada, causando constrangimento com discursos de que ela não podia abraçar a própria amiga, porque isso a influenciaria de maneira negativa, levando-a a ser “lésbica” pelo simples contato, insinuando que ser lésbica era algo negativo e contagioso. Nessa situação, no relato, ela afirma que a diretoria levou o caso até a família da entrevistada, sem o seu consentimento, expondo-a até mesmo problemas psicológicos e emocionais. Segundo ela, houve comentários, mas quando se assumiu para a sala que frequentava, foi apoiada pelos alunos (REIS; HARRAD, 2016, p.34).

Podemos identificar, a partir dos resultados da pesquisa que, muitas vezes, os alunos podem sofrer, além da opressão, ataques de ódio e humilhação pública por suas escolhas, mesmo que, de maneira geral, não se assumam completamente, sendo forçados a fazê-lo por quem tem maior poder na hierarquia educacional, tornando muitas vezes, a convivência entre pessoas de escolhas sexuais diferentes muito mais áspera e forçada, colocando tais estudantes em posição de errados, maus exemplos e influência, como se fossem portadores de doença contagiosa.

Quando falamos da tentativa de inserir estes alunos no contexto educacional, os entrevistados expressaram que ouvem muitos comentários homo/transfóbicos dos professores e quando as instituições tentam inserir ou serem mais abertas ao contexto LGBTQ+, vemos resultados como o relatado por um estudante gay, de 18 anos, de Minas Gerais que descreve um evento intitulado de Desfile Gay, onde homens se vestem de mulheres e mulheres de homens, os quais realizam perfumasses vulgares e sexualizadas, sobre efeito de álcool, dando a entender que é isso que significa ser gay, ser promiscuo. A comunidade LGBTQ+ repudia tal ato, e já fez até uma reclamação à Instituição de Ensino pedindo que alguma medida fosse tomada, mas sem sucesso, o Desfile Gay vai continuar se repetindo e com isso o sofrimento e opressão contra os LGBTQs persistem (REIS; HARRAD, 2016, p.36).

Já sobre os reflexos da opressão, que vão até a agressão verbal e física, podemos encontrar relatos como o de uma estudante trans, de 17 anos, da Bahia, que afirma ter sofrido segregação de professores e estudantes, foi motivo de chacota durante o ensino fundamental e médio porque gostava de dançar, ser “feminina”, e sofreu muitas agressões dentro da própria casa, por carregar essa característica em sua personalidade. Além dessas situações, pela não aceitação da família, foi forçada a trabalhar em oficinas mecânicas – como maneira de reforçar uma “masculinidade” que a família não via, e nessas situações, ouviu justificativas que essas atitudes eram “para ver se tomava jeito de homem”. Nesse período, sofreu agressões verbais, que recebia de clientes, funcionários e do dono. Sofreu estupro, contraindo nessa situação sífilis primária, descoberta em um teste dois meses depois do abuso sexual. Ela afirma que apanhou por algumas vezes nessas oficinas também e foi ameaçada de morte, caso contasse algo sobre o estupro para a família (REIS; HARRAD, 2016, p.40).

Sendo assim, quando nos deparamos com ideias como: somente mulheres podem trajar roupas cor-de-rosa, usar brincos e maquiar-se, de que azul é cor de homens, que somente eles podem usar bermudas, praticar esportes como futebol ou brincar de carrinho, são exemplos de estereótipos ensinados culturalmente na educação de muitas crianças, e o resultado de tais ideias, quando estas passam ao convívio social, é confusão, dúvida ou, até mesmo, engessamento de opinião, tornando-se um preconceito desfundamentado. Quando se diz “é um menino!”, não se está descrevendo um menino, mas está criando-se um conjunto de expectativas para aquele corpo que será construído como “menino” (BENTO, 2011, p.551). Vemos, assim, a imposição de pré-conceitos estabelecidos como naturais e então:

O ato da linguagem, nessa perspectiva, não é uma representação da realidade, mas uma interpretação construtora de significados. John Austin

chamou essa característica da linguagem de “capacidade performática”. [Assim, quando falamos de gênero] não se está descrevendo uma situação, mas produzindo masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital (BENTO, 2011, p.551).

Falando no cenário brasileiro, o sentido “masculinidade” e “feminilidade” são termos muito usados e engessados. Para conseguirem quebrar o paradigma de que um homem não pode ter costumes considerados de autoria e posse feminina ou uma mulher realizar funções e atividades consideradas de porte masculino, determinados grupos viram a necessidade de impor-se e expressar-se fortemente, para garantir sua liberdade de escolha e expressão. Nessa luta, foram encontradas muitas outras questões, que não implicam tão somente a aceitação, mas também o reconhecimento de gostos diferenciados daqueles considerados politicamente corretos. A visão do diferente causa um estranhamento e a reação usualmente são atitudes agressivas ao receptor.

O pressuposto de que parto não deixa de ser, de certo modo, essencialista: o de que existe uma “natureza feminina”, fundamentalmente distinta da masculina. Ao tentar desenvolver o argumento de que a sexualidade das mulheres é flexível, variável, fluida... não deixa de tomar “as mulheres” como uma categoria única e, logo, rígida (na medida em que se separa incomensuravelmente da dos “homens”). Assim, paradoxalmente, as sexualidades fluidas, apesar de traduzirem, de alguma forma, a desestabilização do binómio heterossexual/homossexual, acabam por reforçar o binómio feminino/masculino (POLICARPO, 2016, p. 544).

Jesus, D. (2014, p.43) explica este conceito, explicitando que “na verdade, forças sociais nos pressionam a nos comportarmos como homens ou mulheres e a crença de que existe uma identidade feminina interna é resultado de comportamentos repetidos”, o que acaba tornando a aceitação e inserção desses grupos um desafio para a sociedade. Ela ainda continua dizendo que “o corpo sexuado tem uma realidade material [...] referir-se a alguém como homem ou mulher não é simplesmente declarar um fato. Tais declarações sempre embasam e reforçam ideias sobre gênero” (JESUS, D. 2014, p.43).

Em um desses estudos, voltados a compreender a visão dos jovens quando analisam se “um homem é violento por natureza”, os resultados apontam que

As relações estabelecidas entre masculinidade e juventude podem redundar em práticas violentas, trazendo comprometimentos para a saúde dos homens jovens, na medida em que esses sujeitos, ao almejamem o status de ser homem, podem ser influenciados pelo modelo hegemônico de masculinidade, associado à dominação e ao ser forte. Nesse sentido, os jovens, para se afirmarem ou serem aceitos como homens de “verdade”, de um lado, passam a dominar todos aqueles que julgam mais “fracos” – sejam mulheres, sejam outros homens – e, de outro, caindo na sua própria armadilha, se expõem a riscos, comprometendo a saúde ou a vida de si ou dos outros (NASCIMENTO; GOMES; REBELLO, 2009 p.1156).

Tal linha de pensamento foi verificada a partir de constatações de jovens que, ao serem questionados se “ser homem era ser violento”, respondiam que “o homem, naturalmente, ele já é violento” ou que “ser homem é ser violento, até porque o homem é mais violento que mulher” (NASCIMENTO; GOMES; REBELLO, 2009, p.1155).

A mesma pesquisa revelou que alguns jovens concebem a violência como um “instrumento de superação de uma dada situação em que ele se encontra, um mecanismo para realização de seus objetivos, um modelo a ser seguido e algo inevitável a ser experimentado” (NASCIMENTO; GOMES; REBELLO, 2009, p.1155). As concepções e estereótipos de gênero constatadas nas pesquisas produzem e reproduzem um cenário fértil para a violência e a homofobia.

Um dos pontos levantados neste artigo por Diego Jesus, é que a globalização permitiu o surgimento de “sexualidades fluidas apolíticas, marcando a comoditização do corpo e da identidade no nível internacional e a domesticação da sexualidade sob a lógica do consumo” (JESUS, D. 2014 p.42). Quando falamos da globalização, neste aspecto, ela auxilia, porque torna mais fácil e acessível a troca de informações e o debate sobre assuntos que antes podiam ser tratados como impróprios, ou nem mesmo eram discutidos por tabus socioculturais. A discussão sobre tabus que geram bloqueios e atitudes coletivas torna-se importante, à medida que proporciona o esclarecimento e a oportunidade de novas opiniões serem expostas, novos pensamentos serem discutidos e os retrógrados, reformados.

Assim como a tecnologia evolui e se atualiza, os costumes e ideais sociais também, para acompanhar o avanço da sociedade como um todo. Cada região tem sua cultura histórica e, no Brasil, aos poucos, a cultura vem sendo mudada. Entretanto, essas mudanças, assim como todas as transformações sociais da história, têm passado por avanços e retrocessos e não têm se expressado sem constituir o foco de debates polêmicos e alta resistência por parte de grupos conservadores. Hoje, embora já existam políticas públicas e debates acerca da homofobia nas escolas, sua implementação,—no Brasil tem passado por significativos mecanismos de repressão, a exemplo dos acalorados, polêmicos e controversos debates em torno de um suposto “kit gay” que assumiu o cerne do debate no processo das eleições presidenciais de 2018. Contudo, é incontestável a relevância de abordagem da temática nas instituições, atribuindo a escola também a educação e o respeito à diversidade.

As políticas públicas também estão inseridas em programas de promoção e respeito à diversidade e igualdade nas escolas, garantidas pela atuação do Ministério Público, no intuito de coibir o *bullying* homofóbico e transfóbico na educação e possibilitar a permanência de todos os alunos na escola. Desta forma, as políticas públicas específicas da educação, saúde e

em todas as áreas de oferta de serviços têm a função de barrar a reprodução do ciclo criminoso, garantindo a preservação dos direitos e integridade física e moral (XAVIER, 2019).

Entrando no aspecto educativo e juvenil, a questão da identidade sexual é bastante presente por ser um período de descobertas, reconhecimento de gostos e nesse processo que pode ser bastante delicado e até traumatizante, em alguns casos, é importante que assuntos pertinentes possam ser abertamente discutidos, a fim de evitar o desenvolvimento de barreiras sociais, de relacionamento e psicológicas. Sobre este assunto, os autores Gonçalves; Faleiro e Malafaia (2013), em seu artigo sobre a “Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar”, afirmam que a adolescência é um período marcado por intensas transformações biopsicossociais estimuladas pela ação hormonal característica da puberdade (GONÇALVES, *et al.*, 2013 p.252), podendo ser considerada uma fase de transição. No que também corroboram Oliveira, D.*et al.*

Da infância e a condição de adulto, em que se observa um acentuado amadurecimento corporal, significativas transformações emocionais, construção de novas relações interpessoais, manifestações de novos sentimentos, atitudes, decisões, as quais resultam na construção de uma identidade própria (OLIVEIRA, D. *et al.*, 2009).

2.4. Referencial conceitual: a homofobia como construção social

A construção cultural das normas sociais relacionadas ao gênero fundamentará a compreensão e a abordagem teórica acerca da homofobia. Essa construção classifica de forma social as pessoas como homem e mulher, determinando quais serão os seus papéis sociais e expressões de gênero e de orientação sexual, de acordo com cada cultura e contexto histórico do local em que vivem. Jesus, J. (2015, p. 13-17) define alguns conceitos sobre o que seria sexo, expressão de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, estereótipo, preconceito e homofobia:

- Sexo é a classificação das pessoas de acordo com a biologia, órgãos reprodutivos e genitais (macho ou fêmea), mas essa categoria não é uma simples dualidade, ela é um complexo conjunto de características sexuais.
- Expressão de gênero é baseada na cultura do local onde a pessoa vive, no caso é a forma como se apresenta aparência e comportamento (ou melhor) dizendo como se espera que ela se pareça e se comporte de acordo com o seu gênero.
- Identidade de gênero é como a pessoa se identifica de acordo com a construção social de gênero, como ela se percebe e é percebida como parte de um grupo social determinado pelas concepções sobre gênero.

- Orientação sexual forma que a pessoa vivencia a sua sexualidade, por quem ela desenvolve atração, que é diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.
- Estereótipo são generalizações acerca de algo ou alguém, pois o ser humano tem a tendência de focar no que é similar e não nas diferenças. O estereótipo é o componente cognitivo dos preconceitos.
- Preconceito julgamento baseado no estereótipo que é fundamentado na percepção de uniformidade em grupos, que pode ou não gerar uma discriminação.
- Homofobia é o medo ou ódio a pessoas LGBTQ+ por conta da sua orientação sexual ser diferente da heterossexual.

Para Louro (2008, p. 18), ser homem ou ser mulher é uma construção cultural, que se dá ao longo da vida da pessoa, não durante o nascimento e nomeação de um ser humano que faz dele um sujeito masculino ou feminino, a construção do gênero e da sexualidade se dá ao longo da vida, é algo fluido, em constante processo de construção.

A influência parte do ambiente em que a pessoa está inserida, a família, os amigos, a mídia, a igreja, pois cada uma dessas interações faz parte da construção do ser, construção essa que nunca está acabada, está sempre em modificação. Em contrapartida, a existência de formas de regulação, vigilância e campanhas de retomada dos valores tradicionais também estão ganhando forças, pois o modelo que há muito tempo estava estático, caiu por terra, pois os esquemas binários não podem mais descrever a pluralidade existente. Desse modo, exercer o direito à igualdade na diversidade tem sido bandeira de luta dos diversos movimentos sociais.

As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades são diversas e plurais. (LOURO, 2008, p.23).

De acordo com definições encontradas em dicionário e em pesquisas realizadas sobre o conceito de homofobia, entende-se como uma aversão ou rejeição à prática homossexual (relações de pessoas do mesmo sexo). O termo homofobia foi utilizado, inicialmente, nos anos 1970, nos Estados Unidos, e propagado mundialmente em meados dos anos 1990 (COELHO, 2019).

É fundamental explicar que o uso do termo homofobia é universalizado e tem sido muito utilizado nos diversos movimentos sociais, pela legislação e pelos diversos poderes de representação pública, de forma a referenciar o público LGBTQ+ como um todo. Sendo assim,

podemos compreender que quando dizemos “homofobia” nos referimos a um todo abrangente.

A discussão dessa temática contribui no ato de exprimir as inúmeras vivências no espaço das relações e das emoções de propriedade das sexualidades e dos gêneros não normativos, ou melhor dizendo, as experiências da população jovem que vivencia uma orientação sexual ou expressão de gênero desconcordante das expectativas socioculturais dirigidas a eles/as em consequência do seu órgão genital de nascimento. Tais expectativas vinculam o sexo à identidade de gênero e à orientação sexual, de modo que a homofobia e a transfobia se expressam socialmente frente à homossexualidade, bissexualidade ou mesmo às identidades dos transgêneros, travestis, mulheres e homens transexuais.

É fundamental enfatizar que a questão Trans é uma situação de gênero e não de orientação sexual. Assim como a heterossexualidade compulsória está como regra para as orientações sexuais, a cisgeneridade compulsória está como norma para as questões de gênero. Portanto, como se organiza em nossa sociedade que o padrão é ser heterossexual, além disso, se veicula de forma congênere que os indivíduos devem ser cisgêneres (RICH, 2010, p. 27).

É evidente que, por essa estrutura de controle cultural, existem diversos discursos de ódio contra a população LGBTQ+, propagados de distintas formas na nossa sociedade. A questão é a diferença que há no pressuposto que entre um e outro é que o primeiro possui relação com a orientação sexual e o segundo com a identidade de gênero. Com isso, faz-se necessária a discussão sobre Transfobia para pessoas transgênero, pois o debate e diálogo sobre homofobia não abrange as especificidades relacionadas ao preconceito de gênero a pessoas Trans. (JESUS, J. 2012, p.05)

Contudo, é evidenciado que além dos conceitos, o fundamental é que um pode complementar o outro e compreender que as pessoas Trans lidam ainda com um componente a mais. Desta forma, entender o significado do termo cisgênero é perceber que grande parte das pessoas cisgêneras não terá que ser vítima da violência nos moldes das transfobias cotidianas, ao contrário das pessoas Trans, que muitas vezes terão suas vidas acabadas diretamente pela opressão transfóbica por, simplesmente, não se enquadrarem nos padrões cisnormativos da sociedade (BAGAGLI, 2016).

Esses padrões referem-se à forma como os indivíduos se reconhecem e que, na maioria das vezes, se contrapõem ao fluxo normativo pertencente ao gênero imposto no seu nascimento. Através de pesquisas realizadas, é possível observar que essa questão era considerada uma classificação patológica, sendo apenas uma forma diferente de vida.

O Dia Internacional contra a Homofobia e outras formas de preconceito a divergentes formas de sexualidade e gênero é celebrado, anualmente, no dia 17 de maio. Essa data está diretamente relacionada ao marco da Organização Mundial da Saúde (OMS) que, em 1990, retirou a homossexualidade da classificação de doenças e problemas relacionados à saúde. Com isso, esta data vem sendo comemorada como um dia de conscientização pela luta dos direitos da população LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) pela diferença sexual e combate à violência e discriminação (COELHO, 2019).

Assim, é necessidade premente o combate às inúmeras formas de violência, como a praticada no meio familiar devido à rejeição; à violência no meio educacional, com a prática de *bullying*; à violência existente nos estabelecimentos que prestam serviços de saúde; à discriminação no âmbito laboral e entre muitos outros serviços público-privados, nos quais o indivíduo é vítima de preconceito. Essa prática induz os indivíduos a situações de dificuldades extremas, quando comparados aos indivíduos não pertencentes ao grupo LGBTQ+, necessitando ainda mais da estabilidade dos direitos e especificados em leis e da construção de indicadores próprios para acompanhamento da forma de vida e violência praticada a esses grupos.

Na contemporaneidade, os meios de divulgação de informação com conteúdo referente a essa temática têm se aumentado gradativamente, dado que os meios de comunicação e as redes digitais formam espaços fundamentais para o desenvolvimento de estratégias, as quais os indivíduos buscam para realizar a organização e a seleção de condutas de manifestações políticas.

Tais manifestações são desenvolvidas de forma interativa, como produtos de um processo de duplicidade entre quem emite e quem recebe a informação, envolvendo a atividade de reprodução de padrões interpretativos e compreensivos, de maneira seletiva e manipulativa, relacionada a valores e símbolos dominantes no senso comum, que são assim reconstruídos e/ou reformados de forma dinâmica (MESSENBURG, 2017, p. 626).

3. MÉTODO DA PESQUISA

Esta pesquisa se classifica como exploratória explicativa, haja vista que, de acordo com Gil (2018, p. 25), pesquisas exploratórias têm o propósito de gerar familiaridade com o problema a ser pesquisado, enquanto a pesquisa explicativa busca identificar fatores que determinam e/ou contribuem para a ocorrência de um fenômeno (GIL, 2018, p. 27). Neste trabalho buscamos a maior familiaridade com as vivências LGBTQ+ e os fatores que geram a homofobia tão presente no cotidiano de jovens.

A coleta de dados foi feita de acordo com o abordado por Gil (2018, p. 125). No primeiro momento através de entrevistas focalizadas em estudantes universitários LGBTQ+ que sofreram homofobia. Em virtude das recomendações nacionais de distanciamento social, em decorrência da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, a coleta de dados foi adaptada para a modalidade não presencial.

Considerou-se a escolha dos relatos orais como fonte de dados, por acreditar-se que estes permitem um melhor entendimento do fenômeno homofobia, assim como uma ampla possibilidade de apreensão do fenômeno a partir das narrativas dos participantes do estudo. A análise das narrativas, a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentou o desenvolvimento do produto final.

Os participantes foram selecionados entre estudantes universitários ou pessoas que já possuem curso superior completo, constituindo uma amostragem por conveniência. O convite para a participação na pesquisa foi divulgado por e-mail para todos os alunos que integram a pós-graduação *stricto sensu* da USCS, instituição sede do estudo, e nas redes pessoais do pesquisador.

O material empírico foi produzido a partir de relatos gravados pelos participantes, que conversaram, previamente, por telefone com o pesquisador e receberam um roteiro semiestruturado, com questões norteadoras para a gravação dos relatos orais. Além do roteiro, os participantes receberam um tutorial, em formato de vídeo, orientando a gravação dos relatos em *smartphones* e um guia técnico para gravação dos vídeos que, além do material empírico, foram editados para compor o produto final deste trabalho, mediante autorização prévia e consentimento dos participantes.

Para a análise de dados foi utilizado o modelo proposto por Colaizzi e descrito por Gil (2010, p. 127), como sendo a leitura da descrição de cada informante, extração das assertivas significativas, formulação dos significados, organização dos significados em conjuntos de

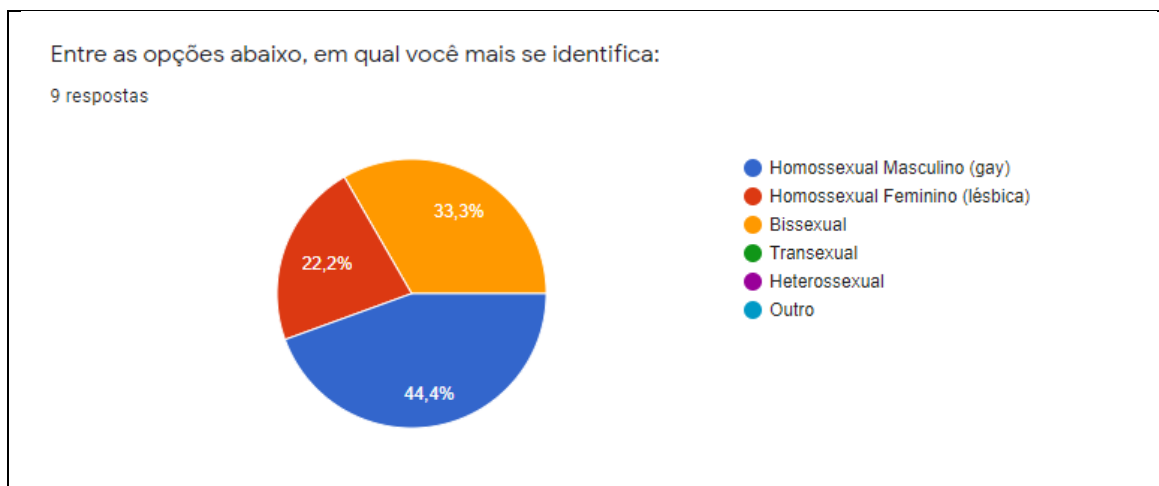
temas, integração dos resultados, elaboração da estrutura essencial do fenômeno, finalizando com a validação da estrutura essencial.

A importância da metodologia de entrevista, neste momento, foi de expressar a realidade de maneira fidedigna, tornando o objeto deste trabalho científico profundo e exploratório, com intenção de abrir precedentes para discursos e ideias que renovem o pensamento social, ensinando que a empatia nem sempre precisa significar concordância, mas sim a expressão do respeito ao próximo. Quando falamos em ouvir o público LGBTQ+, o intuito é mostrar o outro lado da ponte, a visão que eles têm diante da convivência social, suas maiores dificuldades e dúvidas acerca do convívio social, que vêm sendo sua maior luta. Portanto, a metodologia aplicada buscou filtrar as respostas dos entrevistados, trazendo não só os aspectos relevantes, mas, quando possível, respostas para os conflitos enfrentados, ampliação da visão social sobre a temática e esclarecimento sobre o impacto da problemática em ambientes educacionais de nível superior.

3.1. Procedimentos para o desenvolvimento da proposta de intervenção.

Conforme mencionado, em um primeiro momento, o pesquisador convidou os alunos da pós-graduação *stricto sensu* da universidade de origem dessa pesquisa para participar do estudo. O convite também foi divulgado nas redes sociais da instituição e pessoais do pesquisador. Foram recebidos 21 cadastros de interessados em participar da primeira etapa do estudo. Um primeiro questionário foi enviado a essas pessoas cadastradas na primeira etapa, para que pudéssemos levantar alguns dados primários antes da gravação do vídeo. Nove (9) questionários foram devolvidos, a partir dos quais destacam-se as informações:

Gráfico 04 - Distribuição dos participantes segundo orientação sexual.

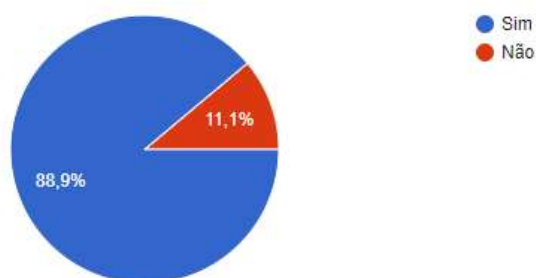


Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 05 – Prevalência de violência.

Ao longo de sua trajetória na universidade, você já sofreu alguma forma de violência (Humilhação, xingamento, hostilidade, negação de direitos, calúnia, ameaças, difamação, agressões físicas, empurrões, tapas, chutes, violência sexual, assédio, etc) devido a sua sexualidade ou identidade de gênero?

9 respostas

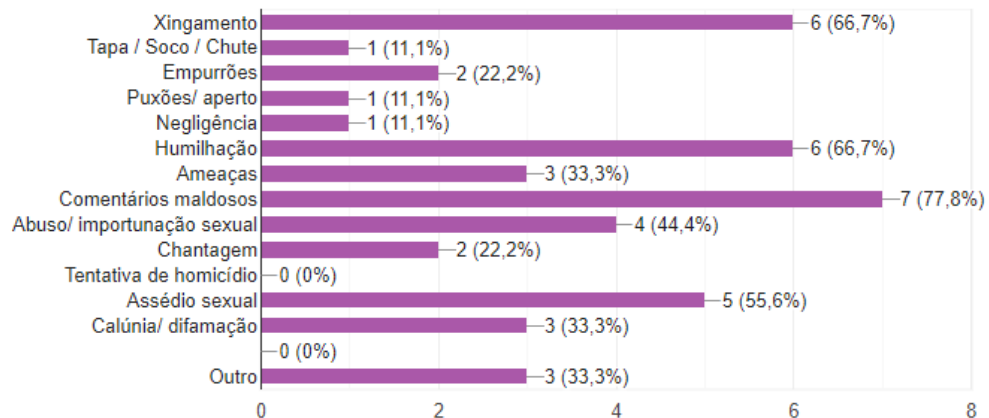


Fonte: elaborado pelo autor.

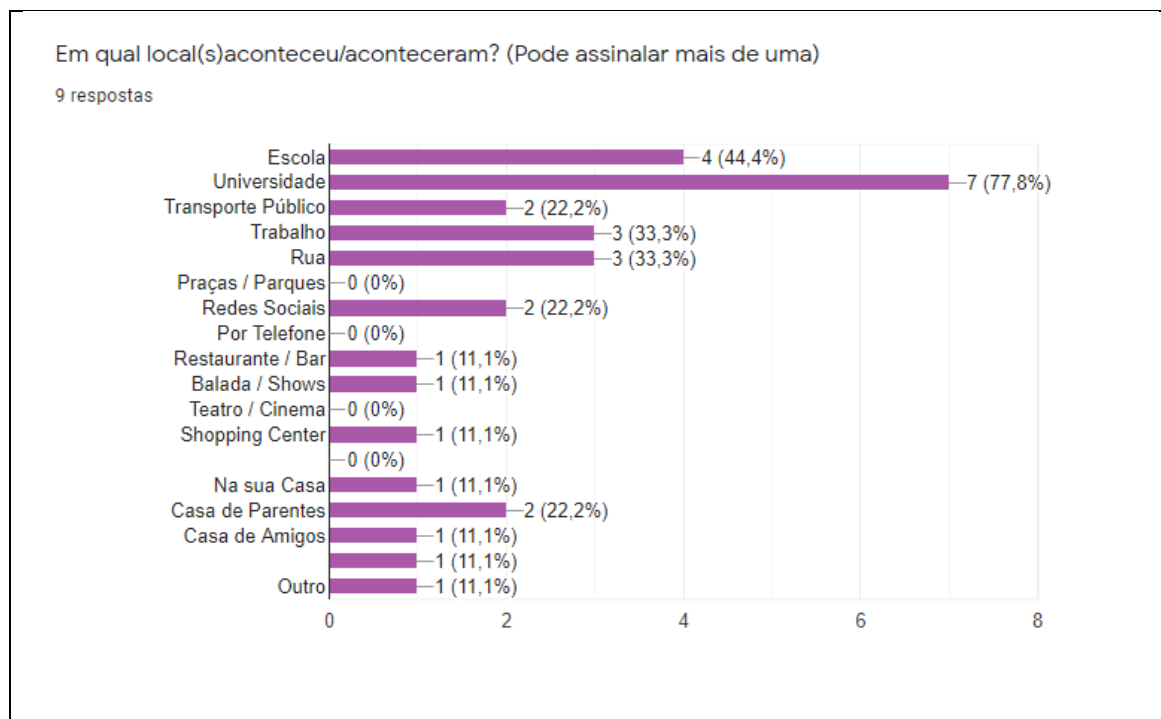
Gráfico 06 - Tipos de violência sofrida.

O que ocorreu na(s) situação(s)? (Pode assinalar mais de uma)

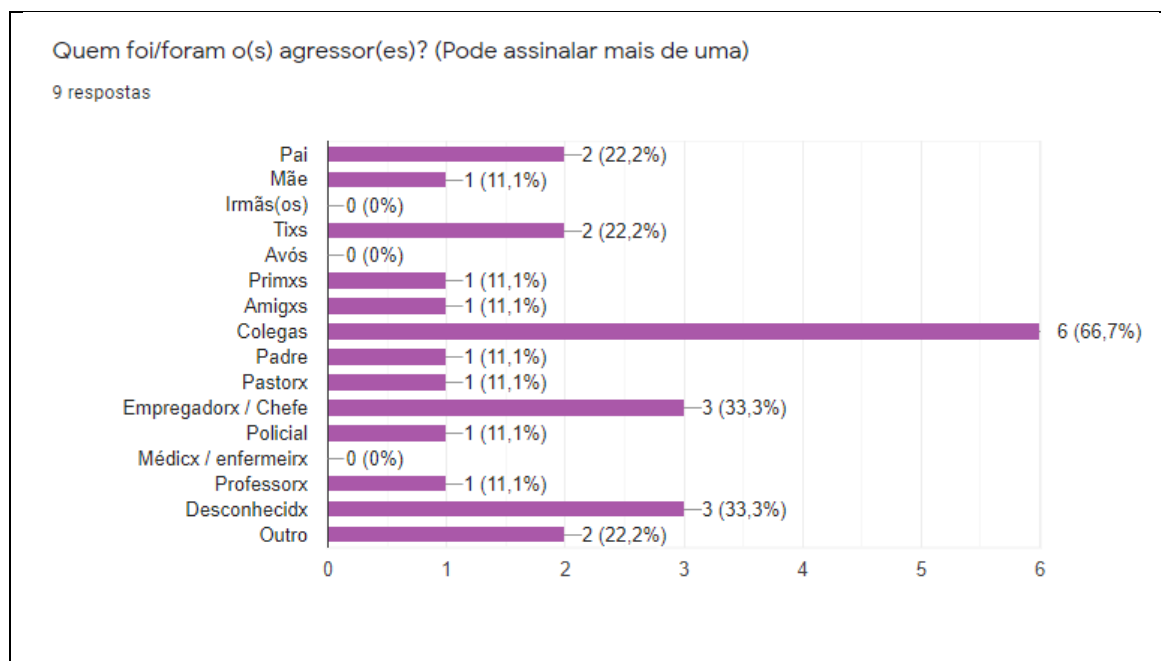
9 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

Gráfico 07 - Locais onde a violência acontece.

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 08 - Quem perpetuou a violência.

Fonte: elaborado pelo autor.

Para a segunda etapa, os respondentes do questionário receberam um vídeo desenvolvido pelo pesquisador, com orientações para a gravação dos depoimentos. O vídeo, ao mesmo tempo em que orientava aspectos técnicos da gravação, foi gravado no formato proposto para que os participantes pudessem visualizar a proposta de gravação em tela vertical. Também foi enviado aos participantes um roteiro de perguntas norteadoras para a gravação dos depoimentos e solicitado que fizessem a leitura antes da gravação. Outro documento, com orientações técnicas e o termo de cessão de direitos do uso de áudio e imagem, foi igualmente enviado a todos os participantes. Todo esse material também foi disponibilizado em uma pasta no Google Drive e compartilhado, individualmente, com cada depoente, que foi orientado a enviar os materiais para o pesquisador usando essa mesma ferramenta.

No que concerne à etapa 2, entre os nove (9) respondentes que receberam o material, quatro (4) gravaram os seus depoimentos e disponibilizaram para a pesquisa, juntamente com o termo de cessão. Foram respeitados todos os preceitos éticos que devem envolver a pesquisa com seres humanos. Desde o início dos contatos, foi informado aos participantes a possibilidade de anonimato. Mesmo nos vídeos, aqueles que desejassem manter o anonimato em relação a sua identidade, puderam solicitar que o vídeo fosse editado em imagem e áudio, de modo a não revelar a sua voz e nem o seu rosto. Apenas um participante solicitou que o vídeo fosse editado, de modo a garantir que sua identidade não fosse revelada. Os demais participantes manifestaram interesse em revelar suas identidades nas gravações e consentiram a manutenção de áudio e imagens das gravações originais, cujo conteúdo seria editado para a elaboração do produto final, que atende aos resultados propostos ao presente estudo.

Com todo esse material em mãos, foi criado um perfil, aberto na rede social Instagram, chamado “Diário da Homofobia”, que também é o nome do documentário. Após serem editados, esses vídeos são postados de forma individual no Canal IGTV (app para divulgação de vídeos longos do Instagram), e disponibilizados também na *timeline* do perfil. Posteriormente, o documentário será postado com todos os depoimentos editados, de acordo com os achados da pesquisa, cujo roteiro será apresentado mais adiante, como produto final do presente estudo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, será apresentada a análise e discussão dos achados provenientes da coleta de dados para o desenvolvimento do produto. Dessa forma, os resultados respondem aos objetivos da pesquisa, que são analisar narrativas de violência e homofobia experienciadas por jovens LGBTQ+ no ambiente universitário, entender as formas de enfrentamento mobilizadas por esse público e a existência de políticas e estratégias institucionais frente ao problema da homofobia.

Os relatos dos participantes gravados em vídeo foram transcritos integralmente para posterior análise. Esse processo de transcrição buscou garantir ao máximo a fidedignidade dos conteúdos dos relatos, apontando expressões não verbais como gestos, pausas e entonação de voz ao longo do depoimento gravado, conforme estabelece a metodologia proposta por Pierre Bourdieu, para o qual, “transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever [...]” (Bourdieu, 2001, p.710).

Os relatos foram submetidos à análise de conteúdo a partir de sua categorização e, na discussão dos resultados, diversos trechos são apresentados ao longo do texto. Contudo, para que as histórias não se percam na fragmentação dos conteúdos, as narrativas foram reelaboradas e serão apresentadas na íntegra, no estilo indireto, com título construído a partir de frases dos próprios participantes, que abrirão o próximo capítulo.

A apresentação das histórias redigidas em narrativa indireta, elaborada a partir dos relatos pelo pesquisador, visa oferecer caminhos ao leitor, no sentido de posicioná-lo no contexto social, a partir do ponto de vista dos participantes, respeitando ao máximo os significados dos relatos orais, conforme inspira o trabalho de Bourdieu (2001).

A seguir serão apresentadas as histórias narradas pelos participantes, narradas pelo pesquisador a partir dos relatos orais dos participantes Billy, Alisson, Jardel e Taiane.

Relato 01:

“A gente tem que estar atento a essas coisas, para que não aconteçam mais com outras pessoas”

Allyson tem 27 anos e se formou em 2018. No período que estava cursando a faculdade, se recorda de dois fatos que o deixaram bem triste. Um foi dentro da faculdade e outro no transporte público.

Sempre foi uma pessoa alegre, extrovertida, sorridente e acredita que essas características de sua personalidade incomodavam algumas pessoas, em especial um garoto, que já não era muito aceito pela turma pela maneira “arrogante” com a qual tratava as pessoas. O primeiro fato aconteceu durante uma atividade em grupo, do qual faziam parte ele, duas amigas e esse tal garoto arrogante. Era um menino de classe média alta *que “já trabalhava na área e se sentia melhor que todo mundo ali naquele lugar”*.

Naquela ocasião, o grupo, buscando ser gentil, convidou o tal garoto a fazer o trabalho com eles. Mas a resposta ao convite não foi tão legal: "Nossa, que bom que nesse grupo tem um homem." Na hora, Allysson não entendeu muito bem, mas depois compreendeu o que se passou e o tom daquele comentário: *“aquilo me magoou muito e tipo, eu não sou uma pessoa agressiva e na hora assim eu nem pensei em falar para alguém, depois eu só comentei com as minhas amigas, mas eu não nem em ir (sic) na coordenação, falar com o professor e nem respondi para ele. Eu só reagi, fiz uma expressão meio que sem graça e só...é uma coisa tão forte que abala assim no nosso íntimo que, pelo menos comigo, que trava assim ‘véio’, que tipo, a pessoa tá me julgando pelo que eu sou sabe.. então eu reajo muito de uma forma de criar esses bloqueios mesmo, eu não consigo me expressar muito bem em relação a isso por não me sentir a vontade e por fazer parte do meu íntimo mesmo, sabe?”*

Hoje ele considera que as coisas são um pouco diferentes e já consegue se expressar melhor. Quando escuta um comentário homofóbico a seu respeito, por ser gay ou a respeito de qualquer pessoa LGBTQ+, rebate com outro comentário, mas nunca de forma agressiva. Prefere conversar e explicar, falar sobre como é a vida dessas pessoas, como é ser LGBTQ+ em uma sociedade homofóbica e acredita que consegue passar um pouco da vida e das pessoas para quem faz o comentário maldoso. Acredita que o diálogo é a melhor forma de se fazer isso.

Esse foi o primeiro caso. O segundo *“foi muito pesado, muito mesmo”*, se recorda,

A violência não só acontecia na faculdade, mas também no caminho para lá. Todos os dias ele pegava um ônibus e depois um trem e depois andava até a faculdade. Certo dia, o trem estava extremamente lotado. Estudava pela manhã e geralmente era assim, todo mundo muito apertado e mal sobrava espaço para o ar. Nessa ocasião, conseguiu lugar ali próximo da porta mesmo, onde ela abre e as pessoas entram, o pior lugar, na sua opinião. Chegando perto da próxima estação, escutou um homem gritando atrás dele: *“não era um grito de desespero, era um grito meio de prazer mesmo [...] Eu não entendi sabe ‘véio’...e eu sei lá, eu tava em outro lugar assim que eu não percebi nada, mas ele tava abusando de mim. Foi triste. Eu senti um nojo naquele momento ‘véio’, eu de novo não consegui reagir, é... eu tava com*

vergonha, eu sentia vergonha por ele e... não sei, não soube reagir. As pessoas em volta olharam, eu olhei também e não entendi, depois que eu liguei as coisas, mas assim, eu não senti aquela pressão forte em mim, sabe? [...] Enfim, foi um trauma do caramba, dentro do trem. E era um senhor, um cara mais de idade assim...coroa, era um senhor mesmo, e aí logo ele desceu. Ele gritou e logo a porta abriu e ele desceu naquela estação”.

Allysson se sentiu humilhado em ambas situações relatadas que o marcaram, mas em nenhuma delas buscou ajuda ou mesmo conversar com ninguém: *“porra, eu tava sem reação e sei lá, desculpa o palavrão. Na hora assim eu não sabia o que fazer, tanto...enfim, eu parei, parei mesmo, depois não fui atrás disso nem para pegar nas câmeras nem nada ... é isso. É...a gente tem que tá atento a essas coisas né, para que não aconteçam mais com outras pessoas. É foda isso”.*

Acredita que para lidar com o preconceito o diálogo é a melhor maneira, de forma educativa, explicar para a pessoa, nunca de forma agressiva, mas conversando e lidando com o preconceito. Mas sobre, o caso do trem, acrescenta: *“não tinha nem o que explicar né? Tipo, falar: Porra, isso é extremamente errado, não faz isso, vai se tratar, você deve ter algum problema psicológico e tal...Mas no caso do menino lá da faculdade é tentar explicar sabe...enfim, em outros casos também, com racismo e com as mulheres [...] É nós!”.*

Relato 02:

“Sempre achei ridículo ter que entrar dentro de uma caixa para ser aceito na sociedade homofóbica”

Billy. É assim que ele pede para ser chamado. Jovem branco, de 35 anos. Preferiu não ser identificado pelo seu nome, seu rosto e nem sua voz ao contar a sua história. Declara seu gênero masculino e sua orientação bissexual. Tem graduação completa na área de comunicação, cursada em uma universidade do ABCDMRR paulista. Não hesita em expressar o profundo respeito que tem pela instituição que o formou, na qual, construiu parte importante de sua história. Contudo, foi nas relações vivenciadas nessa mesma instituição que vivenciou e testemunhou manifestações de preconceito e homofobia.

Nunca gostou de falar sobre sua sexualidade com ninguém, para não entrar “na caixinha da sociedade como um todo”. Sua experiência na universidade foi “tranquila”, exceto por um episódio muito constrangedor que aconteceu com ele, justamente quando resolveu falar pela primeira vez sobre sua orientação sexual com alguém.

Contou para um amigo que era bissexual. Para sua surpresa, dias depois, uma pessoa de outro curso, que ele não conhecia, veio lhe “dar ideia”, afirmando que sabia que ele era “bi”, porque uma amiga contou a ele. Na mesma conversa, essa pessoa detalhou tudo o que havia acontecido. O amigo para o qual Billy havia falado sobre sua sexualidade, mentiu para todo o grupo, contando que Billy havia tentado fazer sexo oral nele, dentro na universidade.

Ao tomar conhecimento dessa história, ficou muito abalado, primeiro por não ser verdade, segundo pelo respeito que sentia pela instituição. Sendo um aluno muito engajado e envolvido em diversas atividades institucionais, para ele, essa calúnia que circulava nos corredores do *campus*, representou um desrespeito que ele refere como “dobrado”.

Toda aquela situação o deixou muito abalado, magoado e fez com que se fechasse ainda mais “até certo ponto”, conta ele. O acontecido não fez que ele deixasse de confiar nas pessoas que conhecia, mas fez com que ele passasse a se apresentar de maneira diferente para as novas pessoas. Toda aquela situação constrangedora, foi para ele um *start* para que começasse a expressar livremente sua orientação sexual: *“Ao mesmo tempo que isso é muito constrangedor para mim, fez com que eu ligasse a chavinha e falasse ‘mano, ninguém tem nada a ver com a minha vida, eu não preciso esconder nada de ninguém’, até porque eu não escondia, eu não escondia nada porque eu sempre achei ridículo a ideia de ter que entrar dentro de uma caixa para ser aceito na sociedade homofóbica”*.

Desde então, começou a expressar sobre sua orientação sexual com naturalidade, o que foi desconstruindo toda aquela “questão”, que havia sido criada e que foi o momento mais constrangedor em sua trajetória universitária. Depois disso, relata que nunca mais teve problema nenhum em relação a ele.

Mas a homofobia não acabou ali. Em relação a outras pessoas, Billy lembra de um acontecimento que presenciou, foi com um amigo. Estavam em um *trailer* que existia no pátio da universidade e, no momento que seu amigo entregou o dinheiro para o atendente, um cara (sic) de um outro curso virou e falou “cuidado esse dinheiro vai te deixar com a munheca quebrada”, insinuando que ele pegando o dinheiro da mão de um gay, ele ia virar homossexual também.

“Eu fiquei puto disso porque todo mundo em volta começou a rir da cara desse meu amigo. Para você ter uma ideia, foi tão rápido, foi tudo tão rápido que meu amigo na hora não teve reação, ele ficou em choque”. Conta Billy, que levou a situação até o conhecimento do pró-reitor, quando o encontrou um dia pelos corredores na universidade. Como resposta, a promessa de que tomaria decisões cabíveis foi o que recebeu, mas que, até hoje, após alguns anos, nada foi feito.

Recorda que se sentiu constrangido e, ao mesmo tempo, muito bravo com aquela situação. Na ocasião, conversou com o atendente, que pediu desculpas pelo ocorrido, mas até hoje se sente chateado ao relatar essa situação, que define como preconceito vestido de piada.

Acredita que vive e estabelece suas *relações* interpessoais dentro de uma “bolha”, muito aberta e livre de preconceitos. Para ele, isso explica não ter vivenciado ou presenciado outras situações de homofobia na sua trajetória universitária, além das duas situações relatadas. Talvez o fato tenha protegido Billy de outros acontecimentos homofóbicos numa sociedade em que isso existe.

Mesmo tendo ocorrido uma única situação contra ele, Billy não esconde a tristeza e as marcas deixadas, pois foi alvo de mentiras e fofocas com o intuito de constrangê-lo e de expor sua sexualidade perante os demais. Aconteceu quando confiou pela primeira vez em uma pessoa para falar sobre sua orientação sexual, que, na ocasião, se aproveitou da situação. Depois disso, nunca mais falou sobre sua orientação sexual com ninguém, mas a expressou livremente quando começou a namorar um rapaz. Assumiu livremente o namoro, trouxe uma pessoa para a vida dele, “se lixando” para o que os outros estavam pensando.

Em relação às duas vivências relatadas, acrescenta: *“uma eu me senti traído, porque foi uma quebra de confiança e a outra eu me senti revoltado, muito revoltado mesmo porque foi uma piada muito cretina, foi uma coisa muito escrota de ser dita, ainda mais ali, no meio de todo mundo, onde todo mundo começou a rir, como se ser homossexual fosse piada”*.

Desde então, traz boas memórias de suas vivências na universidade, o que relaciona ao seu entorno de relações com pessoas “assumidas”. A sua “bolha” fez com que nunca mais tivesse nenhum problema em relação à homofobia, o que o fez considerar sua trajetória universitária como tranquila em relação a isso (sexualidade).

“Nunca vi nenhuma gestão, nenhum professor, nenhum funcionário tendo alguma atitude homofóbica, eu sempre vi todo mundo abraçando todo mundo de uma forma muito agradável sabe[...] eu sempre vi todo mundo ali muito aberto, muito mais livre de preconceito do que com essa carga negativa. Mas eu sei que não é assim em todos os lugares”, rememora Billy.

“Sim, eu posso dizer que sou privilegiado por ter uma bolha ou por ter amizades, por ter pessoas ao redor que não são preconceituosas, mas foram dois fatos apenas que me marcaram muito dentro da universidade, em que eu vivenciei a homofobia”.

Essa é a história de Billy, por mais *bolhas* e menos *caixas*.

Relato 03

“Era um sonho que só agora foi acontecer. Mas foi naquela época que começou”

Jardel é jornalista e professor. Já cursou quatro graduações e algumas pós-graduações em diferentes períodos de sua vida e diferentes contextos históricos.

A primeira delas, em Jornalismo, foi em 1981. O Brasil ainda estava sob o regime militar, em uma ditadura. Um regime autoritário, onde não se fazer nada. Não se podia, sequer, expressar pensamentos... imagine, sentimentos. Ele conta que não sofreu nenhuma situação de homofobia diretamente voltada para ele dentro da universidade. Mas, em uma época de intensa violência estrutural por ser parte de um grupo, era incluído e vitimado pela homofobia em uma realidade em que simplesmente não se podia *ser* LGBT. *“Tudo era preconceito, tudo gerava preconceito”*, acrescenta.

Havia muito respeito entre os colegas do curso de Jornalismo, mas na universidade existiam outros cursos e era nos cursos de exatas onde estavam as pessoas que mais os discriminavam, por considerarem que a maioria dos estudantes de comunicação seria LGBT. Naquele contexto, pessoas gays, lésbicas e transexuais não podiam existir, *“era impossível, inimaginável, porque um trans entrar numa universidade...seria banido pelos grupos, pelas pessoas, até pela própria administração e secretaria da universidade”*. Jardel não conhece ou se lembra de pessoas “trans” daquela época que tenham feito faculdade, não conhece nenhuma, mas acredita que as que conseguiram estudar naquele contexto, devem ter sofrido muito.

A faculdade se dividia entre os cursos da escola de comunicação e os *outros cursos*. Ali, alguns grupos eram rotulados, visados, hostilizados e marginalizados, geralmente pelos cursos de Exatas e aquilo era bem complicado. *“Eles nos marginalizavam, eles riam, eles nos ridicularizavam... eles estavam sempre em grupo, lógico né, eles nunca estavam sozinhos [...] Eles passavam rasteira, xingavam, humilhavam, derrubavam as nossas coisas... exatamente como nós vimos em alguns filmes de adolescentes que fazem isso com os colegas na escola. Entre nós do curso de comunicação havia respeito, havia amizade, havia gentileza, mas as pessoas de fora... elas simplesmente não faziam isso, elas apenas nos ignoravam e quando elas podiam, elas nos humilhavam”*.

Era uma época difícil porque os LGBTs não podiam se expressar como hoje em dia, quando as pessoas andam de mãos dadas na rua, se beijam, trocam carinhos, vão ao cinema e se abraçam. Naquela época não podia nada disso. Os policiais eram extremamente rígidos e

orientados a exercer certa pressão em relação aos LGBTs de São Paulo. Existia um delegado que era um demônio: preconceituoso e homofóbico, e que perseguia os homossexuais, principalmente, porque havia uma classe artística culturalmente rica naquela época, mas que ao mesmo tempo era muito perseguida pela censura. Havia um regime militar em que LGBTs eram ultrajados e aquilo reverberava no ambiente de trabalho e na universidade. Recorda Jardel.

Também rememora episódios comuns no transporte público no qual fazia o trajeto de sua casa para a universidade. Trabalhava no Centro de São Paulo e estudava no Morumbi, que era bem longe, fazia o percurso em um ônibus antigo, pequeno e as pessoas iam abarrotadas, umas em cima das outras... aquilo era bem complicado e gerava um certo desconforto quando juntavam-se alguns cursos rivais, principalmente pelo fato de existir o grupo LGBT de comunicação e os heteronormativos que faziam outros cursos. A tolerância existia enquanto estavam abarrotados dentro do ônibus até a descida, quando começavam os xingamentos, chutes e brigas. Era uma falta de respeito muito grande.

A universidade foi uma época de descobertas para ele, que sempre namorou e se expressou como heterossexual, mesmo não sendo. Na universidade, considera que se abriu. Foi naquele contexto contraditório que também os colegas o levaram para conhecer a noite LGBT de São Paulo, que era “tremendamente efervescente; boates e bares funcionavam de segunda a segunda, alguns lugares não tinham (sic) dias que não funcionasse. Apesar da enorme inflação da época, ainda conseguia sair e ir a alguns lugares durante a semana. Trabalhava, estudava, ia para a faculdade, participava de diversas atividades e depois saía para alguma festa. *“Era extremamente Boêmio”*, destaca.

Em 1985, quando terminou o período da ditadura e o General Figueiredo entregou o cargo e possibilitou as eleições indiretas, praticamente todos os alunos da universidade participaram de manifestações pelas eleições diretas, foi o momento em que todas as tribos se uniram em torno de uma causa só.

Com o passar do tempo as pessoas passaram a se enfrentar mais. Foi uma época na qual os gays se rebelaram muito, porque houve como se um grupo muito grande, não só no Brasil, mas em vários países, principalmente nos Estados Unidos, eles se libertaram, eles “saíram do armário”. Houve muitos eventos no mundo todo, de manifestação, de orgulho LGBT. *“Foi como uma explosão de gestos, atitudes e manifestações dos brasileiros, porque vivíamos um período de extrema censura e de um extremo sistema político, que era repressor”*.

Jardel considera que pessoas LGBT viviam como se estivessem constantemente dentro

de um armário, de uma redoma em que não podiam se expressar. Sentimentos, orientação sexual ou posição política eram cerceados. A partir da redemocratização do país, houve o crescimento de valorização do LGBT e até os heteronormativos mais radicais precisaram recuar, pois os LGBT começaram a revidar todas as agressões, seja dentro ou fora da universidade. Delegados e policiais que os humilhavam tiveram que recuar. Muitos estudantes começaram a se impor, não só nas universidades particulares como nas estaduais, nas federais; começaram a fazer manifestações e a mostrar que os LGBTs tinham os mesmos direitos que os outros universitários.

“Hoje eu acredito que isso não seja uma coisa muito visível porque nós já temos uma lei que nos favorece, a homofobia é um crime [...] Naquela época isso não existia, era um sonho que só agora foi acontecer. Mas naquela época começou”. Jardel compara as conquistas das últimas décadas com adentrar numa mata virgem e traçar uma trilha nova, diferente, para chegar a algum lugar.

Reconhece que atualmente existem novas brigas, novos caminhos que precisam ser desbravados, como o acesso a educação gratuita e de qualidade. *“Na década de 1980, se você fosse até a diretoria por ter brigado para se defender de um cara que bateu em você por mero preconceito, o diretor não ia a favor de você, ia a favor do agressor e simulava uma situação que você era o culpado, por ser LGBT. Hoje isso não existe, há uma legislação e as coisas estão mais fáceis nesse sentido[...] Mas existe o preconceito camuflado, pois vivemos um momento em que voltamos quarenta anos para trás”*, acrescenta.

Jardel acredita que, hoje, as pessoas têm a liberdade de expressar o gênero e a sexualidade que ela desejar e as escolas e universidades precisam aprender a lidar com a diversidade, para caminhar, para viver. Ele espera que a universidade seja um ambiente *“saúdável, de respeito, generosidade, delicadeza, gentileza, em que todos nós possamos estar felizes de vivermos (sic) como somos e obtermos das pessoas o respeito e a generosidade de que somos iguais, mesmo sendo diferentes”*.

Finaliza seu depoimento e agradece por poder falar algo que fez parte da sua vida, da sua história, que é também a história da cidade, do estado e do país. *“Também fiz essa história”*, acrescenta.

Relato 04

“O fato de eu ser ou não ser algo não muda a minha capacidade, não muda o meu esforço, não muda quem eu sou”

Taiane se reconhece e declara como uma mulher lésbica, 31 anos, branca.

Escolher um curso de graduação em que *“a maioria das pessoas julgavam as garotas serem lésbicas”* não a poupou de sofrer muito preconceito. Muitas piadas, violência travestida de “brincadeirinhas”, esbarrões e muitas “gracinhas” feitas principalmente por parte dos garotos, que não respeitavam sua orientação sexual.

Ela se recorda que as aulas práticas eram cenário de homofobia, expressas em piadinhas como: *“joga como homem”, “se você é assim é porque nenhum homem fez isso com você”, “porque você nunca isso ou aquilo”,* era todo tipo de piada. Na época, ela era um pouco fechada e não falava sobre sua orientação sexual, sabia, mas preferia não comentar a respeito, mas as pessoas a julgavam mesmo sem saber.

Ao longo da faculdade, começou a se soltar mais e conversar sobre sua sexualidade, sua orientação sexual, e ao se assumir lésbica as brincadeiras e preconceitos vieram por parte, até mesmo, daquelas que ela julgava serem suas amigas. Muitas se afastaram exatamente por ela ser lésbica. *“Na cabeça delas, por eu ser lésbica, eu ia querer ficar com todo mundo, tipo, não podia ver mulher, na cabeça delas! E outras porque eram muito religiosas e por coisas que diziam não ser de Deus. Eu lembro que, na época, isso me chateava muito, muito tipo porque as pessoas se afastaram por algo que não é uma escolha sua, que você não acordou um belo dia e falou: opa... acho que hoje é isso aí”*.

As provocações, piadinhas e o fato de a tratarem como um homem, sendo que ela não é, chateavam-na muito e por muito tempo. Tudo isso mexeu bastante com Taiane na época, que se fechou ainda mais, *“participava pouco das aulas por causa das brincadeiras e ficava mais no meu canto”*. Acredita que, por sua voz ser um pouco mais grave, também havia esse preconceito, *“olha, já nasceu com a voz grave por gostar de mulher e tal”*. Com o tempo, foi ficando meio saturada com as brincadeiras e comentários percebendo que a faculdade, os professores, simplesmente ninguém fazia nada por elas naquelas situações, um dia decidiu juntar todos aqueles meninos:

“entrei na sala e fechei todo mundo lá dentro e falei!. Acho que foi a primeira vez que eu realmente, tipo, desabafei sobre como eu me sentia, sobre como tava sendo ruim para mim a forma que eles me tratavam, é... e eu fiquei por muito tempo, muito tempo falando.

Depois eu abri a porta e pedi que eles saíssem. Alguns não mudaram as atitudes porque, querendo ou não, tem gente que é cabeça dura, preconceituoso... não adianta. Um ou outro veio me pedir desculpa, nós somos amigos até hoje, mudou muita coisa e a vivência conforme foi passando o tempo, as pessoas começaram meio que a me respeitar, porque eu nunca busquei aceitação, eu buscava que as pessoas me respeitassem e até mesmo hoje em dia”.

Na época, a faculdade não fez nada, nem professores, nem ninguém. Ela buscou ajuda da faculdade acho uma única vez, por ser muito tímida e “fechada”, mas depois não foi em busca de nada, porque eu não gostava de ficar brigando. Como os professores viam tudo nas aulas e não faziam nada, Taiane acabou *"deixando para lá, literalmente"*.

Com o passar do tempo, começou a não ligar e tocar sua vida, mesmo acreditando que o certo seria continuar se defendendo e se impondo, começou a deixar para lá, por achar que não vale a pena discutir com pessoas incapazes de *“te respeitar ou aceitar algo que é de você, não tem para quê você ficar brigando. E por muito tempo foi assim, até eu terminar faculdade, me formei e depois, quando eu saí da faculdade, que ainda tinham pessoas que a gente tinha contato...esse contato foi quebrando devido a esse mesmo preconceito, a mesma forma de me tratar, porque saindo da faculdade eu já não tinha mais obrigação de manter ninguém na minha vida, de lá, Ainda mais esse tipo de pessoa”*.

Ao concluir o curso e sair da faculdade, a homofobia não deixou de acontecer, mas ganhou outros espaços, agentes e formas de expressão. Fora dos muros universitários, já foram ameaças dentro de metrô, por estar com roupa diferente, corte de cabelo, forma de falar, forma de se vestir. *“isso a gente passa no dia-a-dia isso é normal... normal não é! isso a gente tem no dia-a-dia, preconceito de tudo quanto é forma. Até em emprego, que a gente acha que não vai ter, tem”*.

Taiane se lembra de uma das primeiras entrevistas de emprego: *“certa vez fui fazer uma entrevista de emprego e eu sempre tive uma forma de me vestir totalmente básica. Fui fazer essa entrevista e o empregador começou a conversar comigo, fazer a entrevista, coisa básica de trabalho. Chegou uma hora da entrevista que ele me perguntou a minha orientação sexual, o que eu acho que não tinha que vir... não tinha nada a ver. Falei para ele que eu não sabia porque ele estava perguntando, não era pertinente ao cargo, a nenhum cargo[...] mas ele falou que eu era aparentemente lésbica, que ele teve problema com outras garotas lá dentro e acabou que não me contratou pelo fato da minha orientação sexual. Eu cheguei em casa totalmente destruída, acabou comigo. E como eu sou, eu falei para as coisas que tinha que falar na hora, saí fora, não denunciei, não fiz nada porque também eu não ia ter como provar aquilo”*.

Foram acontecimentos que marcaram e ainda marcam a vida, ela não se esquece do que passou, na faculdade e no trabalho. Hoje em dia, tenta “deixar pra lá” esse tipo de coisa e se esforçar para mostrar que *“o fato de eu ser ou não ser algo não muda a minha capacidade, não muda o meu esforço, não muda quem eu sou”*.

A seguir será apresentada a análise dos relatos orais, que revelaram as categorias que emergiram dos relatos, com base nos objetivos do estudo.

4.1. A homofobia entre caixas e bolhas: cerceamento, violência e preconceito no processo de socialização de universitários

Os relatos apresentados revelaram que durante o período universitário os depoentes passaram por diferentes situações de violência motivada pela homofobia, conforme observa-se no Gráfico 06, apresentado no capítulo anterior. Nos depoimentos gravados, podemos destacar a violência física, sexual (abuso/importunação sexual, assédio sexual) e psicológica (calúnia/difamação, humilhação, comentários maldosos, xingamentos).

Eles passavam por nós, e se nós estivéssemos sozinhos, nós éramos hostilizados por eles. Eles passavam rasteira, xingavam, humilhavam, derrubavam nossas coisas... exatamente como nós vimos em alguns filmes de adolescentes que fazem isso com os colegas na escola. (Jardel)

Um dos problemas enfrentados pela população LGBT+ é a continua discriminação social, gerando muitas vezes reações de violência, causadas pela discriminação, visões generalizadas de estereótipos muitas vezes impostas pela criação e educação cultural. Com ênfase nessas situações que agridem e denigrem a imagem, Ernst (2014, p.290) cita que, muitas vezes, as situações de violência são hostis, veladas ou ostensivas e acontecem no cotidiano, na socialização realizada no âmbito escolar, como práticas que vão do isolamento do colega homossexual à violência física (potencial ou efetivamente realizada), passando pela violência simbólica do escárnio implícito ou explícito. Observando essa afirmação, vemos que não só no ambiente escolar, este tipo de ato se estende até mesmo à vida social dos indivíduos.

No presente estudo, quando Billy resolveu contar para um amigo que era bissexual, sofreu algo que o magoou muito, pois esse amigo, para destacar-se em uma roda de conversa, contou que Billy tentou fazer sexo oral nele dentro da universidade, sendo que era mentira e o acontecido só foi descoberto porque um menino que era a fim do Billy contou para ele durante uma tentativa de flerte, dizendo que sabia que ele era bissexual.

A homofobia disfarçada de piada foi revelada também nos relatos, conforme apresentado a seguir, uma situação em sala de aula e uma outra no pátio da universidade, durante o intervalo.

Teve um dia que a gente ‘tava’ na atividade e aí ele falou: ‘Nossa, que bom que nesse grupo tem um homem. (Alisson)

No momento que meu amigo entregou o dinheiro para o atendente, um cara de um outro curso virou e falou ‘cuidado esse dinheiro vai te deixar com a munheca quebrada. (Billy)

Na universidade eles nos marginalizavam, eles riam, eles nos ridicularizavam[...] algumas pessoas, e isso não era nada agradável, era uma falta de respeito muito grande. (Jardel)

Muitos dos atos realizados para a inserção do público LGBTQ+ assumem significados pejorativos e ofensivos, transpassando a imagem de que gays, lésbicas, transexuais e outros diversos gêneros são sujos, obscenos e não promovem o respeito entre si, nem entre a sociedade em geral, fazendo quem presencia considerar que, generalizadamente, todos eles são aquela expressão passada por quem não é especificamente do público LGBTQ+. Assim, é criada uma imagem controversa e desrespeitosa sobre este público, aumentando o preconceito já existente naqueles que desconhecem ou não tem uma visão mais aberta sobre as diferenças de gênero e sexo (REIS e HARRAD, 2016, p.46).

A trajetória universitária dos participantes foi marcada pela homofobia e pela violência, que se estende para além dos muros da universidade. Os relatos de dois participantes revelaram vivências de violência sexual e discriminação em outros espaços de socialização cotidiana de universitários, como o transporte público.

Chegou perto da estação eu escutei um homem gritando trás de mim, tipo... mas não era um grito de desespero, era um grito meio de prazer mesmo sabe? E aí eu, tipo, sabe [...] eu não entendi sabe véi...e eu sei lá, eu tava em outro lugar assim que eu não percebi nada, mas ele tava abusando de mim. (Allysson)

Já foram ameaças dentro de metrô por tá com roupa diferente, corte de cabelo, forma de falar, forma de me vestir”. (Taiane)

Eu trabalhava no Centro de São Paulo e estudava no Morumbi, que era bem longe, então nós só tínhamos duas linhas de ônibus que faziam o percurso para a faculdade, que era abarrotado de gente dentro do ônibus; e isso era bem complicado, e gerava um certo desconforto quando juntavam-se alguns cursos que eram rivais, No transporte público, ao sair dos ônibus eles xingavam algumas pessoas, brigavam, chutavam. (Jardel)

Além do transporte público, a busca de inserção no mercado de trabalho constitui uma experiência que marca a trajetória universitária de todos os jovens. Essa busca é influenciada e marcada pela homofobia, conforme revelado no relato apresentado a seguir.

Ele falou que eu era aparentemente lésbica, que ele teve problema com outras garotas lá dentro e acabou que não contratou pelo fato da minha orientação sexual. (Taiane)

E fora da faculdade já era outra coisa... já foram ameaças dentro de metrô por tá com roupa diferente, corte de cabelo, forma de falar, forma de me vestir é... isso a gente passa no dia-a-dia isso é normal, é, normal não é, isso a gente tem no dia-a-dia, preconceito de tudo quanto é forma. (Taiane)

Os depoimentos também revelaram a necessidade de jovens LGBTQ+ se encaixarem, de alguma forma, nos padrões de sexualidade hegemônicos da sociedade, de modo a ser aceito ou exercer os seus direitos fundamentais que, por muitas vezes, como diz Jesus J. (2015, p. 30) são cerceados, pois não conseguem entrar em um local sem sofrer algum tipo de violência. Os direitos e as capacidades dos sujeitos em uma cultura marcada pela heteronormatividade são vinculados à orientação sexual, esse aspecto é reconhecido por Taiane em seu relato.

Tento me esforçar para mostrar que o fato de eu ser ou não algo não muda a minha capacidade. (Taiane)

Estereótipos ligados à orientação sexual marcam a universidade e vinculam-se aos cursos. Esse aspecto foi revelado nos relatos, que expressam situações de homofobia que vinculam a escolha do curso com as classificações sexuais. A associação do curso de educação física com os padrões sociais de masculinidade faz com que garotas que escolhem o curso sejam rotuladas como lésbicas, como mostra o relato de Taiane, que, mesmo em um curso supostamente frequentado por lésbicas, reconhece não ter se livrado das amarras do preconceito e da homofobia.

Eu fiz um curso que a maioria das pessoas julgam as garotas serem lésbicas por causa do curso e mesmo assim eu sofri muito preconceito. (Taiane)

Estereótipos sexuais vinculados aos cursos universitários também foram revelados no relato de Jardel, em relação aos cursos.

[...] a faculdade se dividia entre o curso de comunicação e os outros cursos, principalmente os cursos de exatas. (Jardel)

A homofobia, expressa pelo preconceito, cerceamento e violência foi evidenciada, porque destaca essas experiências como marcas do processo de socialização dos jovens entre os pares. No Gráfico 08, apresentado no capítulo anterior, que constituiu a primeira etapa de seleção dos participantes, pode-se observar que essas agressões partiram de outros estudantes ou pessoas conhecidas. Os relatos orais dos participantes confirmam isso, pois em todos os depoimentos demonstram que os colegas de faculdade foram os agressores, entretanto, não se pode ignorar as ocorrências causadas por desconhecidos, como nas situações que aconteceram no transporte público e em uma entrevista de emprego.

A violência estrutural de uma conjuntura marcada pelo autoritarismo foi revelada na narrativa de um dos depoentes, cuja trajetória universitária deu-se na década de 1980, e ainda trazia as marcas de um período de ditadura no Brasil. Para além da manifestação direta, interpessoal, o relato evidencia as amarras de uma violência estrutural, em um contexto em que, para além de não ser possível expressar livremente as sexualidades dissonantes, os sujeitos não podiam assumir ou viver conforme suas identidades.

Então um grande número de pessoas gays, lésbicas... transexuais não podia existir, era impossível, inimaginável, porque um trans entrar numa universidade... seria banido pelos grupos, pelas pessoas, até pela própria administração e secretaria da universidade. Eu não sei como que alguns trans conseguiram estudar naquela época, eu não conheço pessoas daquela época que tenham sido trans e tenham feito faculdade, mas eu acredito que deva ter sofrido muito, porque nós sofríamos direta e indiretamente. (Jardel)

A juventude LGBTQ+ tem sofrido preconceito homofóbico em seu meio social, além disso, essa juventude sofre a insegurança na instituição educacional por vários motivos, dentre eles estão: o gênero, identidade, orientação sexual, toda forma que não corresponde aos comportamentos tradicionais da expressão “masculino” ou do “feminino”, como também a estatura ou o peso corporal (REIS; HARRAD, 2016, p.26).

Dentre as inúmeras formas de violência, encontram-se a expulsão de casa por não aceitação familiar, do meio educacional, dos estabelecimentos de serviços de saúde, entre outros serviços público-privados. Muitos casos na vida profissional com fatores de insalubridade são resultados da dificuldade ou inexistência de acesso ao mercado formal de trabalho, colocando-os em situações abaixo da linha da pobreza, o que fortifica a tese da expectativa de vida abaixo da média da população geral brasileira (BORTONI, 2017).

Billy, em seu relato, expressa o reconhecimento de que, na instituição de sua formação, a homofobia foi perpetrada por outros alunos, destacando esse aspecto como positivo em relação a gestores, professores e funcionários. Contudo, reconhece também saber

que essa realidade não é a mesma de outras instituições, o que o faz associar a sua socialização a uma vivência dentro de uma “bolha”, apesar de dois episódios de homofobia que marcaram sua vida.

Nunca vi nenhuma gestão, nenhum professor, nenhum funcionário tendo alguma atitude homofóbica, eu sempre vi todo mundo abraçando todo mundo de uma forma muito agradável sabe[...] eu sempre vi todo mundo ali muito aberto, muito mais livre de preconceito do que com essa carga negativa. Mas eu sei que não é assim em todos os lugares. (Billy)

Posso dizer que sou privilegiado por ter uma bolha ou por ter amizades, por ter pessoas ao redor que não são preconceituosas, mas foram dois fatos apenas que me marcaram muito dentro da universidade, em que eu vivenciei a homofobia”. (Billy)

Nos depoimentos gravados pelos participantes, amigos próximos, colegas de sala, pessoas de outros cursos, e pessoas desconhecidas foram autores/as de atitudes homofóbicas. A homofobia como fenômeno determinado pelo gênero, no presente estudo, foi perpetrada majoritariamente por homens, conforme pode se observar nos relatos.

Esse amigo para quem eu contei ele foi mentir para o grupo dele que eu tinha tentado fazer um oral nele dentro da universidade. (Billy)

Um cara de um outro curso, gritou para todo mundo ouvir. (Billy)

Era um senhor, que estava atrás de mim [no trem], ao qual se aproveitou do transporte público lotado para abusar sexualmente. (Alysson)

Taiane destacou em seu depoimento que as violências eram feitas por colegas de turma, durante aulas práticas, logo após ela assumir sua orientação sexual, destacando que tudo isso era feito principalmente pelos garotos. Durante uma entrevista de emprego, o profissional responsável expressou o preconceito contra mulheres lésbicas e a orientação sexual heteronormativa como um pré-requisito, mesmo que velado, para a contratação.

Muita gracinha feita principalmente por parte dos garotos que não respeitavam a minha orientação. (Taiane)

Chegou uma hora da entrevista que ele perguntou a minha orientação sexual. (Taiane)

Jardel conta que os colegas de outros cursos, principalmente os de Exatas, eram os principais agressores e que, por estarem em grupo, se sentiam mais à vontade para praticar atos de violência contra LGBT+.

Era meio complicado porque a faculdade se dividia entre o curso de comunicação e os outros cursos, principalmente os cursos de exatas; eles nos marginalizavam, eles riam, eles nos ridicularizavam. Eles estavam sempre em grupo, lógico né, eles nunca estavam sozinhos [...] entre nós do curso de comunicação havia respeito, havia amizade, havia gentileza, mas as pessoas de fora... elas simplesmente não faziam isso, elas apenas nos ignoravam e quando elas podiam, elas nos humilhavam. (Jardel)

As expressões da homofobia nas narrativas relatadas pelos participantes demonstram as particularidades da homofobia individual, social, cultural e institucional, levando à hierarquização e inferiorização sociais. Para Borriolo (2010, p.87), a homofobia é um complexo de humilhação, prática e execução da violência, que abrange símbolos, normas e padrões de socialização fundamentados em cada cultura, aspecto de estruturação das sociedades locais.

O sistema de construção da homofobia segue a mesma forma lógica das outras formas de violência e inferiorização, que consiste na desumanização do outro tornando-o constante e ocupando camufladamente a lógica de exclusão social (BORRILO, 2010, p. 35).

Oliveira, C. *et al.* (2016, p.1484) afirmam que, a vivência no contexto educacional mostra que a discriminação é uma prática social que faz parte do cotidiano da escola. Sabemos que a desqualificação ou inferiorização do outro traz sérias consequências aos indivíduos, tanto sociais quanto psicológicas, porém podemos observar que há um forte indício de que boa parte da sociedade aceita com naturalidade essa violação dos direitos humanos (OLIVEIRA, C. *et al.*, 2016, p.1484). Uma das justificativas reside no engessamento de características esperadas em um determinado indivíduo e, assim, as práticas discursivas homofóbicas materializam-se em discursos de aversão, rejeição, exclusão e são legitimadas institucionalmente (OLIVEIRA, C. *et al.*, 2016, p.1484).

Cabe, aqui, dizermos, que outro fator é cultural, produzindo efeitos de sentidos que desqualificam o grupo LGBTQ+, fomentando discursos que negam ao grupo o direito às políticas públicas de direitos humanos e reforçam os discursos que promovem a violência contra esse grupo (OLIVEIRA, C. *et al.*, 2016, p.1484).

Com base em resultados de pesquisas, realizadas por grupos de estudiosos, buscando evidenciar e compreender fatores que levam a atitudes ofensivas dirigidas a este grupo em específico e a seletividade social diante do “diferente”, é possível observar que muito do que temos hoje é a imposição de pensamentos generalistas e classificatórios, que acabam por segregar grupos isolados. O resultado dessa segregação é uma opressão, impondo a existência

de determinadas atitudes e ações em pessoas com determinadas características, criando um tipo ideal de imagem e comportamento.

Embora, atualmente, possamos dizer que a expressão social das identidades sexuais dissonantes da heteronormativa tem se ampliado, de modo que já se observa um debate na esfera pública que se reflete em uma relativa abertura de postos de trabalho, ainda é visível a dificuldade de inserção social dos jovens, quando estes assumem identidades e orientações sexuais LGBTQ+, visto que boa parte da sociedade ainda tem o preconceito introjetado em suas práticas discursivas cotidianas, reproduzindo a homofobia de forma naturalizada, cerceando o exercício da cidadania para esse grupo social.

4.2. Quando o problema (não) é apenas deles/as: silenciamento e dimensão singular dos sujeitos no enfrentamento da homofobia

O cenário difuso da discriminação, violência e intolerância ao público LGBTQ+ foi construído, historicamente, em total consonância com a falta de políticas públicas e legislações efetivas para coibir, prevenir, investigar, julgar e punir os crimes cometidos à população LGBTQ+, permitindo a intolerância e a violência, além de resultar na impunidade e repetição dos crimes (BORRILLO, 2010, p.87).

A análise das narrativas dos participantes deste estudo, no que concerne às formas de enfrentamento mobilizadas nas situações de violência e homofobia, demonstra de forma unânime que, nenhum deles teve alguma reação no momento exato em que sofreram esses atos. O silenciamento é motivado pela impotência de uma conjuntura social, política e institucional, que não leva o problema da homofobia para o debate na esfera pública. O tema da homofobia, no período em que os participantes vivenciaram aquelas situações em sua formação universitária, não era alvo de políticas públicas e institucionais de enfrentamento do problema.

Por sua vez, a sexualidade historicamente concebida como questão privada e tabu é silenciada. As orientações sexuais dissonantes, historicamente concebidas como subversivas à ordem social vigente e, até mesmo, como anormalidade, amoralidade ou patologia, não são parte da agenda de ações institucionais. Nesses contextos, em que as organizações não assumem a responsabilidade em coibir a violência e a homofobia com políticas institucionais, o problema embora exista, passa a ser invisibilizado, velado, de modo que o enfrentamento por pessoas vitimadas fica limitado a atitudes individuais, recaindo sobre as vítimas toda a responsabilidade em lidar com a situação.

Billy mudou a forma de se apresentar para novas pessoas. Quando começou um relacionamento com outro homem, assumiu a pessoa e, implicitamente, a bissexualidade, revelando uma maneira de expressar livremente a sua orientação sexual. Allyson chegou a falar algo para as amigas depois do ocorrido, mas não falou nada para o agressor, mesmo após o ocorrido no trem, ele não fez uma denúncia às autoridades policiais e não buscou nenhum outro tipo de ajuda. Taiane só fez algo quando a situação já não era mais suportável para ela, quando chegou ao limite e, por iniciativa própria, decidiu dialogar com os agressores (colegas), porém, desmotivada em realizar qualquer tipo de denúncia, que talvez exigisse dela uma rota burocratizada ou que não estivesse disposta a percorrer sem apoio. Conforme seu relato, alguns mudaram a forma de agir, já outros continuaram a ser como eram

[...] eu falei as coisas que tinha que falar na hora, saí fora, não denunciei, não fiz nada porque também eu não ia ter como provar aquilo (Taiane)

Em estudo realizado junto a adolescentes, sobre homofobia na escola, Reis e Harrad (2016) afirmam que na ocorrência de agressão e violência na instituição educacional, os professores e funcionários são responsáveis por resolver isso da melhor forma possível. Mas nem sempre os alunos se sentem a vontade para falar com esses profissionais, menos da metade (42,4%) chegou a informar a equipe da instituição alguma vez, e apenas um quinto (18,7%) disse que informou “sempre” ou “quase sempre” a equipe da instituição sobre esses incidentes (REIS; HARRAD, 2016, p.43).

No mesmo estudo, quando questionados sobre o porquê de não informarem sobre essas ocorrências, as respostas obtidas variavam e falavam de falta de confiança e da existência propriamente dita de preconceito, vergonha, medo de represálias e exposição por ser LGBT, até suspeição na possibilidade de a instituição tomar alguma providência eficaz, e a denúncia não seja genuinamente observada (REIS; HARRAD, 2016, p.43). O mesmo estudo revelou, ainda, a falta de meios para denúncia, desconhecimento das pessoas sobre quem poderiam buscar para obter ajuda na tomada de medidas preventivas e protetivas, medo de retaliação por parte dos agressores.

O relato de Taiane evidencia a invisibilidade institucional do problema. Os professores, mesmo presenciando as agressões verbais e hostilidade em sala de aula, pareciam não enxergar e não interviam, revelando talvez uma postura que não reconhece o problema como parte da esfera institucional. O depoimento de Billy, no presente estudo, revela a tentativa de levar o problema à esfera institucional, quando levou a situação até o

conhecimento do pró-reitor, ao encontrá-lo pelos corredores na universidade. Contudo, a iniciativa realizada informalmente, resultou na promessa de que tomaria decisões cabíveis, mas que, até hoje, após alguns anos, nenhum desfecho ocorreu e o caso foi silenciado.

E na época, como eu já disse, a faculdade não fez nada, nem professores, nem ninguém. Eu era mais fechada, tipo, não gostava de falar sobre, busquei ajuda da faculdade acho que uma única vez, depois não fui mais porque eu não gostava de ficar batendo nisso, brigando por isso, e os professores viam nas aulas e então eu acabei "deixando para lá", literalmente. (Taiane)

Sendo assim, a discussão sobre agressão e *bullying* na vida estudantil dos jovens e estudantes LGBT+ está intimamente relacionada à prática da agressão na instituição de ensino, local em que, na maioria das vezes, se expressam em movimentos agressivos físicos e evidentes. Entretanto, é necessário analisar os tipos de agressão que acontecem nesse meio, promovendo situações prejudiciais, como a construção de rumores maliciosos, mentiras e exclusão proposital de alunos em trabalhos realizados em grupos (REIS; HARRAD, 2016, p.26).

Os jovens discentes LGBT+ vivenciam e sofrem agressões, por apenas não possuírem uma relação transparente com a postura sexual, identidade de gênero ou por outras características individuais pessoais. Quando acontece a violência agressiva no âmbito educacional, a expectativa é que os docentes e profissionais da instituição de ensino exerçam atitudes eficazes e resolutivas do problema. Todavia, podemos considerar os casos em que o estudante não consegue denunciar tais acontecimentos para os funcionários da instituição educacional para serem resolvidos, devido à insegurança dos alunos proporcionada pela exclusão no ambiente de ensino (REIS; HARRAD, 2016, p.26).

Desta forma, podemos compreender como o preconceito pode causar traumas e situações muito desconfortantes para este público, sendo um estado cíclico, repetitivo e reforçado. O preconceito homofóbico instituído nas escolas e universidades nos faz refletir, no quanto de responsabilidade tais ambientes carregam, juntamente com sua constituição hierárquica para com as diversas maneiras de expressão dos jovens, pois, o preconceito pode começar por qualquer ideal e tipologia inserida na educação e cultura de tais “orientadores”, e estando eles em despreparo, o resultado que vemos, são como esses dos relatos já citados, extraídos da pesquisa organizada por Reis e Harrad (2016).

A mesma pesquisa citada relata que 35,3% de estudantes LGBT referiu ter seus pertences roubados ou danificados propositalmente por outros/as estudantes na instituição educacional (REIS; HARRAD, 2016, p.43). E assim, questionamos: a instituição de ensino

toma providencias contra estes atos? Muitas vezes, porque os alunos agredidos, não tem coragem ou se sentem ameaçados para denunciar e tornar público as agressões que sofrem.

Assim, quando falamos das experiências dos/das estudantes LGBT, elas também podem ser influenciadas pela inclusão no currículo de informações relativas a questões LGBT (REIS; HARRAD, 2016, p.57). Sendo assim, discutir o tema, apresentar a evolução sobre a temática LGBT, aprender sobre eventos históricos LGBT e exemplos positivos de pessoas LGBT pode aprimorar sua interação com a comunidade educacional, além de proporcionar informações valiosas sobre a comunidade LGBT (REIS; HARRAD, 2016, p.57). O estudo dos referidos autores também levou em conta se os estudantes já haviam sido expostos/as a representações de pessoas LGBT, ou à história e a eventos LGBT, durante as aulas na instituição educacional (REIS; HARRAD, 2016, p.57). De acordo com as respostas, constatou-se que mais da metade dos/das respondentes, 56,9%, afirmaram que esses assuntos não eram abordados em sala de aula e 16,7% afirmaram que foram ensinadas apenas informações negativas sobre o tema (REIS; HARRAD, 2016, p.57).

Nesse contexto, podemos dizer que o preconceito em relação ao gênero e à diversidade sexual “[...] tem sido responsável pela exclusão de diversos jovens e adolescentes do ambiente escolar, privando-lhes do acesso a um direito básico” (DE MORAES; JUNIOR; LUCKOW, 2017, p. 5374).

Para suprir esta evasão, políticas públicas de inserção, como a regulamentação de cotas para alunos LGBT+, vêm sendo criadas pelas universidades, pois como não há legislação federal que regule essas cotas, as universidades têm autonomia para estabelecer novas políticas afirmativas (ROMANY, 2019).

Romany (2019), em matéria publicada no portal de notícias UOL sobre a conquista de cotas e cursos pela comunidade LGBT+ em universidade, expõe que:

Um levantamento da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), divulgado em maio deste ano, mostra que a proporção de graduandos que não se classificam como heterossexuais não chega nem a um quinto do total. Na pergunta sobre orientação sexual inserida pela primeira vez na pesquisa, 16,4% se disseram LGBT num universo de 63 universidades e 424 mil estudantes (ROMANY, 2019, *online*).

A inserção social dos gêneros e sexualidades dissonantes pode tornar-se um grande desafio, quando entramos no ambiente acadêmico. Romany (2019) destaca ainda a constatação da presidente do Instituto Brasileiro Trans na Educação (IBTE), Andreia Cantelli, ao afirmar que “[...] há toda uma sociedade heteronormativa que desafia nossa existência

dentro da universidade”. Na referida reportagem, Andreia Cantelli também ressalta que “o sistema conservador é contra toda e qualquer cota, não somente para trans. As pessoas trans são afastadas dos direitos fundamentais por não corresponderem à normatização de gênero” (ROMANY, 2019, *online*).

Hoje, após algumas tragédias, os diretores e administradores de diversas instituições de ensino, procuram normatizar regras que ; auxiliam neste processo de inserção e adaptação social dos LGBT+ dentro das universidades e instituições de ensino, com ações como as que permitem o uso de banheiros de acordo com a identidade de gênero, reconhecimento de nome social entre outros, haja vista que, as situações mais comuns nos espaços educacionais são a negação ao uso do nome social, à utilização dos banheiros e à invalidação das pesquisas acadêmicas. (ROMANY, 2019).

No presente estudo, os participantes narraram histórias referentes a vivências que aconteceram em diferentes conjunturas. Três deles ; cursaram o ensino superior na década de 2010. O depoimento de Jardel diferencia-se por relatar a vivência da trajetória universitária durante a conjuntura da ditadura militar no Brasil. Segundo ele, por conta do regime militar, os grupos LGBT+ não podiam expressar-se e não tinham como ou onde denunciar atos de homofobia.

Eu estudei numa época em que o Brasil sofria pelo regime militar, sofria pela ditadura [...] Então era uma época difícil porque os LGBTs não podiam se expressar, hoje em dia as pessoas andam de mãos dadas na rua, se beijam, trocam carinhos, vão ao cinema, se abraçam... naquela época não podia nada disso. Os policiais eram extremamente rígidos e orientados a fazer uma certa pressão com relação aos LGBT+ de São Paulo [...] éramos extremamente ultrajados e isso reverberava no ambiente de trabalho, nas universidades [...] (Jardel)

Então, além de sermos LGBT e vivermos dentro de um armário, nós vivíamos dentro de uma redoma onde não podíamos falar nada; nem bem, nem ruim, e muito menos se expressar e manifestar nossos sentimentos e as nossas posições políticas. Então tudo isso, houve uma mudança nessa mesma época, então houve o crescimento de valorização do LGBT, onde ele conseguiu se impor como iguais porque houve uma... Um espanto por parte dos outros, e principalmente dos preconceituosos da época, que eram extremamente radicais, tiveram que recuar porque os LGBT começaram a agredir, agredir não, começaram a revidar as agressões, os xingamentos, as rasteiras, os empurrões e tudo que acontecia dentro de uma universidade ou até mesmo fora dela.

Mas na universidade, como ela é regida por grupos, por tribos, então existem vários grupos que se reúnem e esses grupos e eles debatem, eles se enfrentam. Mas os LGBT dessa época, eles começaram a enfrentar os heteronormativos e com isso tivemos um passo, e começamos a ter uma notoriedade, um desbravamento até com relação ao delegado que, de uma certa forma, humilhava os funcionários e os profissionais da noite, e eles tiveram que recuar, a polícia também teve que recuar. (Jardel)

No depoimento do Jardel, podemos visualizar um panorama de como começaram as lutas pelos direitos LGBTs, como a constituição de 1988 no Brasil e os movimentos LGBTs no mundo, que fizeram a diferença na vida deles. Mesmo que lentamente, as conquistas vêm acontecendo, os enfrentamentos existem e têm aumentado ano após ano. Durante a elaboração dessa pesquisa, foi conquistada a equiparação do crime homofóbico a um crime de racismo, configurando mais um degrau nessa luta por direitos iguais e visibilidade (GONZALES, 2019).

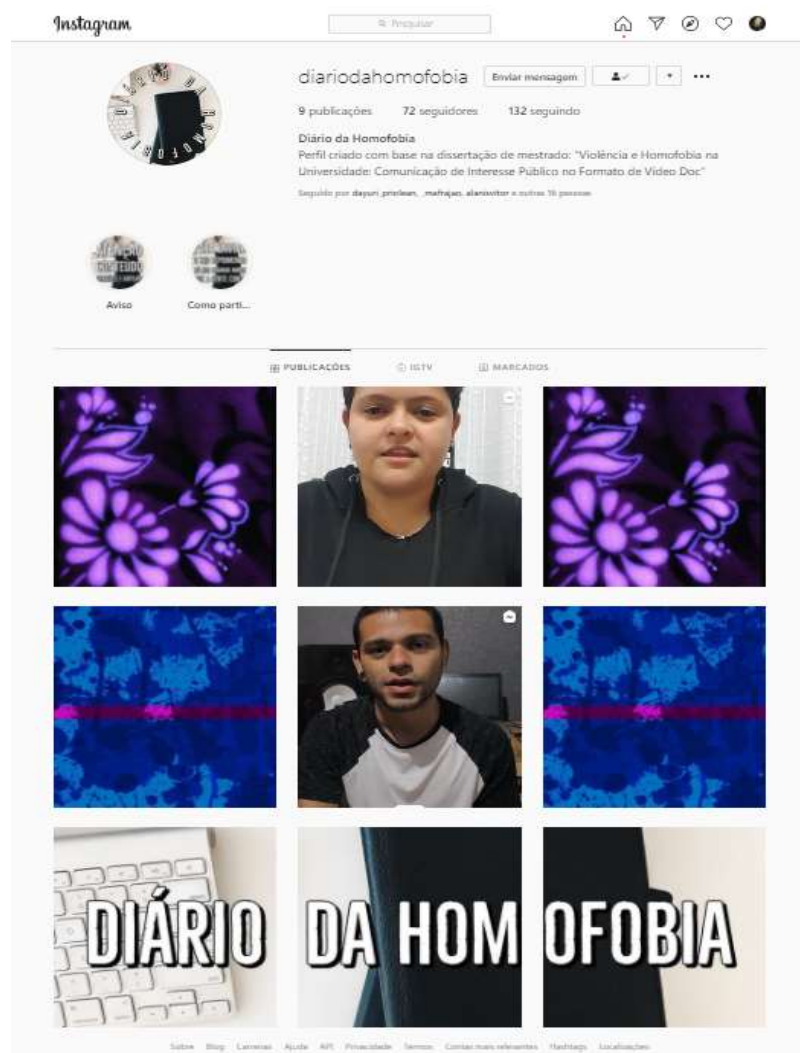
5. ESPECIFICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO OU APLICAÇÃO

O presente estudo propõe o desenvolvimento de um produto comunicacional para intervenção, em relação ao problema, no formato de vídeo documentário. O “Diário da Homofobia” será um *web* documentário gravado em forma de vídeo *selfie*. Devido à situação da pandemia no Brasil durante a realização desse estudo, a gravação dos depoimentos foi realizada em duas etapas.

O vídeo em tela vertical foi o formato escolhido, pois esse material vai ser divulgado no Instagram, rede social na qual é possível assistir, compartilhar, comentar e interagir de forma mais orgânica do que em outras redes sociais, com um alcance maior. Dessa forma, incentivando a discussão sobre a homofobia e a produção pessoal dos usuários do aplicativo de outros vídeos sobre o tema, em se tratando de tempo, foi orientada a gravação com duração de, no máximo, 50 minutos, que é o tempo-limite do Instagram para vídeos mais longos publicados no IGTV, aplicativo (*app*) utilizado para a hospedagem e divulgação de vídeos mais longos na rede social.

O material audiovisual foi recebido de forma *online*, com o uso da ferramenta de armazenamento *Google Drive*. Após o recebimento desse material, será feita a edição do documentário “Diário da Homofobia”, que será postado em um perfil de mesmo nome, o qual também irá reunir os vídeos de todos os participantes, editados e apresentados individualmente. Espera-se que o produto, após o termino do presente estudo, continue recebendo depoimentos de pessoas interessadas em dividir as suas experiências e criar um local de discussão atemporal sobre o tema. Com a visibilidade gerada por toda essa interação dentro da plataforma, espera-se incentivar e contribuir com a implementação de políticas públicas e oferecer maior visibilidade ao problema desse grupo que, muitas vezes, invisibilizado ou, até mesmo, ignorado pelas pessoas não LGBTs.

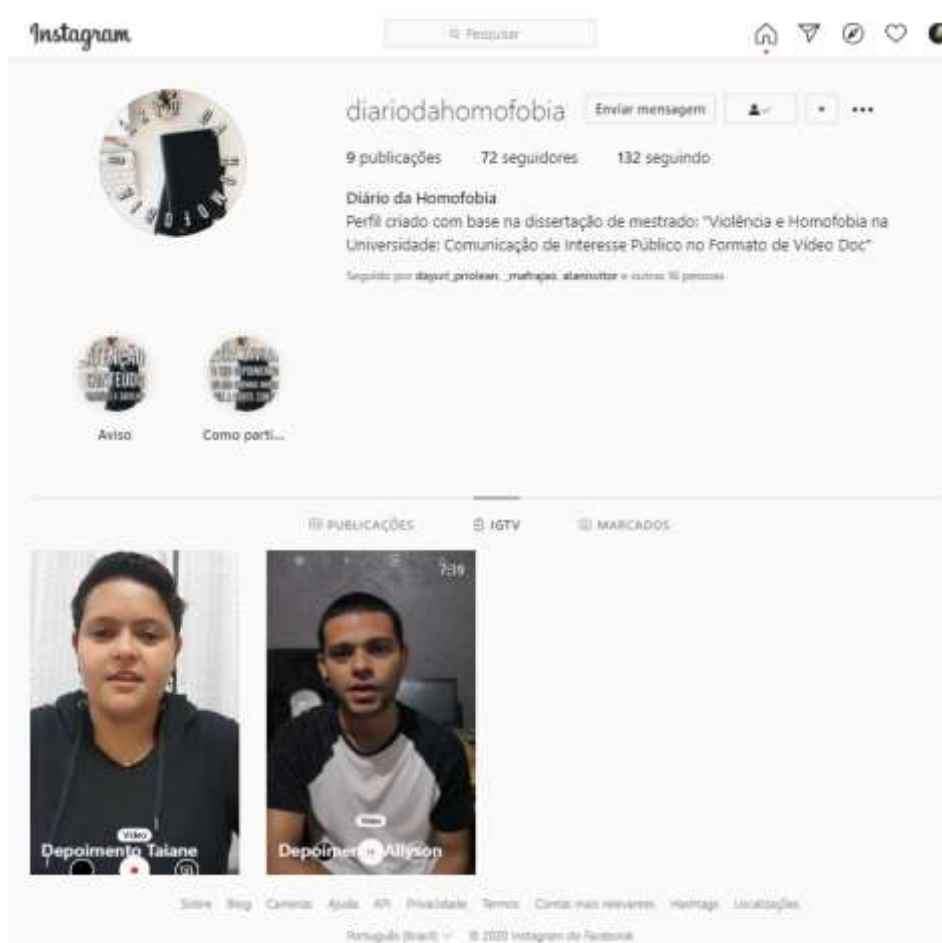
Figura 01 - Captura de tela da página do Instagram.



Fonte: Instagram - página elaborada pelo autor.

Baseando-se no artigo Silva e Vellei (2020) intitulado “*O corpo protagonista nas telas verticais: a influência do enquadramento retrato dos smartphones na produção imagética*”, discorro a respeito do uso das telas verticais como formato a ser adotado para as gravações. Esse é um formato que surgiu muito antes da televisão e do cinema existirem, era algo usado pelos pintores na confecção de retratos. Posteriormente, com a invenção da fotografia, foi adotado como padrão o formato horizontal do cinema, por conta das películas dos filmes e de como elas eram exibidas.

Figura 02 - Captura de Tela dos Vídeos.



Fonte: Instagram - página elaborada pelo autor.

Com a invenção dos celulares houve uma quebra desse padrão, já que este tipo de dispositivo tinha como premissa o uso de uma única mão para segurar o equipamento. Desta forma, a tela vertical dos celulares, assim como a tela dos sites existentes na *web* e que também utilizam a rolagem vertical, recebeu a incorporação de diversas funções; os celulares a ser chamados *smartphones*, sendo uma de suas funções a gravação de vídeos e a criação de diversos aplicativos para *selfies* e vídeos no formato vertical como, por exemplo, o *Snapchat* e, posteriormente, o Instagram, o Facebook, dentre outros aplicativos que utilizam os chamados *Status* – compostos por fotos ou vídeos em formatos verticais, nos quais o foco dessas publicações é o indivíduo e não mais a paisagem.

O produto desse documentário irá utilizar como dito antes o IGTV que é um aplicativo do Instagram, direcionado a produções audiovisuais de até uma hora em formato vertical, dando destaque para o fato de que qualquer pessoa, agora, pode ser um produtor de conteúdo utilizando essa ferramenta.

Previamente à elaboração da proposta do documentário, foi realizada uma busca na Agência Nacional do Cinema (ANCINE), em uma listagem de filmes brasileiros lançados comercialmente em salas de exibição, no período entre 1995 e 2018. Na plataforma *YouTube* também foi feita uma pesquisa, utilizando-se os termos “documentários universitários LGBT homofobia”, por documentários similares à proposta dessa pesquisa. Não foram encontrados produtos similares, apesar da existência de produções sobre o tema LGBT e a homofobia. Constatou-se também que há poucas produções sobre o tema no último ano (2019), assim como a utilização da tela vertical e o formato de vídeo *selfie*. Com isso, podemos afirmar o ineditismo desse produto.

Nas tabelas a seguir, temos os títulos encontrados durante essa pesquisa e os seus dados técnicos.

Tabela 01 - Listagem dos Filmes Brasileiros Lançados Comercialmente em Salas de Exibição 1995 a 2018.

Ano de Lançamento	Certificado de Produto Brasileiro (CPB)	Título	Direção	Gênero	Empresa Produtora Brasileira Majoritária	UF	Empresa Produtora Minoritária Brasileira	UF	Distribuidora	Máximo de Salas	Renda (R\$)	Público
2013	B0901022000000	Meu amigo Claudio	Dácio Pinheiro	Documentário	Piloto	SP	-	-	Festival Filmes	1	3.591,06	248
2013	B1101505000000	Olhe pra mim de novo	Claudia Priscilla/Kiko Goifman	Documentário	Paleo TV	SP	-	-	Paleo tv	2	6.025,70	1.431
2016	B1600200900000	Meu Nome é Jacque	Angela Zoé	Documentário	Documenta Filmes	RJ	Globo Filmes	RJ	Documenta Produções	1	4.627,77	515

2016	B160 0337 7000 00	São Paulo em Hi-Fi	Lufe Steff en	Docu ment ário	Cigano Filmes/ Lufe Steffen	SP	Ciga no Filme s	SP	Ciga no Filme s	3	34.65 5,61	3.526
2017	B170 0050 7000 00	Meu corpo é políti co	Alice Riff	Docu ment ário	Studio Riff	SP	Paide ia Filme s	SP	Olhar Distri buiçã o	13	19.74 5,42	2.308
2017	B150 0916 9000 00	Waiti ng for B.	Abig ail Spind el/Pa ulo Cesar Toled o	Docu ment ário	Popcon/ Videosf era	SP	Vide osfer a	SP	Vitri ne Filme s	28	11.38 3,44	1.774

Fonte: ANCINE

Tabela 02 - Listagem de Documentários Youtube.

Ano de Lançamento	Titulo	Duração	Canal Veiculado	Visualizações
2018	Documentário LGBT - Homofobia e transfobia na escola	24 minutos	Bendita Geni - Jornalismo LGBT	24.544 visualizações
2017	LGBT {Olhares Universitários #139}	15:43 minutos	Olhares Universitários	225 visualizações
2017	Você já foi vítima de homofobia?	15:45 minutos	Gay1	1.377 visualizações
2016	Um grito no silêncio Cultura LGBT de Barra Mansa	6:45 minutos	Carol Maia	473 visualizações
2017	DOCUMENTÁRIO - HOMOFOBIA, 3000	8:31 minutos	Versatile Gameplay's	88 visualizações
2017	Documentário - Homofobia e Agressão ao Idoso	12:45 minutos	Breno Silva	63 visualizações
2012	Documentário LGBT da Serra/ES	20 minutos	GuidoPetals	3.543 visualizações
2011	O Homem Gay e a Mídia – ENUDS	9:46 minutos	Gaycampinas campinas	1.610 visualizações
2019	Filme Lésbico Documentário // SAIR	3:48 minutos	Kinobox Filmes	11.808 visualizações

	DO ARMÁRIO			
2018	Documentário - Reflexo Trocado (Transgêneros) - trailer – LGBTQ	0:59 minutos	Valber Neves	204 visualizações
2019	Documentário "QUEENS"	16:05 minutos	Juliana Ramaldes	105 visualizações
2017	Homossexualidade no Esporte.	35:02 minutos	Gabriel Moreira	331 visualizações
2018	Documentário "Chame Pelo Meu Nome"	30:04 minutos	Alícia Peres	43 visualizações
2010	"Lésbicas no Brasil" (trechos)	6:37 minutos	COMULHER Comunicação Mulher	9.960 visualizações
2019	MEGG - A MARGEM QUE MIGRA PARA O CENTRO / 🏆 FILME PREMIADO (AWARD-WINNING FILM) #VisibilidadeTrans	15 minutos	Beija Flor Filmes	5.330 visualizações
2013	Muito Além do arco-íris Documentário	11:10 minutos	Alana Rogge	4.220 visualizações
2016	Meu corpo é meu lar	12:33 minutos	Agência SEVEN	230 visualizações
2018	Documentário Raízes	17:51 minutos	Marcus Vinicius	16 visualizações
2017	Sofia - O outro lado da moeda	12:25 minutos	Gustavo Maiberg	112 visualizações
2015	HOMO - IGUAIS NO MODO DE AMAR	13:09 minutos	Loyce Policastro	505 visualizações
2018	Colorindo: Heteronormatividade na cultura escolar do Amapá.	42:35 minutos	josean ricardo de souza e silva	2.038 visualizações
2016	Transcendentes - Sala de Notícias - Canal Futura	13:44 minutos	Sala de Notícias	199 visualizações
2017	PERMITA-ME SER - DOCUMENTÁRIO SOBRE A TRANSGENERIDADE 2016	24:25 minutos	Joao Roberto Nelli	737 visualizações

Fonte: Youtube * Pesquisa realizada em 25/09/2020.

Dentre os documentários encontrados na lista da ANCINE sobre a temática LGBT, quatro deles tratam sobre a população Trans, suas dificuldades, preconceitos e vivências na noite, enquanto outros dois fazem referência à cidade de São Paulo. Um deles é “*São Paulo*

em *HI-FP*”, que faz um resgate da noite paulistana nos anos 60, 70 e 80; o outro é em um documentário que retrata da cultura de fãs: “*Waiting for B.*” mostra jovens gays paulistas na fila, para assistir ao show da cantora Beyoncé, e o quanto a artista deu voz e força para eles. Já os encontrados no Youtube, embora não sejam desenvolvidos de forma tão elaborada quanto os da lista da ANCINE, tratam mais especificamente sobre o dia a dia do grupo LGBT na escola, na rua, na universidade, no trabalho. Muitos destes trabalhos foram desenvolvidos em formato jornalístico, com entrevistador, câmera, microfone. Vale ressaltar que, tanto as produções da ANCINE, como as encontradas no Youtube foram gravadas no formato horizontal e a universidade não é a abordagem principal em nenhuma delas.

O produto pode ser considerado inovador, pois utiliza a rede Instagram, mais exatamente o IGTV, para falar sobre a homofobia. Foi escolhido o formato de documentário por ser o que melhor se ajusta ao objetivo pretendido com o produto; o formato escolhido também é importante por conta da rede social em que será postado.

O roteiro apresentado a seguir foi elaborado pelo pesquisador, a partir da análise e categorização dos dados obtidos na pesquisa. Esta etapa contou com a colaboração de um diretor LGBT+, com o propósito de tornar o documentário mais atrativo e, ao mesmo tempo, uma forma de enfrentamento à homofobia, pela visão de alguém que vive esse problema social. Este produto está diretamente vinculado aos resultados do estudo, dando destaque aos vários tipos de violências vividas pelo público LGBT+, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais.

Diário da Homofobia

Danilo

Copyright Danilo Gomes de Oliveira

daandertv@hotmail.com

FADE IN:

1 INT. SALA – NOITE

Alysson sentado em uma cadeira na sala de sua casa.

MPP(meio primeiro plano).

Alysson

Dois fatos que me deixaram bem triste. Um foi dentro da faculdade e outro no transporte público.

2 INT. SALA – NOITE

Billy sentado em uma cadeira na sala de sua casa.

MPP.

Billy

Logo no início da faculdade eu contei para um amigo meu que eu era bissexual e tal, e para minha surpresa uma pessoa de outro curso, que eu não conhecia, veio me dar ideia e do nada ele soltou que ele sabia que eu era bissexual porque uma amiga dele contou para ele.

3 INT. SALA – NOITE

Jardel sentado em uma cadeira na sala de sua casa.

MPP.

Jardel

A primeira faculdade que eu fiz foi na década de 80, eu entrei na faculdade em 1981.

O Brasil ainda era dentro do regime militar, dentro da ditadura. Nós sofriamos um regime autoritário, onde nós não poderíamos fazer nada, nós não podíamos fazer nada... nós não podíamos, sequer, expressar os nossos pensamentos... quem dirá, sentimentos.

4 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

Teve muita piada, teve muita brincadeira e esbarrões na época, e muita
gracinha feita principalmente por parte dos garotos que não respeitavam a
minha orientação.
Eu fazia Educação Física

5 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

Pode me chamar de Billy nesse vídeo.

6 INT. SALA – NOITE

MPP.

Alysson

Olá, meu nome é Allyson, tenho 27 anos e me formei em 2018.

7 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Me chamo Jardel Teixeira, sou jornalista e professor

4 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

Teve muita piada, teve muita brincadeira e esbarrões na época, e muita
gracinha feita principalmente por parte dos garotos que não respeitavam a
minha orientação.
Eu fazia Educação Física

5 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

Pode me chamar de Billy nesse vídeo.

6 INT. SALA – NOITE

MPP.

Alysson

Olá, meu nome é Allyson, tenho 27 anos e me formei em 2018.

7 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Me chamo Jardel Teixeira, sou jornalista e professor

8 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Eu particularmente não sofri uma homofobia direta dentro da universidade, mas indiretamente amigos meus sofreram; e como nós fazíamos parte de um grupo, eles nos incluíam né, nessa homofobia discreta, como nós hoje pensamos e dizemos né porque nessa época não existia homofobia né, ela era direta, simplesmente nós não podíamos ser LGBT'S. Isso não existia, numa época ainda onde os militares administravam e tinham o poder do país. Então era uma época que tudo era preconceito, tudo gerava preconceito.

9 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

A minha experiência dentro da universidade foi bem tranquila, apesar de um episódio muito constrangedor que aconteceu comigo.

Eu nunca gostei de falar nada para ninguém porque, tipo, eu nunca gostei de entrar na caixinha da sociedade como um todo. E o que aconteceu quando eu decidi contar para alguém?

10 INT. SALA – NOITE

MPP.

Alysson

Era um menino de classe média alta que já "tava" trabalhando na área e que se sentia melhor que todo mundo ali naquele lugar. Dessa vez no grupo eu e minhas amigas, a gente quis ser gentil com ele e a gente chamou ele para fazer com a gente, mas só que não foi tudo legal.

Teve um dia que a gente "tava" na atividade e aí ele falou: "Nossa, que bom que nesse grupo tem um homem."

E aí eu meio que " fiquei meio assim" mas depois entendi sabe... ele falou num tom de graça, mas aquilo me magoou muito e tipo, eu não sou uma pessoa agressiva e na hora assim eu nem pensei em falar para alguém, depois eu só comentei com as minhas amigas, mas eu não nem em ir na coordenação, falar com o professor e nem respondi para ele. Eu só reagi, fiz uma expressão meio que sem graça e só...é uma coisa tão forte que abala assim no nosso íntimo que, pelo menos comigo, que trava assim véio, que tipo, a pessoa tá me julgando pelo que eu sou sabe.. então eu reajo muito de uma forma de criar esses bloqueios mesmo, eu não consigo me expressar muito bem em relação a isso por não me sentir a vontade e por fazer parte do meu íntimo mesmo, sabe?

11 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

Eu comecei a me assumir, a conversar sobre isso realmente na faculdade, que foi quando eu me soltei mais e foi quando começaram as brincadeiras, os preconceitos até de pessoas que eu julgava ser minhas amigas, que até acabaram se afastando exatamente por isso, por acharem... por na cabeça delas eu ser lésbica, elas iam imaginar que com certeza eu ia querer ficar com todo mundo, tipo, não podia ver mulher, na cabeça delas; e outras porque eram muito religiosas e por coisas que dizem não ser "não é de Deus".

Não é uma escolha sua, que você não acordou um belo dia e falou "opa... acho que hoje é isso aí".

12 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

Esse amigo para quem eu contei ele foi mentir para o grupo dele que eu tinha tentado fazer um oral nele dentro da universidade isso. E meu, são duas coisas que me abalou muito; primeiro porque eu não fiz isso né, não existiu essa tentativa, segundo porque eu sempre respeitei essa instituição da universidade em si, para mim então seria desrespeito dobrado. Então assim, isso me deixou muito magoado e fez com que eu me fechasse mais ainda, mas assim, até certo ponto. Porque, o que aconteceu, eu não deixei de confiar nas pessoas que eu conhecia, mas eu comecei a me apresentar de forma diferente para as novas pessoas que eu conheci.

13 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Então um grande número de pessoas gays, lésbicas... transexuais não podia existir, era impossível, inimaginável, porque um trans entrar numa universidade...seria banido pelos grupos, pelas pessoas, até pela própria administração e secretaria da universidade. Eu não sei como que alguns trans conseguiram estudar naquela época, eu não conheço pessoas daquela época que tenham sido trans e tenham feito faculdade, mas eu acredito que deva ter sofrido muito, porque nós sofriamos direta e indiretamente.

Tinham aqueles que eram visados, eles eram marginalizados, eles eram hostilizados e eles eram xingados...era meio complicado porque a faculdade se dividia entre o curso de comunicação e os outros cursos, principalmente os cursos de exatas; eles nos marginalizavam, eles riam, eles nos ridicularizavam... eles estavam sempre em grupo, lógico né, eles nunca tavam sozinhos.

Então se um de nós, que pertencíamos ao grupo dos LGBT'S do curso de comunicação e eles passavam por nós, e se nós estivéssemos sozinhos, nós éramos hostilizados por eles. Eles passavam rasteira, xingavam, humilhavam, derrubavam nossas coisas... exatamente como nós vimos em alguns filmes de adolescentes que fazem isso com os colegas na escola. Então nosso clima não era diferente disso.

14 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

Me chateou muito por muito tempo as provocações, as piadinhas, é...até mesmo me tratarem como homem, sendo que eu não sou, tudo isso meio que mexeu bastante comigo na época e me ajudou dentro da faculdade é...eu fui me fechando mais, eu comecei a ficar mais no meu canto, eu participava pouco das aulas por causa das brincadeiras. Pela minha voz ser um pouco mais grave também tinha esse preconceito, "olha, já nasceu com a voz grave" por gostar de mulher e tal, e com o tempo eu fui ficando meio saturada desse tipo de brincadeira, e uma vez eu... e vendo que a faculdade e vendo que professores, que ninguém fazia nada por mim, eu uma vez juntei todos esses meninos e entrei na sala e fechei todo mundo lá dentro e falei.

Acho que foi a primeira vez que eu realmente, tipo, desabafei sobre como eu me sentia, sobre como tava sendo ruim para mim a forma que eles me tratavam, é... e eu fiquei por muito tempo, muito tempo falando. Depois eu abri a porta e pedi que eles saíssem.

15 INT. SALA – NOITE

Pausa e se ajeita na cadeira.

MPP.

Alysson

Bom, é... o segundo fato, esse foi muito pesado, muito pesado mesmo. É...o meu caminho para ir para a faculdade, eu pegava um ônibus e depois um trem e depois eu andava até a faculdade. Bom, quando eu tava dentro do trem, eu estudava de manhã, o trem estava extremamente lotado né...então todo mundo muito apertado e enfim, só sobrando ... nem sobrando espaço para o ar, mas enfim.

Dessa vez eu tava no trem e aí eu...o único lugar que eu consegui ficar foi ali próximo da porta mesmo, onde ela abre e as pessoas entram, então é o pior lugar, pelo menos é o que eu acho. E aí, beleza, eu tava lá na porta todo prensado aqui e aí tranquilo... e aí chegou perto da estação eu escutei um homem gritando trás de mim, tipo...mas não era um grito de desespero, era um grito meio de prazer mesmo sabe?

16 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

Então isso serviu até de start para que eu já comesse a me apresentar de acordo com a minha orientação sexual para as pessoas. Então, ao mesmo tempo que isso é muito constrangedor para mim, fez com que eu ligasse a chavinha e falasse “mano, ninguém tem nada a ver com a minha vida, eu não preciso esconder nada de ninguém”, até porque eu não escondia, eu não escondia nada porque eu sempre achei ridículo a ideia de ter que entrar dentro de uma caixa para ser aceito na sociedade homofóbica.

Então o que eu fiz, eu comecei a falar para os outros de forma natural, e aí eu fui desconstruindo toda essa questão que foi criada.

Então assim, esse foi um momento muito constrangedor que eu passei dentro da universidade em relação a orientação sexual né. Mas também foi a única vez, fora isso nunca mais eu tive problema nenhum.

17 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Então eu digo para vocês, era uma época difícil porque os LGBT'S não podiam se expressar, hoje em dia as pessoas andam de mãos dadas na rua, se beijam, trocam carinhos, vão ao cinema, se abraçam... naquela época não podia nada disso. Os policiais eram extremamente rígidos e orientados a fazer uma certa pressão com relação aos LGBT'S de São Paulo.

Mas naquela época, apesar de sofrermos com uma inflação enorme, nós ainda conseguíamos sair e ir a alguns lugares durante a semana e, principalmente quando estávamos na faculdade. Então nós trabalhávamos o dia inteiro, íamos para a faculdade, estudávamos, participávamos das atividades e depois a gente saía para algum lugar, para uma boate ou para algum bar ou para alguma festa.

18 INT. SALA – NOITE

MPP.

Alysson

E aí eu, tipo, sabe aquele grito tipo "ahhhwnn" (semelhante a um suspiro de prazer)... eu não entendi sabe véi...e eu sei lá, eu tava em outro lugar assim que eu não percebi nada, mas ele tava abusando de mim. Foi triste. Eu senti um nojo naquele momento véi, eu de novo não consegui reagir. não sei, não soube reagir. As pessoas em volta olharam, eu olhei também e não entendi, depois que eu liguei as coisas, mas assim, eu não senti aquela pressão forte em mim, sabe?

Mas quando eu percebi foi só o momento que ele tava gritando né ... e aí eu liguei as coisas e falei: "Putaque pariu mano!" Enfim, foi um trauma do caramba, dentro do trem. E era um senhor. Não era um jovem, não era um cara mais de idade assim...coroa, era um senhor mesmo, e aí logo ele desceu, a porta abriu, ele gritou e logo desceu nessa estação.

E aí nesse do trem eu também não busquei conversar com ninguém, nenhum guarda... porque porra, eu tava...desculpa o palavrão, eu tava sem reação e sei lá. Na hora assim eu não sabia o que fazer, tanto...enfim, eu parei, parei mesmo, depois não fui atrás disso nem para pegar nas câmeras nem nada ... é isso.

É...a gente tem que tá atento a essas coisas né, para que não aconteçam mais com outras pessoas.

19 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

E acabou que terminou assim dentro do meu âmbito escolar da faculdade aquilo ali.

E fora da faculdade já era outra coisa... já foram ameaças dentro de metrô por tá com roupa diferente, corte de cabelo, forma de falar, forma de me vestir é... isso a gente passa no dia-a-dia isso é normal, é, normal não é, isso a gente tem no dia-a-dia, preconceito de tudo quanto é forma. Até em emprego, que a gente acha que não vai ter, tem.

Teve uma certa vez que eu fui fazer uma entrevista de emprego e eu sempre tive uma forma de me vestir totalmente básica, e eu fui fazer essa entrevista e o empregador, ele começou a conversar comigo, fazer a entrevista, coisa básica de trabalho. Chegou uma hora da entrevista que ele me perguntou a minha orientação sexual, o que eu acho que não tinha que vir na... não tinha nada a ver, mas eu falei para ele que não sabia porque ele tava perguntando, não era pertinente ao cargo, a nenhum é no caso, mas ele falou que eu era aparentemente lésbica, que ele teve problema com outras garotas lá dentro e acabou que não contratou pelo fato da minha orientação sexual.

Eu cheguei em casa totalmente destruída, acabou comigo. E como eu sou, eu falei para as coisas que tinha que falar na hora, saí fora, não denunciei, não fiz nada porque também eu não ia ter como provar aquilo.

20 INT. SALA – NOITE

MPP.

Jardel

Naquela época que eu estudei, que eu fiz a primeira faculdade, eu já fiz 4 faculdades e já fiz uma pós-graduação também, eu percebo que tudo tá diferente da época que eu estudei para hoje. Mas eu acho que temos muito para aprender, para caminhar, para viver, e só o que eu espero é que nós possamos ter um ambiente saudável, de respeito, generosidade, delicadeza, gentileza, em que todos nós possamos estramos felizes de vivermos como somos e obtermos das pessoas o respeito e a generosidade de que somos iguais, mesmo sendo diferentes.

21 INT. SALA – NOITE

MPP.

Taiane

Mas foi algo que eu passei e que não esqueço, tanto da faculdade quanto do trabalho. E hoje em dia, no meu caso, eu tento deixar para lá esse tipo de coisa que passou e me esforçar para mostrar que o fato de eu ser ou não ser algo não muda a minha capacidade, não muda o meu esforço, não muda quem eu sou .

22 INT. SALA – NOITE

MPP.

Billy

Então meu relato é esse.

Eu me senti traído, porque foi uma quebra de confiança e a outra eu me senti revoltado.

Mas fora isso eu nunca vi ninguém tendo um problema mais grave de agressão, de violência, eu sempre vi todo mundo ali muito aberto, muito mais livre de preconceito do que com essa carga negativa.

23 INT. SALA – NOITE

MPP.

Alysson

Mas enfim, as coisas hoje são diferentes. Hoje eu consigo me expressar melhor e sempre que eu escuto um comentário homofóbico a respeito de mim, que sou gay, como de alguém transexual, enfim, eu sempre rebato com algum comentário, mas não de uma forma agressiva e sim sempre explicando o motivo e aí eu acabo passando um pouco da vida daquela pessoa para quem fez o comentário maldoso... e aí eu acho que é a melhor forma de fazer isso.

FADE OUT / FIM.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada durante um momento muito atípico no mundo, a pandemia de Covid19. Dessa forma, o número de depoentes ficou distante do esperado na proposição do presente estudo. Contudo, ainda assim, foi possível responder aos objetivos propostos no início desse trabalho.

Ainda estamos muito longe de um cenário igualitário, por esse motivo se faz tão necessária a discussão em todas as esferas acerca do assunto homofobia. A não discussão sobre o tema nos leva a situações que afetam e muito a vida das pessoas, traumas que vão ficar para sempre marcados em suas mentes e corpos. Através dos quatro depoimentos que foram analisados, postados em rede social, esperamos que outras pessoas se interessem em participar do projeto que não se encerra com a conclusão desta dissertação. As mortes por homofobia continuam em uma curva ascendente, de modo que as formas de enfrentamento têm que continuar a crescer também.

A análise dos relatos orais dos participantes, norteadas pelos objetivos do estudo, revelou que são muitas as violências vivenciadas pelos estudantes. Desde a violência simbólica que estrutura ambientes hostis, a pessoas que não atendem as exigências sociais heteronormativas, até a violência verbal, física e sexual dentro dos muros da universidade foram narradas pelos participantes. Espaços que integram o cotidiano dos universitários, a exemplo do transporte público e de entrevistas de emprego, também constituem espaços de agressões.

Em relação ao enfrentamento, a análise do conteúdo dos relatos revelou que a maioria deles não sabe o que fazer no momento das agressões, perpetradas em espaços nos quais se espera segurança e respeito. Os enfrentamentos não existem, a não ser por atitudes individuais mobilizadas pelos participantes, sem nenhum apoio. Os relatos mostraram que, muitas vezes, após o ocorrido, houve uma mudança de postura das vítimas em relação à expressão da orientação sexual. A falta de confiança e de perspectivas de apoio institucional faz com que, dificilmente, os jovens busquem apoio para o enfrentamento do problema. De acordo com os relatos analisados, eles silenciaram ou enfrentaram sozinhos a este tipo de situações.

O presente estudo apresenta limitações, no que concerne ao universo empírico reduzido, ao recorte analítico, que não esgota as possibilidades de abordagem e leitura dos resultados que, neste estudo, são norteados por objetivos e referencial teórico específicos, mediados pelo lugar de fala do pesquisador. Os prazos definidos para o desenvolvimento da pesquisa e o contexto pandêmico não possibilitaram uma exploração exaustiva dos relatos e

detalhamentos que seriam importantes para descortinar muitos dos temas que emergiram nas narrativas.

Em síntese, o presente estudo revelou que, na sociedade brasileira, o cenário homofóbico é expresso pela intolerância, preconceito, discriminação e violência, nas suas diversas formas de manifestação. Essas expressões resultam de concepções culturais, ancoradas por princípios da heteronormalidade, cisnormalidade entre outros termos binários de sexo e gênero. A homofobia está fortemente presente no cotidiano dos jovens universitários brasileiros, velada, naturalizada e banalizada, a despeito dos avanços que resultaram da luta desses agentes sociais nas últimas décadas.

A elaboração de um produto para a comunicação de um tema de interesse público, neste estudo, está fundamentada no método científico e ancorada em um referencial teórico definido. Desse modo, o processo de investigação na produção da informação pública permitiu, para além da observação e do levantamento de fatos, a interpretação da realidade teoricamente fundamentada, apontando para uma possibilidade inovadora, que agrega pesquisa e intervenção social por meio da linguagem audiovisual.

Dessa forma podemos responder a nossa pergunta problema levantada no início este trabalho: “como um produto comunicacional no formato de vídeo documentário pode contribuir para o enfrentamento da homofobia em contextos universitários?”. A partir do presente estudo, aponta-se uma possibilidade de contribuição no sentido de dar visibilidade ao problema a partir das histórias do cotidiano universitário no qual o problema está introjetado. A despeito da especificidade do estudo e do universo empírico específico e pouco abrangente, a pesquisa qualitativa permitiu a compreensão de significados que permeiam essas vivências, de modo que o produto audiovisual desenvolvido como intervenção a partir da pesquisa poderá engendrar o debate sobre o tema na esfera pública. Acredita-se que a divulgação dos depoimentos em uma rede social amplamente utilizada no atual contexto possibilitará a criação de uma rede empática entre as vítimas da homofobia, dando força para aqueles que nunca falaram sobre o que sofreram, falarem e com isso não se sentirem culpabilizados pela violência sofrida. A partir do referencial teórico adotado e da análise dos depoimentos, compreende-se a determinação histórica e social da violência e da homofobia e da necessidade de produção de informação sobre o problema e sobre os direitos conquistados e negados.

As possibilidades não se esgotam com o presente estudo, mas um possível caminho foi percorrido e descrito como modo de compreender a realidade e intervir na construção de uma sociedade melhor, segura e mais justa para o/a LGBT+.

Finalizamos, fazendo referência ao relato de um dos depoentes:

[...] eu acho que temos muito para aprender, para caminhar, para viver, e só o que eu espero é que nós possamos ter um ambiente saudável, de respeito, generosidade, delicadeza, gentileza, em que todos nós possamos estarmos felizes de vivermos como somos e obtermos das pessoas o respeito e a generosidade de que somos iguais, mesmo sendo diferentes. (Jardel)

7. REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Não contar a ninguém ou contar a todo mundo?: colapsos da masculinidade em *No se lo digas a nadie*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 343-370, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3mcVJIj>. Acesso em: 17 Jan. 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. REIS, Toni; HARRAD, David. (org.). **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2V4CUer>. Acesso em: 27 Fev. 2020.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 87-100, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2VaBz64>. Acesso em: 19 Fev. 2020.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, Ago. 2011, p. 549-559. Disponível em: <https://bit.ly/3o0nFzU>. Acesso em: 17 Jan. 2020.
- BOBBIO, Noberto. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 2002, 208p..
- BORGES, Laila Raiana Santana. GOMES, JAQUELINE. HOMOFOBIA: IDENTIFICAR E PREVENIR. RIO DE JANEIRO: METANOIA, 2015. **Revista Gênero**, v. 17, n. 1. Disponível em: <https://bit.ly/37drESK>. Acesso em: 13 Ago. 2019.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Traduzido por Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 141p.
- BORTONI, Larissa. Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional. **Jornal do Senado**, ano 23, n. 4.721, 2017. Especial Cidadania, v. 14, n. 598. Disponível em: <https://bit.ly/39s8sU3>. Acesso em: 19 Fev. 2020.
- BRANDT, Marcelo. Escola sem Homofobia. **Câmara dos Deputados**, Comissão de Educação. Disponível em: <https://bit.ly/37e9qk4>. Acesso em: 10 Mar. 2020.
- BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei da Câmara dos Deputados, nº 7.582/2014**. Define os crimes de ódio e intolerância e cria mecanismos para coibi-los, nos termos do inciso III do art. 1º e caput do art. 5º da Constituição Federal, e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/33C260T>. Acesso em: 24 Nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013. ISBN 978-85-334-144-5. Disponível em: <https://bit.ly/3lgWz5Q>. Acesso em: 10 Mar. 2020.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI**: Conceitos e Legislação.

Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. 2. ed. Brasília: MPF, 2017. 83 p.. Disponível em <https://bit.ly/2V4uZOG>. Acesso em: 10 Mar. 2020.

CAZEIRO, Felipe; FERNANDES, Emilly Mel; BEZERRA, Marlos Alves. (Trans) tornando a norma cisgênera e seus derivados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, set. 2019. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://bit.ly/3q8OyTT>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

COELHO, Marcela. Luta contra a homofobia: tudo o que você precisa saber sobre o tema. **Revista Quero Bolsa**, 17 maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3meeGdS>. Acesso em: 16 Out. 2019.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/36dUmmn>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2KNJEvA>. Acesso em: 23 Jan. 2020.

COSTA, João Roberto da (org). **Comunicação de Interesse Público**: idéias que movem pessoas e fazem um mundo melhor. São Paulo: Jaboticaba, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/39gk2Sh>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

CHAGAS, Inara. Evasão escolar: O que causa o abandono escolar no Brasil e quais medidas precisamos adotar para engajar o jovem? **Politize**, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/trilhas/evasao-escolar-no-brasil/>. Acesso em: 16 Out. 2019.

DE MORAES, Dayane Suelen; JUNIOR, Luiz Alberto da Silva Silveira; LUCKOW, Heloiza Iracema. As Trajetórias Escolares de Alunos LGBT: Um Levantamento De Produções Bibliográficas. In: XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE e VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 2017, Curitiba/PR. **Anais do XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2017. p.5378-5387. Disponível em: <https://bit.ly/36iZczP>. Acesso em: 27 Fev. 2020.

ERNST, Aracy Graça. 17) O anverso dos processos de regulação e higienização do eros homoafetivo: o “sintoma” no discurso de inclusão social. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3q3r2rH>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

FERREIRA, Cláudio. Preconceito e violência reduzem expectativa de vida de LGBTs, dizem participantes de seminário. **Câmara Legislativa**, Notícias, 06 Jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3o39YA7>. Acesso em: 16 Out. 2019.

FIGUEIREDO, Danniell; MORAIS, Pâmela. LGBTfobia no Brasil: fatos, números e polêmicas. **Politize!**, 5 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/37daRiB>. Acesso em: 16 Out. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p.117-133, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/36gSpGQ>. Acesso em: 24 Fev. 2020.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3q93NMC>. Acesso em: 26 Jan. 2020.

GONZALEZ, Mariana. Supremo Tribunal Federal criminaliza homofobia e transfobia; o que muda? **UOL**, São Paulo, 13 jun. 2019. Universa. Disponível em: <https://bit.ly/2V3MILi>. Acesso em: 31 jul. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Orgs.). Violência contra a População LGBT+. In: **Atlas da violência 2019**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA, FBSP, 2019. ISBN 978-85-67450-14-8. Disponível em: <https://bit.ly/2V5HzNb>. Acesso em: 18 Fev. 2020.

JESUS, Diego Santos Vieira de. O mundo fora do armário: Teoria Queer e Relações Internacionais. **Revista Ártemis**, v. 17, n. 1, 4 ago. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3fEjdUv>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Homofobia: identificar e prevenir**. 2. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015, 106p.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília:[s. n.], 2012, 42p.. Disponível em <https://bit.ly/3m3ucZM>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2KL177L>. Acesso em: 16 Out. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.17-34. Disponível em: <https://bit.ly/3nPCYew>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p.1-18, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3fJ0F5v>. Acesso em: 24 Fev. 2020.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 2017, p.621-648. Disponível em: <https://bit.ly/39kV18o>. Acesso em: 24 fev. 2020.

MICHELIS, Eduardo; MOTT, Luiz; PAULINHO. **População LGBT morta no Brasil: #Relatório GGB 2018**. Disponível em: <https://bit.ly/377PjEf> . Acesso em: 31 Jul. 2019.

MOTT, Luiz. Anti-Homossexualidade: a gênese da homofobia. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 02, p.15-32, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3fSkx6k>. Acesso em: 13 Ago. 2019.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. Violência é coisa de homem? A naturalização da violência nas falas de homens jovens. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, p. 1151-1157, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/368Bc20>. Acesso em: 23 Jan. 2020.

OLIVEIRA, Cleide Ester de; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira; BITTENCOURT, Nadir de Fatima Borges. Tensões e contradições nos discursos políticos sobre o combate à homofobia no contexto da escola brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 2, p. 1479-1492, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Ks8r87>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M.; SALGADO, L. P. P. Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 13, n. 4, p. 817-23, 2009.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Discriminação aumenta risco de jovens LGBTI irem morar na rua, dizem relatores. Notícias, 13 Ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37gl6mu>. Acesso em: 16 Out. 2019.

PIMENTEL, Franciele Paes. Discurso e mídia: o poder da ideologia na formação de identidades. **JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO**, 1., 2008. Anais da 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso. Maringá. 2008. p. 344-353. Disponível em: <https://bit.ly/37a11Os>. Acesso em: 21 Jan. 2019.

POLICARPO, Verónica. Para lá da heteronorma: subjectivação e construção da identidade sexual. **Revista de Estudos Feministas**, v. 24, n.2, Ago. 2016, p. 541-567. Disponível em: <https://bit.ly/2KLus23>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. **Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3q9cmqK>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

ROMANY, Ítalo. Trans conseguem cotas e cursos em universidades, mas geram reações adversas. **UOL**, João Pessoa, 11 Jul. 2019. Comportamento. Disponível em: <https://bit.ly/3q47OSJ>. Acesso em 27 Fev. 2020.

SALDANHA, Patrícia Gomes; ALVES, Marcelo Rodrigo de Avelar Bastos. Publicidade e interesse público: noções articuladas em instância normativa do Governo Federal do Brasil. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM-USCS, v. 18, n. 37, p.31-47, 9 ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3fHKTYA>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

SILVA, Wagner Souza; VELLEI, Carolina dos Santos. O corpo protagonista nas telas verticais: a influência do enquadramento retrato dos smartphones na produção imagética. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM-USCS, v. 21, n. 46, 2020. Disponível em <https://bit.ly/33pJtwJ>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

SOUTO, Luiza. Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 Jan.2018, atualizado 25 Out. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/3fDok2h>. Acesso em: 21 Jan. 2019.

SOUZA, Camila Cristina de Castro. Políticas públicas para população LGBT no Brasil: Do estado de coisas ao problema político. **VII Jornada Internacional Políticas Públicas**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3fBOCXF>. Acesso em: 10 Mar. 2020.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, v. 25, n. 1, p. 63-96, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191201925163>. Acesso em 24 Nov. 2020.

VALENTE, Jonas. Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017. **Central Única dos Trabalhadores Brasil**. Disponível em: <https://bit.ly/37ksbCH>. Acesso em: 16 Out. 2019.

VIANA, Fabrício. #Psicologia as neuroses de quem não "sai do armário", leia e compartilhe! **Parada SP**, São Paulo, 28 Abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3fCuXa3>. Acesso em: 16 out. 2019.

XAVIER, Luiz Gustavo. Direitos Humanos aprova criminalização da homofobia e da transfobia. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 06 Jun. 2019. Notícias. Disponível em: <https://bit.ly/36a2THN>. Acesso em: 10 Mar. 2020.

8. APÊNDICES

8.1. Etapa 1

Questionários

Pesquisa Violência e Homofobia

Pesquisa Violência e Homofobia nas narrativas de jovens universitários: comunicação de interesse Público no formato de vídeo documentário

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

2. O questionário envolve um risco mínimo em relação ao teor das questões que abordam experiências de violência e homofobia. Caso você acredite que responder acerca do tema e resgatar essas experiências possa lhe causar algum desconforto ou prejuízo, recomendamos que recuse o convite. *

☐ Aceito ☐ Não Aceito

Obrigado pelo interesse.

3. Como a sua resposta para a pergunta anterior foi "Não aceito", agradecemos a participação e com isso encerramos aqui o questionário. Deseja ser informado sobre a publicação do produto final (vídeo documentário)? *

☐ Sim ☐ Não

Questionário Etapa 1

Garantimos total sigilo e privacidade em relação às informações aqui registradas, de modo que os dados de preenchimento dos questionários sob acesso exclusivo do pesquisador responsável.

4. Autorizo a divulgação e o uso desse questionário por pesquisadores dessa instituição em produtos midiáticos acadêmicos e científicos. *

☐ Autorizo ☐ Não Autorizo

5. Telefone para contato: *

6. Idade Atual: *

7. Gênero: *

8. Cor: *

9. Religião: *

10. Estado Civil: *

11. Cidade Natal: *

12. Cidade onde mora atualmente: *

13. Profissão: *

14. Ocupação: *

15. Atualmente, você está cursando a *

() Graduação

() Especialização

() Mestrado

() Doutorado

() Outro

16. Caso tenha marcado "outro" na questão anterior (especifique)

17. Qual a sua área de formação:

- ☐ Humanas
- ☐ Ciências Sociais Aplicadas
- ☐ Saúde
- ☐ Exatas

18. Caso deseje, especifique qual curso você faz:

19. Entre as opções abaixo, em qual você mais se identifica: *

- ☐ Homossexual Masculino (gay)
- ☐ Homossexual Feminino (lésbica)
- ☐ Bissexual
- ☐ Transexual
- ☐ Heterossexual
- ☐ Outro

20. Ao longo de sua trajetória na universidade, você já sofreu alguma forma de violência (Humilhação, xingamento, hostilidade, negação de direitos, calúnia, ameaças, difamação, agressões físicas, empurrões, tapas, chutes, violência sexual, assédio, etc) devido a sua sexualidade ou identidade de gênero? *

- ☐ Sim ☐ Não

21. Quando aconteceu? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Entre 16 e 20 anos de idade
- ☐ Entre 21 e 25 anos de idade
- ☐ Entre 26 e 30 anos de idade
- ☐ Após os 31 anos de idade

22. O que ocorreu na(s) situação(s)? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Xingamento

- ☐ Tapa / Soco / Chute
- ☐ Empurrões
- ☐ Puxões/ aperto
- ☐ Negligência
- ☐ Humilhação
- ☐ Ameaças
- ☐ Comentários maldosos
- ☐ Abuso/ importunação sexual
- ☐ Chantagem
- ☐ Tentativa de homicídio
- ☐ Assédio sexual
- ☐ Calúnia/ difamação
- ☐ Destruição ou retirada forçada de objetos pessoais / dinheiro
- ☐ Outro

23. Caso tenha marcado "outro" na questão anterior (especifique)

24. Em qual local(s) aconteceu/aconteceram? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Escola
- ☐ Universidade
- ☐ Transporte Público
- ☐ Trabalho
- ☐ Rua
- ☐ Praças / Parques
- ☐ Redes Sociais
- ☐ Por Telefone
- ☐ Restaurante / Bar
- ☐ Balada / Shows
- ☐ Teatro / Cinema
- ☐ Shopping Center
- ☐ Estádios / Ginásios Desportivos
- ☐ Na sua Casa
- ☐ Casa de Parentes

- ☐ Casa de Amigos
- ☐ Hospitais ou outro serviço de saúde
- ☐ Outro

25. Caso tenha marcado "outro" na questão anterior (especifique)

26. Quando ocorreu ? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Graduação
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

27. Quem foi/foram o(s) agressor(es)? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Irmãos(os)
- ☐ Tixs
- ☐ Avós
- ☐ Primxs
- ☐ Amigxs
- ☐ Colegas
- ☐ Padre
- ☐ Pastorx
- ☐ Empregadorx / Chefe
- ☐ Policial
- ☐ Médicx / enfermeirx
- ☐ Professorx
- ☐ Desconhecidx
- ☐ Outro

28. Caso tenha marcado "outro" na questão anterior (especifique)

29. A que você atribui a(s) causa(s) da(s) agressão(s)? (Pode assinalar mais de uma) *

- ☐ Estava de mãos dadas com alguém do mesmo sexo
- ☐ Estava abraçado com alguém do mesmo sexo
- ☐ Estava beijando alguém do mesmo sexo
- ☐ Ter “assumido” minha sexualidade
- ☐ Aparência física
- ☐ Roupa que eu estava usando
- ☐ Minha maneira de falar
- ☐ Por estar saído de um local frequentado pelo público LGBTQ+
- ☐ Sem motivo aparente
- ☐ Outro

30. Caso tenha marcado "outro" na questão anterior (especifique)

31. Deseja participar da segunda fase da presente pesquisa, a qual se constituirá na gravação de um relato pessoal para compor um vídeo documentário sobre violência e homofobia em universidades? *

- ☐ Sim ☐ Não

32. Em relação à exposição de sua imagem e identidade no documentário: *

- ☐ Desejo mostrar a minha imagem e revelar minha identidade
- ☐ Desejo gravar, mas utilizando recursos que garantam o meu anonimato

8.2. Etapa 2

Roteiro de entrevista

Vivência de violência por homofobia na universidade: o relato deve contar experiências de violência, homofobia e preconceito vividas na trajetória universitária pelo fato de ser LGBTQ+. O relato deve contar como essas situações aconteceram, como você se sentiu, como enfrentou o problema e qual foi o papel da universidade nesse enfrentamento. Abaixo há uma sequência de questões norteadoras para você ler e refletir sobre as respostas antes da gravação. Não é necessário seguir à risca o roteiro. Ele é mais para te guiar sobre as

informações que o relato pode trazer, caso você deseje tornar pública essa história. Caso prefira seguir o roteiro, também é possível. O Vídeo deve ser gravado da maneira que você se sentir mais à vontade.

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS PARA A GRAVAÇÃO ESTÃO NO ARQUIVO DE VIDEO DENTRO DA MESMA PASTA ONDE FOI BAIXADO ESSE DOCUMENTO

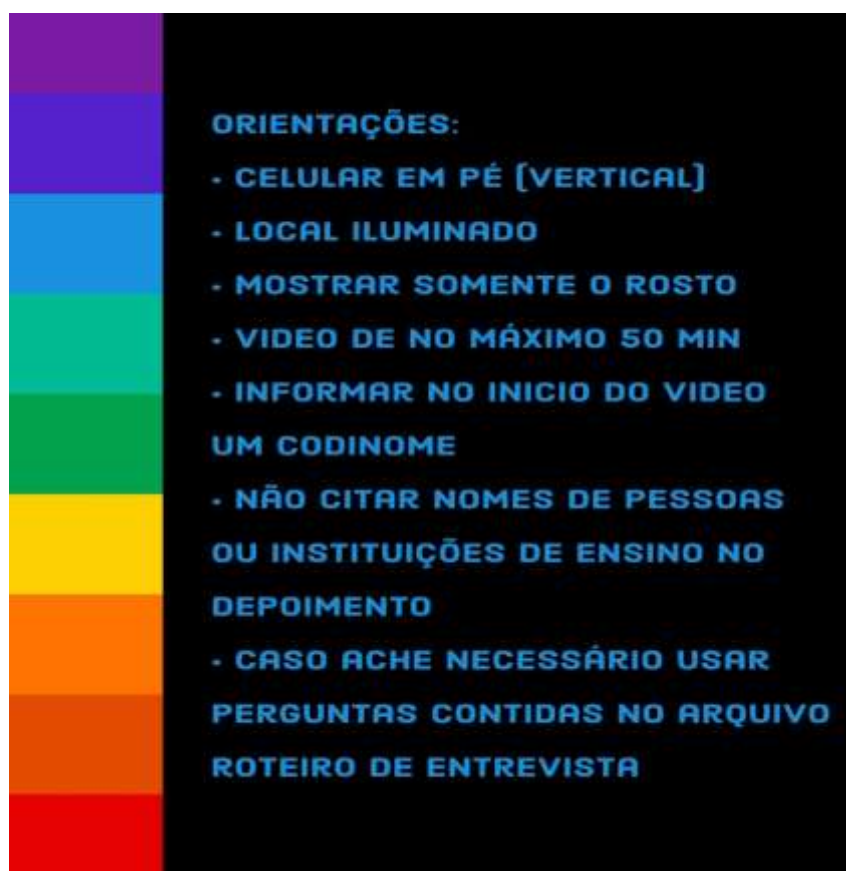
Questões norteadoras

1. Conte sobre a sua trajetória universitária durante a graduação (acontecimentos/experiências que marcaram, dificuldades, desafios, conquistas, relacionamentos interpessoais com colegas, professores, gestores, funcionários)
2. Relate situações ou acontecimentos de sua história na universidade em que o fato de ser LGBT fez diferença
3. O fato de ser LGBT+ fez com que você fosse tratado de forma diferente ou tenha ficado em situação de desvantagem na universidade?
4. Em sua trajetória universitária você já se sentiu humilhado ou hostilizado pelo fato de ser LGBT+? Em caso afirmativo, relate a (s) situação (ões)
5. Em sua trajetória universitária você já sofreu agressões verbais (como xingamentos, apelidos pejorativos, calúnia, difamação, etc) pelo fato de ser LGBT+? Em caso afirmativo, relate a (s) situação (ões)
6. Alguma vez sentiu que o fato de ser LGBT+ te tornou alvo de algum tipo de agressão física (empurrões, chutes, tapas, puxões, apertos, cuspidas, socos, tapas, etc) dentro da universidade? Em caso afirmativo, relate a (s) situação (ões)
7. Em sua trajetória na universidade alguém tocou o seu corpo, beijou, agarrou ou forçou relação sexual ou outro tipo de investida sexual contra a sua vontade? Em caso afirmativo, se desejar, relate a (s) situação (ões)
8. Em sua trajetória universitária, você ou algum amigo sofreu ataques ou comportamentos homofóbicos dentro da universidade?(caso a resposta anterior seja “sim”) Conte como isso aconteceu?
9. Os demais alunos tomaram conhecimento do que estava acontecendo? Em caso afirmativo, como eles reagiram?
10. Como você enfrentou a situação?
11. Você procurou a instituição de ensino para ajudar a enfrentar ou lidar com a situação?

12. A faculdade possuía alguma política interna, canal ou estratégia para lidar com os casos de homofobia?
13. Qual foi a posição e atitude da instituição em relação ao caso?
14. Você ficou sabendo ou presenciou outros casos de homofobia nessa faculdade?
15. O que você acha que poderia ter sido feito de diferente pela universidade para aquela situação não tivesse ocorrido?
16. Como você se sentiu naquela situação de homofobia?
17. Como você se sente hoje contando essa história?
18. Caso tenha sofrido homofobia fora da instituição de ensino, fique à vontade para contar essa história, se desejar.



ORIENTAÇÕES
TÉCNICAS
GRAVAÇÃO DEPOIMENTO



Orientações técnicas em formato audiovisual

8.3. Termo de cessão de direitos de uso de áudio e imagem



Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação (PPGCOM/ USCS)

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu,

_____,
profissão _____, RG nº _____,
CPF nº _____, residente e domiciliado na (Rua/Av.)
_____, na cidade de _____,
Estado de _____, CEP _____ concedo o uso e reprodução
de todas as imagens e som, por mim gravados e cedidos em ____/____/____ no formato de
vídeo com duração de _____, de forma a serem incluídas no Vídeo documentário
“Diário da Homofobia”- produto de dissertação de Mestrado de Danilo Gomes de Oliveira,
responsável pela pesquisa, vinculada ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em
Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

() Autorizo a divulgação dessas imagens e sons ao público em geral e o seu uso por
pesquisadores dessa instituição em produtos midiáticos acadêmicos e científicos.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do cedente

8.4. Transcrição dos Depoimentos

8.4.1. Depoimento Taiane

Vamo lá. Eu vou contar como foi minha vivência da época de faculdade por ser uma mulher lésbica. Eu fiz um curso que a maioria das pessoas julgam as garotas serem lésbicas por causa do curso e mesmo assim eu sofri muito preconceito, teve muita piada, teve muita brincadeirinha e esbarrões na época, e muita gracinha feita principalmente por parte dos garotos que não respeitavam a minha orientação.

Eu fazia Educação Física. Quando era nas horas de aulas práticas tinha todas as piadinhas de "joga como homem", "se você é assim é porque nenhum homem fez isso com você", "porque você nunca isso", era todo esse tipo de piada. Na época, eu era um pouco mais fechada, eu não falava sobre, eu já sabia da minha orientação mas não comentava sobre, então tipo...as pessoas já me julgavam mesmo sem saber.

Eu comecei a me assumir, a conversar sobre isso realmente na faculdade, que foi quando eu me soltei mais e foi quando começaram as brincadeiras, os preconceitos até de pessoas que eu julgava ser minhas amigas, que até acabaram se afastando exatamente por isso, por acharem... por na cabeça delas eu ser lésbica, elas iam imaginar que com certeza eu ia querer ficar com todo mundo, tipo, não podia ver mulher, na cabeça delas; e outras porque eram muito religiosas e por coisas que dizem não ser "não é de Deus".

É... eu lembro que, na época, isso me chateava muito, muito tipo porque as pessoas se afastaram por algo que não é uma escolha sua, que você não acordou um belo dia e falou "opa... acho que hoje é isso aí".

Me chateou muito por muito tempo as provocações, as piadinhas, é...até mesmo me tratarem como homem, sendo que eu não sou, tudo isso meio que mexeu bastante comigo na época e me ajudou dentro da faculdade é...eu fui me fechando mais, eu comecei a ficar mais no meu canto, eu participava pouco das aulas por causa das brincadeiras. Pela minha voz ser um pouco mais grave também tinha esse preconceito, "olha, já nasceu com a voz grave" por gostar de mulher e tal, e com o tempo eu fui ficando meio saturada desse tipo de brincadeira, e uma vez eu... e vendo que a faculdade e vendo que professores, que ninguém fazia nada por mim, eu uma vez juntei todos esses meninos e entrei na sala e fechei todo mundo lá dentro e falei.

Acho que foi a primeira vez que eu realmente, tipo, desabafei sobre como eu me sentia, sobre como tava sendo ruim para mim a forma que eles me tratavam, é... e eu fiquei

por muito tempo, muito tempo falando. Depois eu abri a porta e pedi que eles saíssem.

Alguns não mudaram as atitudes porque, querendo ou não, tem gente que é cabeça dura, preconceituoso... não adianta. Um ou outro veio me pedir desculpa, nós somos amigos até hoje, mudou muita coisa e a vivência conforme foi passando o tempo, as pessoas começaram meio que a me respeitar, porque eu nunca busquei aceitação, eu buscava que as pessoas me respeitassem e até mesmo hoje em dia.

E na época, como eu já disse, a faculdade não fez nada, nem professores, nem ninguém. Eu era mais fechada, tipo, não gostava de falar sobre, busquei ajuda da faculdade acho que uma única vez, depois não fui mais porque eu não gostava de ficar batendo nisso, brigando por isso, e os professores viam nas aulas e então eu acabei "deixando para lá", literalmente.

E com o passar do tempo meio que...é meio ridículo mas eu comecei a não ligar porque o certo era eu continuar meio que me defendendo, me impondo, mas eu comecei a deixar para lá porque tem pessoas que não valem a pena a discussão porque elas não são capazes de te respeitar ou aceitar algo que é de você, não tem para quê você ficar brigando. E por muito tempo foi assim, até eu terminar faculdade, me formei e depois, quando eu saí da faculdade, que ainda tinham pessoas que a gente tinha contato...esse contato foi quebrando devido a esse mesmo preconceito, a mesma forma de me tratar, porque saindo da faculdade eu já não tinha mais obrigação de manter ninguém na minha vida, de lá, Ainda mais esse tipo de pessoa.

E acabou que terminou assim dentro do meu âmbito escolar da faculdade aquilo ali.

E fora da faculdade já era outra coisa... já foram ameaças dentro de metrô por tá com roupa diferente, corte de cabelo, forma de falar, forma de me vestir é... isso a gente passa no dia-a-dia isso é normal, é, normal não é, isso a gente tem no dia-a-dia, preconceito de tudo quanto é forma. Até em emprego, que a gente acha que não vai ter, tem.

Teve uma certa vez que eu fui fazer uma entrevista de emprego e eu sempre tive uma forma de me vestir totalmente básica, e eu fui fazer essa entrevista e o empregador, ele começou a conversar comigo, fazer a entrevista, coisa básica de trabalho. Chegou uma hora da entrevista que ele me perguntou a minha orientação sexual, o que eu acho que não tinha que vir na... não tinha nada a ver, mas eu falei para ele que não sabia porque ele tava perguntando, não era pertinente ao cargo, a nenhum é no caso, mas ele falou que eu era aparentemente lésbica, que ele teve problema com outras garotas lá dentro e acabou que não contratou pelo fato da minha orientação sexual.

Eu cheguei em casa totalmente destruída, acabou comigo. E como eu sou, eu falei para as coisas que tinha que falar na hora, saí fora, não denunciei, não fiz nada porque também eu não ia ter como provar aquilo.

Mas foi algo que eu passei e que não esqueço, tanto da faculdade quanto do trabalho. E hoje em dia, no meu caso, eu tento deixar para lá esse tipo de coisa que passou e me esforçar para mostrar que o fato de eu ser ou não ser algo não muda a minha capacidade, não muda o meu esforço, não muda quem eu sou.

8.4.2. Depoimento Jardel

Olá

Eu sou o Jardel.

Me chamo Jardel Teixeira, sou jornalista e professor, e me formei em...aliás, a primeira faculdade que eu fiz foi na década de 80, eu entrei na faculdade em 1981.

O Brasil ainda era dentro do regime militar, dentro da ditadura. Nós sofriamos um regime autoritário, onde nós não poderíamos fazer nada, nós não podíamos fazer nada... nós não podíamos, sequer, expressar os nossos pensamentos... quem dirá, sentimentos.

Eu particularmente não sofri uma homofobia direta dentro da universidade, mas indiretamente amigos meus sofreram; e como nós fazíamos parte de um grupo, eles nos incluíam né, nessa homofobia discreta, como nós hoje pensamos e dizemos né porque nessa época não existia homofobia né, ela era direta, simplesmente nós não podíamos ser LGBT'S. Isso não existia, numa época ainda onde os militares administravam e tinham o poder do país. Então era uma época que tudo era preconceito, tudo gerava preconceito.

Como eu fiz um curso de comunicação, eu fiz jornalismo sendo na década de 80, havia muito respeito entre nós colegas da faculdade de comunicação, do curso de comunicação. Mas a nossa universidade, ela tinha outros cursos e os cursos de exatas eram as pessoas que nos discriminavam, porque naquela época quem fazia curso de comunicação, a maioria era LGBT.

Então um grande número de pessoas gays, lésbicas... transexuais não podia existir, era impossível, inimaginável, porque um trans entrar numa universidade...seria banido pelos grupos, pelas pessoas, até pela própria administração e secretaria da universidade. Eu não sei como que alguns trans conseguiram estudar naquela época, eu não conheço pessoas daquela época que tenham sido trans e tenham feito faculdade, mas eu acredito que deva ter sofrido muito, porque nós sofriamos direta e indiretamente.

Eu particularmente não tinha, não tive nenhum problema com as pessoas de gerarem desrespeito, ou ser atacado, ou ser agredido como muitos eram. Mas tinham aqueles que eram visados, eles eram marginalizados, eles eram hostilizados e eles eram xingados...era meio complicado porque a faculdade se dividia entre o curso de comunicação e os outros cursos, principalmente os cursos de exatas; eles nos marginalizavam, eles riam, eles nos ridicularizavam... eles estavam sempre em grupo, lógico né, eles nunca tavam sozinhos.]

Então se um de nós, que pertencíamos ao grupo dos LGBT'S do curso de comunicação e eles passavam por nós, e se nós estivessemos sozinhos, nós éramos hostilizados por eles. Eles passavam rasteira, xingavam, humilhavam, derrubavam nossas

coisas... exatamente como nós vimos em alguns filmes de adolescentes que fazem isso com os colegas na escola. Então nosso clima não era diferente disso.

Entre nós do curso de comunicação havia respeito, havia amizade, havia gentileza, mas as pessoas de fora... elas simplesmente não faziam isso, elas apenas nos ignoravam e quando elas podiam, elas nos humilhavam.

Eu estudei numa época aonde a história faz parte da minha vida porque era uma época que Brasil sofria pelo regime militar, sofria pela ditadura, porque não só o fato de ser o regime militar que era extremamente ostensivo, manipulador, autoritário, mas havia a influencia dos americanos com relação aos comunistas, com relação aos russos; existia uma guerra fria muito forte naquela época entre Estados Unidos e União Soviética... que ainda era União Soviética e isso chegava até o Brasil, por que?

Porque o Brasil sempre foi um país que sempre foi muito submisso aos Estados Unidos, e é ainda até hoje. Talvez pela comercialização, pelo livre comércio, pelo fato de ele ser um país extremamente forte no mundo, é uma potência, é um país rico, e nós ainda batemos continência para eles vamos dizer assim né, para não entrar num outro assunto que eu vou fugir do que eu quero dizer.

Então eu digo para vocês, era uma época difícil porque os LGBT'S não podiam se expressar, hoje em dia as pessoas andam de mãos dadas na rua, se beijam, trocam carinhos, vão ao cinema, se abraçam... naquela época não podia nada disso. Os policiais eram extremamente rígidos e orientados a fazer uma certa pressão com relação aos LGBT'S de São Paulo.

Existia um delegado que era um demônio, vamos dizer assim. Ele era extremamente preconceituoso, homofóbico, louco, e ele perseguia os homossexuais principalmente porque havia uma classe artística que frequentava... frequentava não, eles trabalhavam nos teatros, nas boates, era uma época muito rica culturalmente, foi uma época culturalmente muito rica principalmente musicalmente nos anos 80; então haviam muitos bares onde os grupos cantavam ao vivo, e todos esses grupos que hoje nós de uma certa forma homenageamos, que de certa forma foram grupos importantíssimos, artistas importantes na década de 80 na música popular brasileira e do rock nacional, foi quando surgiu o rock nacional ; então foi uma época culturalmente rica onde o teatro, a cultura, as exposições e musicalmente foi muito forte...e eu novamente tô fugindo do assunto.

Então o que acontecia, havia um regime onde nós éramos extremamente ultrajados e isso reverberava no seu ambiente de trabalho, nas universidades , logico. Eu trabalhava no Centro de São Paulo e estudava no Morumbi, que era bem longe, então nós só tínhamos duas

linhas de ônibus que faziam o percurso para a faculdade, que era abarrotado de gente dentro do ônibus; um ônibus antigo, pequeno e as pessoas iam uma em cima da outra...e isso era bem complicado, e isso gerava um certo desconforto quando juntavam-se alguns cursos que eram rivais, principalmente pelo fato de existir o grupo LGBT do grupo de comunicação e os heteronormativos que faziam outros cursos, que até na hora dos ônibus apertados eles toleravam; mas ao sair dos ônibus eles xingavam algumas pessoas, brigavam, chutavam algumas pessoas, e isso não era nada agradável, era uma falta de respeito muito grande.

Vivendo isso, foi uma época que foi uma descoberta para mim porque sempre namorei e sempre me vi como heteronormativo, e eu não era; e ao mesmo tempo eu me abri e descobri um novo mundo, nesse mesmo período que eu entrei na faculdade. E colegas me levaram a conhecer a noite LGBT de São Paulo, que era tremendamente efervescente; eram boates e bares que funcionavam de segunda a segunda, alguns lugares não tinham dias de folga ou que não funcionasse... era um outro período e acho que hoje não existe mais, as boates e os bares tem os dias que eles tão abertos e os dias que eles tão fechados e hoje as pessoas não saem mais durante a semana. O custo de vida é muito alto.

Mas naquela época, apesar de sofrermos com uma inflação enorme, nós ainda conseguíamos sair e ir a alguns lugares durante a semana e, principalmente quando estávamos na faculdade. Então nós trabalhávamos o dia inteiro, íamos para a faculdade, estudávamos, participávamos das atividades e depois a gente saía para algum lugar, para uma boate ou para algum bar ou para alguma festa.

Na época da faculdade as festas surgem do nada. Você tá lá fazendo prova e de repente entra um cara e fala:

“Nossa, tem uma festa X muito bacana em tal lugar. Vamo para lá?”

E aí ia todo mundo para lá.

E assim foi.

Muitos de nós, eu principalmente, era extremamente boêmio, muitas vezes eu ia trabalhar direto, sem dormir. Eu voltava para casa, tomava um banho, tomava um café e ia trabalhar, porque eu tinha emendado a noite e tinha que ir trabalhar e tinha que estudar de novo.

E assim foi indo.

Em 95... Minto, em 85 foi quando terminou o período da ditadura, que o General Figueiredo entregou o cargo e possibilitou as eleições indiretas. Nós brigávamos por eleições diretas. Nesse momento eu acho que, politicamente, todos os alunos da universidade, nós participamos de muitas passeatas pelas Diretas Já e, em função disso, uniu todas as tribos

dentro de um grupo só.

Com o passar do tempo as pessoas passaram a se enfrentar mais. Foi uma época aonde os gays se rebelaram muito porque houve como se um grupo muito grande, não só no Brasil, mas em vários países, principalmente nos Estados Unidos, ele se libertaram, eles “saíram do armário”, então houve muitos eventos no mundo todo de manifestação, de orgulho, de manifestar o orgulho de você ser homoLGBT.

Isso refletiu muito no Brasil, onde artistas deram entrevistas, saíram do armário, fizeram declarações. Houve uma... Como se fosse uma explosão de gestos, atitudes e manifestações dos brasileiros, porque vivíamos um período de extrema censura e de um extremo sistema político, que era repressor.

Então, além de sermos LGBT e vivermos dentro de um armário, nós vivíamos dentro de uma redoma onde não podíamos falar nada; nem bem, nem ruim, e muito menos se expressar e manifestar nossos sentimentos e as nossas posições políticas. Então tudo isso, houve uma mudança nessa mesma época, então houve o crescimento de valorização do LGBT, onde ele conseguiu se impor como iguais porque houve uma... Um espanto por parte dos outros, e principalmente dos preconceituosos da época, que eram extremamente radicais, tiveram que recuar porque os LGBT começaram a agredir, agredir não, começaram a revidar as agressões, os xingamentos, as rasteiras, os empurrões e tudo que acontecia dentro de uma universidade ou até mesmo fora dela.

Mas na universidade, como ela é regida por grupos, por tribos, então existem vários grupos que se reúnem e esses grupos e eles debatem, eles se enfrentam. Mas os LGBT dessa época, eles começaram a enfrentar os heteronormativos e com isso tivemos um passo, e começamos a ter uma notoriedade, um desbravamento até com relação ao delegado que, de uma certa forma, humilhava os funcionários e os profissionais da noite, e eles tiveram que recuar, a polícia também teve que recuar.

Era uma época que você saía na rua de madrugada, você tava voltando para casa de uma balada, de uma festa, de um encontro, os policiais te paravam na rua, te revistavam, te humilhavam... Não só pelo fato de você ser LGBT ou não, mas pelo próprio regime militar imposto pela polícia militar, que andava e fazia rondas na rua. E nas universidades isso não era diferente porque todo prédio universitário existem seguranças que são extremamente...na época eram extremamente radicais e preconceituosos, então houve uma rebeldia, houve um revidamento dos LGBT'S nas universidades, muitos começaram a se impor, não só nas universidades particulares como nas estaduais, nas federais; na USP por exemplo, eles começaram a fazer manifestações, em outras universidades do país começaram a mostrar que

os LGBT'S tinham os mesmo direitos que os outros universitários.

É muita para eu contar num curto espaço de tempo e desculpa se eu tô confundindo as áreas, os momentos; porque assim, eu só tinha 19 anos e isso começou em 1981, hoje nós estamos em 2020 né...Então é muito tempo que passou, muita coisa aconteceu.

Mas os anos 80 foi uma década aonde houve muitos rompimentos e um deles foi a libertação e o desbravamento e a coragem dos LGBT, que se assumiram para poder se impor como seres humanos, com os direitos a qualquer pessoa, os mesmos preconceitos que os negros, ciganos, índios sofriam os LGBT sofriam muito, acho que até mais. E eles se libertaram e começaram a brigar pelos seus direitos, então toda universidade precisa ter muito cuidado.

Hoje eu acredito que isso não seja uma coisa muito visível porque nós já temos uma lei que nos favorece, a homofobia é um crime. Então se alguém falta com respeito a você ou agride você, ele tá cometendo um crime pelo fato de você ser um LGBT.

Naquela época isso não existia, era um sonho que só agora foi acontecer. Mas naquela época começou.

Se naquela época nós não tivéssemos entrado nesse desbravamento, nesse desmatamento, porque foi como se tivéssemos entrado numa mata virgem e começar um caminho, e traçar uma trilha nova e diferente para que pudéssemos chegar a algum lugar onde hoje nós temos uma posição e temos uma postura diferente, temos um caminho.

E hoje existem novas brigas, eu acho que o LGBT precisa brigar mais pelo acesso a educação gratuita, barata, e é necessário. Um país sem educação não é nada, ele simplesmente não existe, então eu acho que a educação rege tudo, ela movimenta todas as áreas, todos os momentos, ela ocupa um lugar muito grande na sociedade, e muito importante.

Então as universidades precisam se manter atualizadas e precisam ser gentis com as pessoas. Hoje a postura de um inspetor, de um diretor é completamente diferente da época que eu estudei, então se você entrava numa diretoria porque você tinha brigado para se defender de um cara que bateu em você simplesmente por ser mero preconceito, o diretor não ia a favor de você, ia a favor do agressor e simulava uma situação que você era o malfeitor e a ovelha negra da turma.

Hoje isso não existe e nem pode, porque se isso ocorrer ele é denunciado, deposto do cargo. Então hoje as coisas estão mais fáceis, mas existe o preconceito camuflado, então algumas pessoas ainda são radicais, hoje nós vivemos um momento muito triste e muito infeliz porque nós vivemos um retrocesso psicológico e administrativo de sistema de governo... Porque nós vivemos um momento que nós voltamos 40 anos para trás.

Hoje, se eu disser para vocês que nós estamos passando para um momento tão retrógrado que se eu for comparar o ano de 1980 e 2020, eu digo que 1980 eu conseguia me expressar mais, tinha um pouco mais de liberdade, apesar de nós vivermos um sistema...um regime ditatorial, um regime político intragável, mas hoje nós temos um governo que de uma certa forma propaga o ódio e essa manifestação, gerando mais preconceito.

Existem pessoas que estão administrando o nosso país que não sabem o poder que tem e ao mesmo tempo eles não sabem a ignorância que eles vivem, o meio restrito, as besteiras, as imbecilidades que eles falam e que eles pensam, e que eles propagam.

Então hoje as universidades, elas estão passando por um momento muito difícil porque a educação está passando por uma reestruturação. Não só as universidades, mas desde o ensino infantil, a educação infantil, o ensino médio, o ensino fundamental; então os professores têm que se atualizar muito, viver problemas que nunca imaginaram vivenciar numa sala de aula, como é identidade de gênero.

Hoje as pessoas, elas têm o livre arbítrio de viver o gênero que ela deseja ser, então eu posso ser uma pessoa não binária por exemplo. O que significa uma pessoa não binária?

Eu poderia viver dentro dos dois gêneros, o masculino e o feminino, eu poderia mesmo com essa barba e com a idade que eu tenho, eu poderia tá maquiado, com cílios postiços enormes e ir para a faculdade e assistir aula. Eu estaria sendo uma pessoa não binária.

Isso é uma coisa que os professores, os diretores, os reitores, coordenadores estão tendo que aprender a lidar com isso, porque as orientações sexuais e as identidades de gênero estão muito diversificadas.

Naquela época que eu estudei, que eu fiz a primeira faculdade, eu já fiz 4 faculdades e já fiz uma pós-graduação também, eu percebo que tudo tá diferente da época que eu estudei para hoje. Mas eu acho que temos muito para aprender, para caminhar, para viver, e só o que eu espero é que nós possamos ter um ambiente saudável, de respeito, generosidade, delicadeza, gentileza, em que todos nós possamos estramos felizes de vivermos como somos e obtermos das pessoas o respeito e a generosidade de que somos iguais, mesmo sendo diferentes.

Eu agradeço poder fazer meu depoimento e agradeço imensamente de poder falar algo que fez parte da minha vida e que fez parte da minha história, e ao mesmo tempo fiz história. É um pouco da história da cidade, do Estado, do país porque eu sou uma pessoa com idade avançada e vivi algumas coisas que os jovens de hoje não conhecem.

Obrigado.

8.4.3. Depoimento Allyson

1 - Allyson Cardoso - " Olá, meu nome é Allyson, tenho 27 anos e me formei em 2018.

No período que eu estava cursando aconteceram dois fatos que me deixaram bem triste. Um foi dentro da faculdade e outro no transporte público.

Bom, vou sobre o primeiro, que foi dentro da universidade, que aconteceu durante uma atividade em grupo, e nesse grupo era eu, duas amigas e esse menino. Eu sempre fui uma pessoa muito gentil, extrovertida e enfim, sorridente, e no dia dessa atividade esse menino do grupo já não ia muito com a cara e ele não aceitado pela turma pela maneira arrogante como ele lidava com a gente.

Era um menino de classe média alta que já "tava" trabalhando na área e que se sentia melhor que todo mundo ali naquele lugar. Dessa vez no grupo eu e minhas amigas, a gente quis ser gentil com ele e a gente chamou ele para fazer com a gente, mas só que não foi tudo legal.

Enfim, é... teve um dia que a gente "tava" na atividade e aí ele falou: " Nossa, que bom que nesse grupo tem um homem."

E aí eu meio que " fiquei meio assim" mas depois entendi sabe... ele falou num tom de graça, mas aquilo me magoou muito e tipo, eu não sou uma pessoa agressiva e na hora assim eu nem pensei em falar para alguém, depois eu só comentei com as minhas amigas, mas eu não nem em ir na coordenação, falar com o professor e nem respondi para ele. Eu só reagi, fiz uma expressão meio que sem graça e só...é uma coisa tão forte que abala assim no nosso íntimo que, pelo menos comigo, que trava assim véio, que tipo, a pessoa tá me julgando pelo que eu sou sabe.. então eu reajo muito de uma forma de criar esses bloqueios mesmo, eu não consigo me expressar muito bem em relação a isso por não me sentir a vontade e por fazer parte do meu íntimo mesmo, sabe?

Mas enfim, as coisas hoje são diferentes. Hoje eu consigo me expressar melhor e sempre que eu escuto um comentário homofóbico a respeito de mim, que sou gay, como de alguém transexual, enfim, eu sempre rebato com algum comentário, mas não de uma forma agressiva e sim sempre explicando o motivo e aí eu acabo passando um pouco da vida daquela pessoa para quem fez o comentário maldoso... e aí eu acho que é a melhor forma de fazer isso.

Bom, esse foi o primeiro caso.

* o entrevistado pausa e se ajeita na cadeira *

Tanto que quando isso aconteceu na faculdade eu nem quis mais ter contato, nem

compreender a pessoa. A gente tava num semestre é... se não me engano, o quinto ou quarto e aí ele chegou no meio sabe...ele não tava com a gente desde o início, então eu sempre vi assim uma forma de incluir, uma forma de tentar entender ele e sei lá sabe...mas daí, acabou sobrando para mim mesmo, enfim, essas coisas acontecem.

Bom, é... o segundo fato, esse foi muito pesado, muito pesado mesmo.

É...o meu caminho para ir para a faculdade, eu pegava um ônibus e depois um trem e depois eu andava até a faculdade. Bom, quando eu tava dentro do trem, eu estudava de manhã, o trem estava extremamente lotado né...então todo mundo muito apertado e enfim, só sobrando ... nem sobrando espaço para o ar, mas enfim.

Dessa vez eu tava no trem e aí eu...o único lugar que eu consegui ficar foi ali próximo da porta mesmo, onde ela abre e as pessoas entram, então é o pior lugar, pelo menos é o que eu acho. E aí, beleza, eu tava lá na porta todo prensado aqui e aí tranquilo... e aí chegou perto da estação eu escutei um homem gritando trás de mim, tipo...mas não era um grito de desespero, era um grito meio de prazer mesmo sabe?

E aí eu, tipo, sabe aquele grito tipo "ahhhwnn" (semelhante a um suspiro de prazer)... eu não entendi sabe véi...e eu sei lá, eu tava em outro lugar assim que eu não percebi nada, mas ele tava abusando de mim. Foi triste.

Eu senti um nojo naquele momento véi, eu de novo não consegui reagir, é... eu tava com vergonha, eu sentia vergonha por ele e... não sei, não soube reagir. As pessoas em volta olharam, eu olhei também e não entendi, depois que eu liguei as coisas, mas assim, eu não senti aquela pressão forte em mim, sabe?

Mas quando eu percebi foi só o momento que ele tava gritando né ... e aí eu liguei as coisas e falei: "Putaquepariu mano!"

Enfim, foi um trauma do caramba, dentro do trem. E era um senhor.

Não era um jovem, não era um cara mais de idade assim...coroa, era um senhor mesmo, e aí logo ele desceu, a porta abriu, ele gritou e logo desceu nessa estação.

É os meus dois relatos que eu me senti super humilhado, foram esses dois. E aí nesse do trem eu também não busquei conversar com ninguém, nenhum guarda... porque porra, eu tava...desculpa o palavrão, eu tava sem reação e sei lá. Na hora assim eu não sabia o que fazer, tanto...enfim, eu parei, parei mesmo, depois não fui atrás disso nem para pegar nas câmeras nem nada ... é isso.

É...a gente tem que tá atento a essas coisas né, para que não aconteçam mais com outras pessoas.

É foda isso.

Bom, eu sempre penso que, para lidar com o preconceito é sempre duma forma muito... muito educativa assim, você explicar para a pessoa. Nesse caso do trem não tinha nem o que explicar né?

Tipo, falar :

" Porra, isso é extremamente errado, não faz isso, vai se tratar, você deve ter algum problema psicológico e tal..."

Mas no caso do menino lá da faculdade é tentar explicar sabe...enfim, em outros casos também, com racismo, com as mulheres. E sempre consciente, não da forma agressiva, é a forma que eu acho certa assim, pelo menos para mim faz mais sentido lidar com os preconceitos assim... e esse é o meu relato.

É isso...espero colaborar aí com o seu projeto e é isso.]

Tamo juntos aí na luta contra todas essas coisas que não incluem nós ... tô muito tímido para falar, tá bom?

É nós!

8.4.4. Depoimento Billy

Pode me chamar de Billy nesse vídeo.

A minha experiência dentro da universidade foi bem tranquila, apesar de um episódio muito constrangedor que aconteceu comigo.

Eu nunca gostei de falar nada para ninguém porque, tipo, eu nunca gostei de entrar na caixinha da sociedade como um todo. E o que aconteceu quando eu decidi contar para alguém?

Logo no início da faculdade eu contei para um amigo meu que eu era bissexual e tal, e para minha surpresa uma pessoa de outro curso, que eu não conhecia, veio me dar ideia e do nada ele soltou que ele sabia que eu era bissexual porque uma amiga dele contou para ele. Aí ele me contou nome dela e tal, e aí ele me contou o que aconteceu.

Esse amigo para quem eu contei ele foi mentir para o grupo dele que eu tinha tentado fazer um oral nele dentro da universidade isso. E meu, são duas coisas que me abalou muito; primeiro porque eu não fiz isso ne, não existiu essa tentativa, segundo porque eu sempre respeitei essa instituição da universidade em si, para mim então seria desrespeito dobrado.

Então assim, isso me deixou muito magoado e fez com que eu me fechasse mais ainda, mas assim, até certo ponto. Porque, o que aconteceu, eu não deixei de confiar nas pessoas que eu conhecia, mas eu comecei a me apresentar de forma diferente para as novas pessoas que eu conheci.

Então isso serviu até de start para que eu já comesse a me apresentar de acordo com a minha orientação sexual para as pessoas. Então, ao mesmo tempo que isso é muito constrangedor para mim, fez com que eu ligasse a chavinha e falasse “mano, ninguém tem nada a ver com a minha vida, eu não preciso esconder nada de ninguém”, até porque eu não escondia, eu não escondia nada porque eu sempre achei ridículo a ideia de ter que entrar dentro de uma caixa para ser aceito na sociedade homofóbica.

Então o que eu fiz, eu comecei a falar para os outros de forma natural, e aí eu fui desconstruindo toda essa questão que foi criada.

Então assim, esse foi um momento muito constrangedor que eu passei dentro da universidade em relação a orientação sexual né. Mas também foi a única vez, fora isso nunca mais eu tive problema nenhum.

Em relação a atos de homofobia dentro da instituição eu já presenciei algo que foi muito chato, foi com um amigo meu. A gente tava num trailer que existia no pátio da universidade e no momento que esse meu amigo entregou o dinheiro para o atendente, um cara de um outro curso virou e falou “cuidado esse dinheiro vai te deixar com a munheca

quebrada”, uma coisa assim sabe; eles quis dizer que ele pegando o dinheiro da mão de um gay, ele ia virar homossexual também.

Eu fiquei puto disso porque todo mundo em volta começou a rir da cara desse meu amigo. Para você ter uma ideia, foi tão rápido, foi tudo tão rápido que meu amigo na hora não teve reação, ele ficou em choque.

O que eu fiz?

Eu encontrei a pró reitoria no , logo depois, encontrei ele passeando... passeando não, fazendo uma volta ali e contei para o pró reitor. Ele falou que ia tomar as decisões cabíveis e tudo mais , mas até hoje eu não sei, se passaram alguns anos.

Eu fiquei constrangido, eu fiquei muito bravo com essa situação. Assim, conversei com o atendente depois, ele pediu desculpa, mas mesmo assim, é aquela questão de piada, de preconceito vestido de piada e isso me deixou muito chateado.

Mas assim, foram poucas as vezes que eu presenciei, que eu vivenciei questão homofóbica dentro da universidade. Eu acho que o pessoal, por mais que existem pessoas preconceituosas , mas também a gente vive...pelo menos a minha bolha, a bolha que eu vivo, ela é muito aberta, ela é muito livre desses tipos de preconceito.

Eu acho que isso ocasionou tão poucos acontecimentos homofóbicos na universidade ne, mas claro, na sociedade em si a gente sabe que existe.

Sim, eu posso dizer que sou privilegiado por ter uma bolha ou por ter amizades, por ter pessoas ao redor que não são preconceituosas, mas foram dois fatos apenas que me marcaram muito dentro da universidade, em que eu vivenciei a homofobia.

De acordo... Desculpa. Um foi o caso que eu só confiei em alguém para contar sobre a minha orientação sexual e já foi levado mentira porque ele quis ter assunto, ele queria contar para alguém que ficou sabendo da minha orientação sexual, então ele criou um assunto para ter motivo para falar para os demais e isso é muito triste né.

Só foi inventado isso para criar uma fofoca, para poder fazer uma fofoca sobre a minha orientação sexual. Então isso me deixou muito chateado na época, tanto que eu só vim mesmo falar da minha sexualidade quando eu comecei a namorar um rapaz, até então eu tava me lixando para o que os outros tavam pensando.

Mas assim, quando eu resolvi trazer alguém para minha vida , eu assumi e pronto, assumi a pessoa no caso. Mas de resto, eu tive uma vivência muito boa dentro da universidade, do meu entorno todas as pessoas que eram assumidas , o único fato mesmo que eu vi de homofobia foi esse que eu citei na lanchonete, mas caso contrário, mais nada.

Então assim, eu vejo a minha trajetória na universidade como muito tranquila em relação a isso. Não posso falar mais, mas o que eu vivi dentro da universidade foi isso.

Eu nunca vi nenhuma gestão, nenhum professor, nenhum funcionário tendo alguma atitude homofóbica, eu sempre vi todo mundo abraçando todo mundo de uma forma muito agradável sabe. Mas eu sei que não é assim em todos os lugares.

Então meu relato é esse. Eu tive essas duas vivências, mas que me marcaram muito, porque tipo, uma eu me senti traído, porque foi uma quebra de confiança e a outra eu me senti revoltado, muito revoltado mesmo porque foi uma piada muito cretina, foi uma coisa muito escrota de ser dita, ainda mais ali, no meio de todo mundo, onde todo mundo começou a rir, como se ser homossexual fosse piada.

Então assim, esses dois pontos foram muito marcantes para mim dentro da universidade em questão de homofobia. Mas fora isso eu nunca vi ninguém tendo um problema mais grave de agressão, de violência, eu sempre vi todo mundo ali muito aberto, muito mais livre de preconceito do que com essa carga negativa.